



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

## **Reabilitação Arquitetónica**

### **História Raiana da Nascente do Côa - Concelho do Sabugal**

**Miguel Mário Martins Neto**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Michael Mathias

Covilhã, Outubro de 2015



## Dedicatória

Em memória aos “MEUS PAIS” que ainda me viram iniciar esta caminhada e onde quer que se encontrem certamente me acompanham neste passo da vida pelo ensinamento de trabalho, simplicidade e honestidade com que me educaram.

À minha filha Clara e à minha esposa Paula, que sempre compreenderam a minha ausência durante esta etapa da nossa vida e que em tudo me apoiaram, acompanharam e até mesmo encorajaram a ultrapassar os momentos mais difíceis. Espero de futuro conseguir retribuir-lhes com a dedicação e o amor que tanto merecem.



# Agradecimentos

Ao Professor Doutor Michael Mathias, orientador desta dissertação, pela colaboração na organização do trabalho, indicações de pesquisas e por todo o tempo e conhecimentos disponibilizados.

Aos Professores, Funcionários e Colegas da UBI, que me acompanharam ao longo deste percurso.

Ao Município do Sabugal pela colaboração dada através de informação obtida.

Aos meus Dirigentes e Colegas de trabalho que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que eu pudesse atingir mais um objetivo da minha vida.

A todos, um grande “*BEM HAJA*”.



# Resumo

Pretende-se aqui a apresentação de um estudo sobre a zona do Alto Côa que vá de encontro à apresentação e caracterização do edificado e paisagens existentes para avanço de medidas de atuação, tais como melhoramento de acessos, transportes, elementos edificados, interligação com redes turísticas e termais, promoção e divulgação, que colmatem a sucessiva redução de povoamento na região, o rejuvenescimento e fixação de população, o respeito pelas medidas ambientais, o restabelecimento e incremento de atividades tradicionais de âmbito cultural locais e regionais de ligação com o concelho, como são os casos gastronómicos, etnográficos, tauromáticos, religiosos e sociais, aliados ainda à caça e à pesca, acrescentando uma boa rede viária e de flexibilidade de transportes de e para a sede do concelho, bem como outros pontos principais de interesse e/ou de acessibilidade, tudo num sentido unilateral de dinamização, divulgação (nacional e internacional) e de aproveitamento, para que se caminhe em convergência para um ponto de forte desenvolvimento e consolidação económica.

Assim, e de acordo com o pretendido, far-se-á o levantamento das situações existentes através de consultas bibliográficas, consultas eletrónicas, medições e fotografia, bem como a apresentação de supostas soluções de melhoria e de atratividade de atividades para o local, como são os casos de espaços museológicos, comércio, serviços, desportos, percursos pedestres e rotas de intercâmbio com localidades envolventes e não envolventes, podendo-se tomar como exemplo o intercâmbio com outros parques termais nacionais e internacionais.

Finalmente, far-se-á um estudo prévio de intervenção arquitetónica no antigo balneário do Cró, que se passa de ora em diante a designar de “A CASA DAS TERMAS”.

## Palavras-chave

Reabilitação, História, Turismo Rural, Tradições, Natureza, Termas



# Abstract

It is intended to present a study on the “Alto Côa” area that meets the presentation and characterization of the buildings and existing landscapes to advance performance measures, such as improving access, transport, built elements, interconnection with tourist networks and spa, promotion and advertising, which avoid the successive reduction of settlement in the region, rejuvenation and population fixation, respect for environmental measures, the restoration and development of traditional activities of local cultural context and regional liaison with the region, as are the gastronomic, ethnographic, “tauromáticos”, religious and social cases, allies still with hunting and fishing, adding a good road network and transport flexibility to and from the center region, and other major points of interest and / or accessibility, all in a unilateral sense of dynamism, distribution (national and international) and opportunity to walk in convergence to a strong point of development and economic consolidation.

In accordance with the intended, should be made the register of existing situations through bibliographic and electronic consultations, measurements and photography as well as the presentation of improvement solutions and activities to appeal to the scene, as are the cases of museum spaces, shops, services, sports, walking nature and exchange routes with near and far locations, can be taken as an example exchanges with other national and international thermal parks.

Finally, we will made a previous study of architectural intervention in the old bathhouse resort of “Cró”, that will called from now to " A CASA DAS TERMAS ".

# Keywords

Rehabilitation, History, Rural Tourism, Traditions, Nature, Spa



# Índice

CAPÍTULO 1 .....	1
INTRODUÇÃO .....	1
1.1 <i>Objetivos</i> .....	1
1.2 <i>Metodologia</i> .....	1
1.3. <i>Caracterização antropológica e histórica da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal</i> .....	2
1.3.1. Aspectos geográficos da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal .....	2
1.3.2 Aspectos históricos da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal .....	11
1.3.3 Outras considerações sobre os aspetos geográficos e históricos da bacia hidrográfica do Côa e do concelho do Sabugal .....	21
CAPÍTULO 2 .....	22
CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONCELHO DO SABUGAL .....	22
2.1 HISTORIAL DO CONCELHO DO SABUGAL .....	22
2.2 AS “CINCO VILAS” FORTIFICADAS DO CONCELHO DO SABUGAL .....	29
2.3 POPULAÇÃO, ÁREAS E DISTRIBUIÇÃO .....	34
CAPÍTULO 3 .....	37
CARACTERIZAÇÃO FÍSICA .....	37
3.1 MODELO DIGITAL DO TERRENO .....	37
3.2 DECLIVES .....	39
3.3 EXPOSIÇÃO .....	40
3.4 HIDROGRAFIA .....	41
3.5 GEOLOGIA .....	42
3.6 CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA .....	43

CAPÍTULO 4.....	43
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA .....	43
4.1 POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (1981/1991/2001) E DENSIDADE POPULACIONAL.....	44
4.2 POPULAÇÃO RESIDENTE POR CENSO E FREGUESIA (2011) E DENSIDADE POPULACIONAL.....	44
4.3 NATALIDADE E MORTALIDADE .....	44
4.4 ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO.....	45
4.5 ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO (1981/1991/2001) E EVOLUÇÃO (1981/1991/2001).....	45
4.6 POPULAÇÃO POR SECTOR DE ATIVIDADE (%) 2001 .....	45
4.7 TAXA DE ANALFABETISMO.....	45
CAPÍTULO 5.....	46
CARACTERIZAÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS.....	46
5.1 REDE RODOVIÁRIA DO MUNICÍPIO .....	46
5.2 EFICIÊNCIA ENERGÉTICA .....	49
5.3 REDE DE PONTOS DE ÁGUA NA TOTALIDADE DA ÁREA ABRANGIDA PELO CONCELHO .....	50
CAPÍTULO 6.....	51
HISTÓRIA E CULTURA LOCAL .....	51
6.1 ELEMENTOS DE HISTÓRIA, ATIVIDADES, FESTAS E TRADIÇÕES .....	51
6.1.1 <i>Os castelos</i> .....	51
6.1.2 <i>Tradições</i> .....	52
6.1.2.1 <i>As Capeias (espetáculos tauromáticos)</i> .....	52
6.1.2.2 <i>Gastronomia</i> .....	58
6.1.2.3 <i>A cultura da Etnografia, da Música, Jogos Tradicionais e Atividades</i> .....	63
6.1.2.4 <i>Nascente do Côa, Turismo e Rotas de Contrabando</i> .....	66
6.2 FAUNA E FLORA.....	68
6.2.1 <i>Principais Atividades Agrícolas produtivas e de subsistência</i> .....	72
6.3 ELEMENTOS FÍSICOS: GEOMORFOLÓGICOS E GEOLÓGICOS.....	75

6.4 RECURSOS HÍDRICOS DO CONCELHO DO SABUGAL .....	76
6.4.1 Principais relações dos recursos hídricos com o Parque Termal do Cró .....	76
6.4.2 As águas do Cró, do concelho e relações com estâncias envolventes.....	76
CAPÍTULO 7 .....	81
ALDEIAS CONTÍGUAS AO PARQUE TERMAL .....	81
CARACTERIZAÇÃO GERAL .....	81
7.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FREGUESIAS ENVOLVENTES .....	82
7.2 AS TERMAS E RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE E POPULAÇÃO.....	88
7.3 OUTROS RECURSOS HÍDRICOS, NATURAIS E HISTÓRICOS DE INTERESSE.....	92
CAPÍTULO 8 .....	94
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ZONA DO PARQUE TERMAL DO CRÓ - “A CASA DAS TERMAS” .	94
8.1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	94
8.2 REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO, PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO.....	96
8.2.1 O piso inferior .....	97
CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS .....	100

## ANEXOS



# Lista de Figuras

FIGURA 1 - RUÍNAS DA IGREJA DE SANTA MARIA DO CASTELO, VILAR MAIOR (FONTE: AUTOR, 2015) .....	13
FIGURA 2 - IGREJA MATRIZ, VILAR MAIOR (FONTE: AUTOR, 2015) .....	14
FIGURA 3 - IGREJA DA MISERICÓRDIA, SABUGAL (FONTE: CAPEIAARRAIANA, 2013).....	15
FIGURA 4 - IGREJA DE S. JOÃO, SABUGAL (FONTE: TRABALHINHOSDAVO.BLOGSTOP, 2011).....	15
FIGURA 5 - IGREJA DA MISERICÓRDIA, ALFAIATES (FONTE: AUTOR, 2015).....	16
FIGURA 6 - IGREJA PAROQUIAL, ALFAIATES (FONTE: AUTOR, 2015) .....	17
FIGURA 7 - SABUGAL VELHO, FREGUESIA DE ALDEIA VELHA (FONTES: PLANETA CLIX, 2002, AUTOR, 2015; CINCOQUINAS, 2013).....	18
FIGURA 8 - RUÍNAS DE “CARIA TALAYA” E CAPELA DE SR <sup>a</sup> . DOS PRAZERES, RUVINA (FONTES: GOOGLE EARTH, 2015; AUTOR, 2015).....	20
FIGURA 9 - LOCALIZAÇÃO DO CONCELHO DO SABUGAL NO ÂMBITO NACIONAL (FONTE: PORTUGALFOTOGRAFIAAEREA, 2011).....	22
FIGURA 10 - CASTELO DO SABUGAL (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015).....	22
FIGURA 11 - SETEIRA DE FORTIFICAÇÃO (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015) .....	23
FIGURA 12 - TORRE DO RELÓGIO, SABUGAL (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015).....	24
FIGURA 13 - RIO CÔA, SABUGAL (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015).....	25
FIGURA 14 - IMAGEM FIGURATIVA, SABUGAL (FONTE: CAPEIAARRAIANA, 2011) .....	25
FIGURA 15 - REI “D. DINIZ” (FONTE: SITE.CMSABUGAL, 2015).....	26
FIGURA 16 - CASTELO DO SABUGAL (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015).....	27
FIGURA 17 - CASTELO DO SABUGAL (FONTE: SITECMSABUGAL, 2015).....	28
FIGURA 18 - CASTELO E MURALHA DA “VILA DO SABUGAL” (FONTES: 360PORTUGAL, NUNO TAVARES, 2005; DUARTE D’ARMAS, 1495 1521) .....	29
FIGURA 19 - CASTELO E MURALHA DA “VILA DO SORTELHA” (FONTE: AMÉRICO ALMEIDA, 2006; 360PORTUGAL, 2005; ).....	30
FIGURA 20 - CASTELO E MURALHA DA “VILA DE ALFAIATES” (FONTE: TERESA D. REIS “RUTA DE LOS CASTILLOS”, 2011; 360PORTUGAL, 2005) .....	31

FIGURA 21 - CASTELO E MURALHA DE “VILAR MAIOR” (FONTES: CCDRC, 2007; ANTÓNIO CUNHA - CIENCIA VIVA, 2012) .....	32
FIGURA 22 - CASTELO E MURALHA DE “VILA DO TOURO” (FONTE: GUIADACIDADE, 2011).....	33
FIGURA 23 - CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP E CMS, 2009).....	36
FIGURA 24 - MAPA HIPSOMÉTRICO DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, IGEOE E CMS, 2009).....	38
FIGURA 25 - MAPA DOS DECLIVES DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, IGEOE E CMS, 2009).....	39
FIGURA 26 - MAPA DE EXPOSIÇÕES DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, IGEOE E CMS, 2009) .....	40
FIGURA 27 - MAPA HIDROGRÁFICO DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, IGEOE E CMS, 2009) .....	41
FIGURA 28 - MAPA DA DESIGNAÇÃO LITOLÓGICA DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, APA E CMS, 2009) .....	42
FIGURA 29 - MAPA DA REDE VIÁRIA (FONTES: IGP, INE E CMS, 2009) .....	46
FIGURA 30 - MAPA DA REDE VIÁRIA FLORESTAL DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTES: IGP, AFN E CMS, 2009).....	48
FIGURA 31 - MAPA DOS PARQUES EÓLICOS (FONTES: IGP, INE E CMS, 2009) .....	49
FIGURA 32 - MAPA DA REDE DE PONTOS DE ÁGUA (FONTES: IGP, INE E CMS, 2009).....	50
FIGURA 33 - LOCAIS HISTÓRICOS DO CONCELHO DO SABUGAL (FONTE: GUIADACIDADE, 2011) .....	51
FIGURA 34 - “CAPEIA ARRAIANA”, BRINCADEIRAS DA GARRAIADA E AVENTURAS TAUROMÁTICAS (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012) .....	52
FIGURA 35 - A CAPEIA COM O TRADICIONAL FORCÃO, À ESQUERDA). OS PRINCIPIANTES, À DIREITA. (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012) .....	52
FIGURA 36 - A FEITURA DO FORCÃO. AS ANTIGAS PROTEÇÕES PARA AS GARRAIADAS (FONTES: AUTOR, 2015 E CAPEIARRAIANA.PLB, 2012).....	53
FIGURA 37 - RITUAIS DA CAPEIA ARRAIANA (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012).....	54
FIGURA 38 - ATIVIDADES GASTRONÓMICAS E INTERCÂMBIOS COM ESPANHA (FONTES: CINCOQUINAS, 2011; CAPEIARRAIANA, 2012) .....	58
FIGURA 39 - TRUTAS, PEIXE TÍPICO DO RIO CÔA (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012).....	59
FIGURA 40 - O MATAR E O “AMANHAR” OS PORCOS (FONTES: FOTOS.SAPO, 2012; J. M. CAMPOS, 2013) .....	59
FIGURA 41 - OS BONS ENCHIDOS (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2013).....	60
FIGURA 42 - AS PROVAS E A ECONOMIA ASSOCIADA AOS QUEIJOS E ENCHIDOS (CAPEIARRAIANA, 2013).....	60

FIGURA 43 - FEITURA ARTESANAL DE PÃO - SR. SERAFIM PIRES E FAMILIARES - VALE DE ESPINHO (FONTE: AUTOR, 2015).....	60
FIGURA 44 - ELABORAM-SE VÁRIOS TIPOS DE QUEIJOS DE OVELHA, CABRA, VACA E DIVERSAS MISTURAS DESTES LEITES (FONTE: BEIRA.PT, 2014).....	61
FIGURA 45 - COGUMELOS SILVESTRES, LEGUMES E FRUTAS (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012).....	61
FIGURA 46 - MERCADOS E FEIRAS LOCAIS PARA TROCA E DIVULGAÇÃO DE PRODUTOS (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2014).....	62
FIGURA 47 - FEIRAS MEDIEVAIS PARA PROMOÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO CONCELHO (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012).....	62
FIGURA 48 - RANCHOS FOLCLÓRICOS DO SABUGAL E DE SORTELHA (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012).....	63
FIGURA 49 - BANDA FILARMÓNICA DE BENDADA E GRUPO DE TEATRO “OS GUARDIÕES DA LUA” (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2010; ESPELHODAINTERIORIDADE - LINA NUNES, 2012).....	63
FIGURA 50 - AS DANÇAS DOS VIZINHOS ESPANHÓIS, POR NOSSAS TERRAS (FONTE: J. M. CAMPOS, 2011).....	63
FIGURA 51 - OS JOGOS QUE NORMALMENTE COMPLEMENTAM AS FESTAS DE VERÃO (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012; J. M. CAMPOS, 2013).....	64
FIGURA 52 - PASSEIOS A CAVALO, BTT E CAMINHADAS PEDESTRES (FONTE: CAPEIARRAIANA, 2012; PEDESTRIANISMO, 2009/2011).....	65
FIGURA 53 - ASSOCIATIVISMO DE CAÇA E PESCA EM TORNO DO RIO CÔA (FONTE: ZONA DE CAÇA MUNICIPAL, 2011).....	66
FIGURA 54 - IMAGEM DE CURSO DE ÁGUA E ALGUMAS DAS OFERTAS TURÍSTICAS EM TORNO DO RIO CÔA (FONTES: FRONTEIRAS, 2012; J. M. CAMPOS, 2014; BOOKING.COM, 2014).....	66
FIGURA 55 - IMAGEM DE RECONSTITUIÇÃO DE UMA APREENSÃO DE “CARREGOS” DE CONTRABANDO.....	68
FIGURA 56 - GADO CAPRINO EM PASTAGENS NATURAIS E O REGRESSO DAS OVELHAS AO ESTÁBULO.....	69
FIGURA 57 - VACAS DE CAMPO PARA PRODUÇÃO DE CARNE COM ELEVADA QUALIDADE E A AJUDA DO BURRO	
FIGURA 58 - O CÃO PASTOR E OS CÃES DE CAÇA “RAFEIROS” (FONTES: OSAMIGOSDEREBELHOS, 2011; CAÇAECASDECAÇA.BLOGSPOT, 2011).....	69
FIGURA 59 - ANIMAIS DE CAÇA, PESCA, ABUTRES E OUTROS (FONTES: SRRN, JORGE M. GONÇALVES, 2013; JVIORINO, 2014, CAPEIARRAIANA, 2015; DN, 2010; CANALEXTREMADURA.ES, 2015; TRUTAS.COM, 2014; ALDEIADEMALCATA.NET, 2006; PAISAGENSNATURAIS, J. C. FARIA, 2012).....	70

FIGURA 60 - ROSMANINHO E GIESTA, ALIMENTO NATURAL DE GADO BOVINO, CAPRINO E OVINO (FONTES: ECOSANTO.COM, 2008; POMARES, ARMANDO MARQUES, 2009) .....	71
FIGURA 61 - COGUMELOS E ALGUMAS FRUTAS E VEGETAIS DE ORIGEM DO CONCELHO DO SABUGAL E DA ENVOLVENTE ÀS LINHAS DE ÁGUA EFLUENTES DO CÔA (FONTES: PETISCOS.COM, CCARAUJO, 2012; J. M. CAMPOS, 2012) .....	71
FIGURA 62 - ARRANQUE E APANHA DE BATATA (FONTE:TRAVANCASDARAIA.COM, 2014) .....	72
FIGURA 63 - MALHA DE CEREAIS - CENTEIO E/OU TRIGO, MAS MAIS IMPONENTE O CENTEIO (FONTE: SERENATA-A- VILAFLO.RAULCOELHO, 2013) .....	72
FIGURA 64 - A VINDIMA (FONTE: RAPOULADOCOA.COM, 2009).....	73
FIGURA 65 - O FABRICO ARTESANAL DE ÁGUA ARDENTE EM ALQUITARRA (FONTE: J. M. CAMPOS, 2011).....	73
FIGURA 66 - COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA COMO MEIO ECONÓMICO LOCAL (FONTE: CAPEIARRAIANA.J. M. CAMPOS, 2011) .....	74
FIGURA 67 - MAGUSTOS ONDE SE COME A CASTANHA E SE BEBE A TRADICIONAL JEROPIGA DA REGIÃO (FONTE: CAPEIARRAIANA.J. M. CAMPOS, 2011) .....	74
FIGURA 68 - “BARROCO DO LEÃO” EM ALDEIA DE SANTO ANTÓNIO E “CABEÇA DA VELHA” EM SORTELHA (FONTE: CAPEIARRAIANA.J. M. CAMPOS, 2011) .....	75
FIGURA 69 - “BARROCO REDONDO” NA SERRA DAS MESAS E“FORNO DE PEDRA” NA NASCENTE DO CÔA (FONTE: CAPEIARRAIANA.J. M. CAMPOS, 2011) .....	75
FIGURA 70 - IMAGEM PUBLICITÁRIA DAS “CALDAS DO CRÓ” (FONTE: PORTUGALNOTAVEL.COM,IMG. 1957) .....	77
FIGURA 71 - LOCALIZAÇÃO DO CRÓ-SABUGAL EM RELAÇÃO A LISBOA, PORTO, COIMBRA E MADRID (FONTE: JOAOLEITAO.COM, 2005) .....	78
FIGURA 72 - LOCALIZAÇÃO DO CRÓ, CONCELHO DO SABUGAL (FONTE: C.M.SABUGAL, 2010).....	78
FIGURA 73 - VISTA ÁREA DO PARQUE TERMAL DO CRÓ (FONTE: GOOGLE EARTH, 2011).....	79
FIGURA 74 - CERDEIRA, ESTAÇÃO FERROVIÁRIA PRÓXIMA DAS TERMAS DO CRÓ (...A 10 MIN DE AUTOMÓVEL) E DO SABUGAL (...A 30 MIN DE AUTOMÓVEL). PASSAGEM INFERIOR AO CAMINHO DE FERRO/ER324 (FONTE: APEADEIRODASVIRTUDES.COM, JOÃO SILVÉRIO, 2011).....	86
FIGURA 75 - CARREIRAS DO SABUGAL - SERVIÇO COMBINADO COM A C.P. (FONTE: CAPEIARRAIANA.J.C.MENDES, 2011) .....	86

FIGURA 76 - FESTA DA NOSSA SENHORA DOS MILAGRES, QUE SE REALIZA NA CAPELA DO CRÓ NO PRIMEIRO DOMINGO DE AGOSTO (FONTES: CAPEIAARRAIANA, 2007; AUTOR, 2014) .....	87
FIGURA 77 - FESTA DE SANTO AMARO, EM MARTIM-PEGA NAS PROXIMIDADES DO CRÓ (FONTE: CINCOQUINAS.NET, 2012) .....	87
FIGURA 78 - GRUPO EMPRESARIAL “NATURA EMPREENDIMENTO SA”, QUE TUTELA AS TERMAS DO CRÓ NO SABUGAL E AS TERMAS DE LONGROIVA NA MEDA, JUNTAMENTE COM A “CIVILCASA GROUP” (FONTES: C.M.SABUGAL, CIVILCASA, 2012) .....	88
FIGURA 79 - POTENCIAL APROVEITAMENTO TURÍSTICO E GERIÁTRICO PARA A ENVOLVENTE À BARRAGEM DO SABUGAL (“OFÉLIA PACKS”) (FONTE: CAPEIAARRAIANA.P.L.B, 2014) .....	93
FIGURA 80 - PRAIA FLUVIAL DO SABUGAL (FONTE: JOSÉGUILHERME, 2004; FRAGASEPRAGAS.COM,J.C.CALLIXTO, 2010) .....	93
FIGURA 81 - ZONA FLUVIAL DE RAPOULA DO CÔA (FONTE: PANORAMIO.COM, 2013) .....	93
FIGURA 82 - ZONA FLUVIAL DE VALE LONGO DO CÔA E PONTE DE SEQUEIROS (FONTE: CAPEIAARRAIANA, NOCTULACHANNEL, 2014) .....	94
FIGURA 83 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O PISO INFERIOR “CASA DAS TERMAS”, CRÓ (FONTE: AUTOR, SIG - CMSABUGAL, 2015) .....	97
FIGURA 84 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O PISO SUPERIOR “CASA DAS TERMAS”, CRÓ (FONTE: AUTOR, SIG - CMSABUGAL, 2015) .....	98



# Lista de Quadros

<u>Quadro 1 - Desenvolvimento Demográfico do Concelho do Sabugal (Fonte: Censos, 2011).....</u>	34
<u>Quadro 2 - O concelho de Sabugal está dividido em 30 freguesias.....</u>	35
<u>Quadro 3 - Afluentes do Côa e do Zêzere.....</u>	41
<u>Quadro 4 - Distribuição dos Meios Aéreos próximos do Concelho do Sabugal (Fonte: Sabugal PMEPC, 2010).....</u>	49
<u>Quadro 5 - Freguesias que envolvem e onde se localiza o Parque Termal do Cró.....</u>	79
<u>Quadro 6 - População da Freguesia de Rapoula do Côa.....</u>	82
<u>Quadro 7 - População da União das Freguesias de Seixo do Côa e Vale Longo.....</u>	84



# Lista de Acrónimos

AFN	Autoridade Florestal Nacional
APA	Agência Portuguesa do Ambiente
ATP	Associação das Termas de Portugal
CM	Câmara Municipal (Sabugal)
CP	Comboios de Portugal
EM	Estrada Municipal
EN	Estrada Nacional
ER	Estrada Regional
ICNF	Instituto da conservação da Natureza e das Florestas
IGeoE	Instituto Geográfico do Exército
IGO	Instituto Geográfico Português
INE	Instituto Nacional de Estatística
INMG	Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (Atual IPMA)
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
PDM	Plano Diretor Municipal
PMDFCI	Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios
PMEPC	Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil
RAN	Reserva Agrícola Nacional
REN	Reserva Ecológica Nacional
RN 2000	Rede Natura 2000
RNSM	Reserva Natural da Serra da Malcata
SIG	Serviço de Informação Geográfica (Sabugal)
UBI	Universidade da Beira Interior
ZEC	Zonas Especiais de Conservação
ZPE	Zonas de Proteção Especial



# Capítulo 1

## Introdução

### 1.1 Objetivos

O estudo que se apresenta tem como intenção a demonstração e análise das condições existentes no local, dos seus recursos, das suas potencialidades, bem como o modo de aproveitamento que se pretenda que possa contribuir para o desenvolvimento económico da região, compatibilizando-se com as características edificadas tradicionais como zona de transição do espaço raiano para o interior do país e destes para a vizinha Espanha e toda a Europa.

Pretende-se essencialmente olhar para a memória do lugar, repleto de um passado histórico-cultural rico, aproveitando a sua localização e o presente existente. Desta forma, numa ação de reconversão, partimos para a criação de uma solução sustentável com o objetivo de dinamizar socialmente aquilo que se encontra esquecido espelhando o passado com o olhar no futuro.

### 1.2 Metodologia

A metodologia de desenvolvimento deste trabalho distribui-se por quatro pressupostos sistemáticos principais, ou seja:

1º) Verificação das situações preexistentes e existentes;

2º) Analisar as questões, como interpretação do que serviu de base à verificação da existência;

3º) Sintetizar;

4º) Enumerar as conclusões.

No “ANEXO I-a” poderá verificar-se de um modo mais de talhado como se pretende tal metodologia, assim como a sua compreensão e aplicabilidade aos presentes casos.

## 1.3. Caracterização antropológica e histórica da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal

### 1.3.1. Aspetos geográficos da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal

Este subcapítulo tem como finalidade o estudo do concelho do Sabugal, em torno da sua principal linha de água, mais designadamente o Rio Côa, tentando-se de uma forma clara e organizada dar a conhecer o que de mais importante existe no local em termos antropológicos.

Tal estudo teve como principal base de apoio a obra literária “A BACIA HIDROGRÁFICA DO CÔA” - Autor: Carlos Alberto Marques, nascido em Vale de Espinho (Sabugal) a 1896, conhecido como “Geógrafo de Riba Côa”, professor no Liceu Nacional Afonso de Albuquerque (1928), individualidade ímpar do meio cultural da cidade da Guarda, lecionou a disciplina de Geografia de Portugal até à sua reforma (1959), aposentando-se na sua terra natal, onde faleceu em 1965. Apresentação e notas: Pinharanda Gomes Fotografias: Duarte Belo. Edição 394, Agosto de 1995, Maria da Graça Manta, Guide - Artes Gráficas, Lda., tal como se indica nas referências bibliográficas.

*“Observar os fenómenos geográficos, classifica-los segundo os modos científicos e explica-los em ordem às causas que os originaram, modificaram ou diminuíram - eis a triplíce função do geógrafo...”* (Marques C.,1936 p.10)

*“Delimitação da Bacia Hidrográfica do Côa”:* com a nascente na serra das Mesas, freguesia de Foios, concelho de Sabugal, apresenta-se com uma bacia com 1078Km<sup>2</sup>, tendo a sua foz em Vila Nova de Foz Côa, onde eflui para o Rio Douro. *“Esta alongada bacia hidrográfica fica compreendida entre as bacias da ribeira de Aguiar e do rio Águeda - afluentes da margem esquerda do rio Douro - a oriente, do Erges e do Zêzere - afluentes da margem direita do rio Tejo - a sul e do Mondego e ribeira da Teja a ocidente, sendo limitada a norte pelo rio Douro, a leste e sul pela serra das Mesas e a ocidente pelas elevações de S. Cornélio, das Fráguas, serra da Estrela e elevações da Lapa e de Leomil”*, (Marques C.,1936 p.11)

O presente trabalho prende-se também com a geografia da bacia do Côa debaixo dos aspetos físico, biológico e humano, vistas as relações de dependência entre estes aspetos ou fenómenos, conhecidas as cartas geológica, orográfica, fluvial, climática, fito e zoo geológica, demográfica e económica” e efetuando uma análise de sobreposição entre as mesmas.

Administrativamente, a bacia do Côa abrange parte dos concelhos de Sabugal, Guarda, Trancoso, Mêda, Figueira de Castelo Rodrigo, Almeida, Vila Nova de Foz Côa e a totalidade do

concelho de Pinhel. A margem direita do Rio Côa foi e é conhecida como “Riba Côa”, território que apenas foi definitivamente junto ao restante território nacional após a conquista de D. Dinis que passou a ser oficializada pelo rei de Leão com o tratado de Alcanices em 1297 (Marques C., 1936)

#### Geografia Física (Geologia, Orogenia, Orografia, Hipsometria, Hidrografia e Clima)

Geologia, define-se como “*ciência que estuda a Terra no tocante à sua estrutura, história, composição, propriedades físicas e os processos que lhe dão forma*” (Saussure H. 1779);

Orogenia, define-se como sendo o “*conjunto de processos que conduzem à formação ou rejuvenescimento de montanhas ou vadeias montanhosas produzido por dobramentos, falhas, ou combinação dos dois*” (Guerra T., 1997);

Orografia, define-se como sendo “*a parte da geologia que observa e analisa as montanhas*” (Léxico, 2015);

Hipsometria, define-se como sendo a “*medição da altura de um lugar, por meio de observações barométricas*” (Léxico, 2015);

Hidrografia, define-se como o estudo que “*descreve a parte líquida do globo terrestre*” (Léxico, 2015);

Clima, define-se como sendo a “*temperatura, humidade, e outras condições meteorológicas e atmosféricas de determinada região, localidade ou lugar*” (Léxico, 2015);

Quanto à geologia da zona em estudo, pertencente à bacia hidrográfica do Rio Côa, conclui-se por uma gama pouco variada de rochas, distribuindo-se por granitos, quartzitos, piçarras e saibreiras nas áreas mais a jusante da bacia, enquanto que mais a montante desta e até à nascente do Côa distribuem-se espaços com xistos argilosos e cristalinos (Marques C., 1936 p.19 a 24).

No que respeita à orogenia, orografia e hipsometria da bacia hidrográfica do Côa aborda-se inicialmente que estamos numa área da era primária por se enquadrar inserida na zona da Meseta Ibérica, bem como pelas características e elementos que apresenta. Contém enrugamentos que se assemelham à data do carbónico, sendo possivelmente da mesma data da formação da Serra da Estrela. Também a constituição dos seus relevos na zona da nascente localizada na Serra das Mesas, em muito se assemelha à Serra da Marofa, localizada a sul de Figueira de Castelo Rodrigo com a altitude máxima de 925m. A maioria da extensão da bacia do Rio Côa varia as suas altitudes entre 750m, sendo que na zona da nascente localizada na freguesia de Foios se apresenta com cotas mais elevadas, e 500m em Almendra, localidade a partir da qual a linha de água até à sua foz e entrada no Rio Douro à altitude com cota inferior descendo cerca de 220m, até Vila Nova de Foz Côa (Marques C., 1936 p.24 a 30).

Relativamente à hidrografia há a referir como aspeto importante a trajetória desta linha de água, ou seja, trata-se de um afluente da margem esquerda do Rio Douro, que nasce na Serra das Mesas, concelho de Sabugal, à altitude de 1060m indo, após um percurso sinuoso direcionado para norte, desaguar num vale estreito e profundo após um percurso de 130Km e à cota de 180m (Marques C.,1936 p.24 a 35).

O clima da bacia hidrográfica do Côa está enquadrado num “subtipo climático” designado como “*temperado com estação fria*” condicionado pela latitude, altitude, distância ao litoral, natureza do solo, relevo e vegetação. Trata-se de um território continental de planalto com variações térmicas diárias, sazonais e anuais. Tal incute à ocorrência de períodos quentes e secos de verão e períodos frios de inverno, os quais são acompanhados de nevoeiro, chuva e neve quando há lugar a pluviosidade, mas opondo-se-lhe na maioria daquele período dias com frio e ausência de precipitação, conduzindo à formação de geadas e ao designado “*sincelo*”. Este tipo de clima influencia diretamente as atividades agrícolas e pecuárias da região, que pelas suas características tem presentes espécies animais e vegetais de resistências mais rude, do que noutros locais, como por exemplo mais a sul e junto do litoral (Marques C.,1936 p.35 a 46).

#### “Geografia Biológica e Fisionomia Geográfica”

Quanto à fitogeografia, conhecem-se fatores ecológicos que justificam a distribuição das espécies vegetais na bacia do Côa. Tratam-se de terrenos que na sua maioria são graníticos, arenosos, com pouco calcário e potássio, pelo que não têm grande revestimento vegetal em “*áreas eluviais*” como são as zonas planas e altas onde o terreno é quase totalmente constituído por elementos desagregados das rochas formando camadas de pouca espessura acima do subsolo, constituindo as designadas “*terras frias*”. Ao contrário deste locais, existem outros na bacia do Côa onde os terrenos são “*xistosos de aluvião, onde as argilas avermelhadas pela oxidação dos sais de ferro, ou amarelas e esbranquiçadas, têm grande espessura e são constantemente arejadas para oxidação e nitrificação de minerais, tornando-se assim assimiláveis pelas plantas*”. Assim, nestes locais verifica-se maior revestimento vegetal (Marques C.,1936 p.47 a 50).

A zoogeografia da bacia do Côa apresenta no seu habitat animais domésticos comuns à restante Europa, sendo de destacar o boi, a vaca, o cavalo, o burro, o macho, a cabra, a ovelha, a galinha, o gato, o cão, etc... os quais contribuem para o valor económico das respetivas atividades em que se inserem. Quanto aos animais selvagens destacam-se o lobo, mais abundante nas altitudes mais elevadas da bacia do Côa, ou seja, na área da freguesia de Foios, o qual ataca principalmente os gados. Sendo a raposa mais abundante nas restantes

áreas, esta vive mais de ataques a cordeiros, cabritos e galináceos, ou seja, animais de menor porte. Ainda nos animais selvagens destacam-se os animais de caça como são o coelho, a lebre, a perdiz, a codorniz, o veado e o javali, sendo os restantes abundantes em lagartixas, lagartos, cobras, víboras, lacraus, escorpiões aranhas, corujas, corvos, rolas, pardais, andorinhas, pintassilgos, cotovias, rouxinóis, lesmas, etc..., sendo ainda de referir também a fauna aquática característica do rio Côa como são a muge, o bordalo, a enguia, a boga e a truta. A jusante da foz do Noéme passa a ser mais abundante a rã e a lontra, sendo estes animais anfíbios (Marques C.,1936 p.50 a 51).

A fisionomia geográfica que estuda o aspeto das rochas, das formas do relevo e da distribuição de plantas, quanto à bacia hidrográfica do Côa leva a concluir que *“o planalto estépico que a serra das Mesas, os contrafortes da Estrela e os relevos do Douro quase fecham três bandas, alarga-se a perder de vista para os lados de Castela, ermo, assombreado, manchado na pardacenta tristeza pelos remendos da escura vegetação”* (Marques C.,1936 p.51 a 55).

### Geografia Humana

A população e a sua distribuição (Marques C.,1936 p.59) ocorre de modos diferentes ao longo da bacia do Côa. Ao contrário do que ocorreu até 1930, em que a população aumentou até ao número de 114000hab., até então a população tem vindo a diminuir por vários fatores como são os casos da baixa natalidade, envelhecimento da população, emigração, deslocalização para trabalhar no litoral e nas grandes cidades (Lisboa, Porto e Coimbra), fracos recursos de saúde, cultura e educação, etc..., podendo-se apurar para a mesma zona uma “população presente” de cerca de 45000hab., conforme se pode apurar por análise dos censos de 2011.

A distribuição da população (Marques C.,1936 p. 60) ocorre com maior frequência em locais de comodidade e de maior facilidade de fixação, bem como de disponibilidade de recursos, como são o caso das linhas de água onde existem margens largas e utilizáveis para agricultura, desporto e lazer. De tal importância e imponente para a bacia do Côa, o rio Côa tem condicionado esta distribuição, pela positiva, como são o caso de viveiros, restaurantes, zonas de lazer fluviais, praias fluviais, zonas com atividades de pesca desportiva, campismo e aproveitamentos hidrológicos, como é o caso da Barragem do Sabugal que apoia de água potável para consumo das populações dos concelhos do Sabugal e Almeida, bem como com apoio de rega para o regadio da Cova da Beira, o caso da Barragem de Alfaiates que apoia um grupo de agricultores e unidades de pecuária e a unidade hidroelétrica de Almeida.

A ocupação do solo com casas (Marques C.,1936 p. 63) surge ao longo dos tempos, na bacia do Côa, de uma forma particular em função do desenvolvimento económico e tecnológico da região. Em termos de habitação, esta aparenta advir desde o neolítico, como são os casos de

dólmens (ex. nascente da ribeira de Pêga) e grutas que podem abrigar duas ou três pessoas (ex. no cimo da serra da Marofa, nas margens do Côa e nalguns montes graníticos). Quanto a existência de povoados na área da bacia do Côa, existem provas desde o tempo dos romanos, bárbaros e do início da monarquia portuguesa (“*Fortunato de Almeida, História de Portugal Civitas Aravorum, Devesa, perto de Marialva; Langogriba, Lanciensium Transcudanom, etc; Castros diversos de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira, Arquivo Port., I, 143-144; Joaquim Manuel Correia, O Sabugal Velho, Arquivo Port., x, 200*”). No entanto, investigações e trabalhos de arqueologia poderão analisar e redistribuir melhor esta situação. Existem ainda casas e outras construções da época medieval, sendo também de destacar vários monumentos, como castelos, torres, muralhas, pelourinhos, edifícios senhoriais, etc..., com maior relevância em Marialva, Longroiva, Pinhel, Meda, Castelo Rodrigo, Vilar Maior, Trancoso, Castelo Bom, Castelo Mendo, Alfaiates, Vila do Touro e Sabugal.

*“A casa de habitação na bacia do Côa é construída com granito ou com xisto, conforme a constituição geológica dos terrenos onde se edifica, e nos xistosos, quase sempre, com cunhais e aberturas de portas e janelas guarnecidas de granito; é de planta retangular, com rés-do-chão e um andar com empenas onde assenta a cumeeira. O telhado desta casa tem duas vertentes, sendo nele usada telha romana. O rés-do-chão é sempre térreo... e dividido em duas partes, a loja para o gado, vaca, égua, burro ou vitelas, e outra a adega, para a pinga do vinho, quando o há, e para arrumação de alfaias agrícolas, arcas com cereal e alguma batata. Sobe-se ao primeiro andar por uma escada em pedra, encostada ordinariamente à fachada principal, arrematada por uma espécie de terraço ou placa, o balcão. O primeiro andar tem as divisões seguintes: a cozinha, espaçosa, apenas com uma fresta ou janelinha, caiada de barro amarelo, com lareira, cântaros, pratos e outras louça, o basal, separada do resto da casa por taipas ou tábuas ao alto e de telha vã, para saída do fumo; o meio da casa que ocupa quase metade do primeiro andar, devidamente forrado, com uma janela ou, pelo máximo, duas, guarnecida com velhos bancos de carvalho ou castanheiro e antigas e incómodas cadeiras ou ainda mesas de assento de freixo, lugar onde a família come quando há alguém de fora parte, hóspede ou operário; dois ou três quartos ou alcovas, sem luz, a não ser a que coa através do cortinado da boca de entrada, tendo dentro leitos ordinariamente de madeira de castanho ou formados apenas por dois bancos paralelos, com a distância de metro e meio, sobre os quais estão meia dúzia de tábuas onde assenta a enxerga; a despensa tem porta para a cozinha e está-lhe ordinariamente ao lado. Completam esta casa-tipo o largo, terreiro ou curral com estrumes, em frente ao balcão, o cabanal para lenha, e muitas vezes ao lado, o horto com poço, as hortaliças, a videira e as fruteiras. A casa não costuma ser caiada exteriormente e poucas vezes o é interiormente e não tem exposição definida, variando esta com o local, posição da rua, proximidade da fonte pública, a praça ou o largo da povoação. Desde a casa-tugúrio até à casa-palacete há uma grande variedade, em função da fortuna e da fantasia arquitetónica dos moradores. Além da casa de habitação, há casas para adegas, recolha de carros, palheiros, celeiros, tulhas, armazéns de*

*comércio vário e, nas vilas e cidades e para as repartições públicas...”* (Marques C.,1936 p. 64 a 67).

A ocupação do solo com vias de comunicação (Marques C.,1936 p. 67) surge demarcada na bacia do Côa com datas mais antigas através das pontes que tanto podem ser da época romana, como ser românicas, isto é, construídas à maneira romana, como são os casos da ponte de Sequeiros a norte de Vale Longo do Côa e a ponte de São Roque, que estabelece a ligação entre as aldeias históricas de Castelo Bom e Castelo Mendo. Existem outras pontes sobre o rio Côa, sendo a maioria em pedra de *“arco romano de berço”* designado de *“olhal”*, pelo povo. Ainda no Côa e rios e ribeiras que lhe afluem existe passagens designadas de *“pontões”* para pessoas e gado de pequeno porte, os quais são constituídos por *“colunas, pilares ou espeques de pedra onde assentam horizontalmente pedras compridas e lasqueadas, pranchas de madeira ou ainda caules ou troncos de árvores”*. Noutros locais destas linhas de água existem passagens para pessoas constituídas por pedras *“espetadas e bem seguras no leito”* com pouca distância umas das outras, permitindo aos utentes que saltem/passem de umas para as outras. Nas encostas dos montes temos os *“caminhos de pé posto ou veredas”* para percurso de curtas distâncias apenas por pessoas e/ou animais de pequeno porte. Para ligação entre povoações existiam os designados *“caminhos vicinais”*, sendo que alguns deles foram já melhorados, asfaltados e convertidos em estradas municipais. Contudo, ainda se conservam algumas dessas vias de comunicação coma função de trabalhos e acessos às culturas, lameiros, aos sítios de lenha, de água, etc..., sendo atualmente de elevada importância para a estratégia de prevenção de fogos florestais. É também de referir que a bacia do Côa é atravessada pela linha férrea da Beira Alta, entre o Paraizal, freguesia de Castelo Mendo, e Vilar Formoso, sendo esta via de grande interesse para o desenvolvimento comercial e económico.

A agricultura (Marques C.,1936 p. 70) na bacia do Côa têm várias vertentes, as quais se têm modificado quanto à sua predominância de umas décadas para outras. Antigamente a planta que mais ocupava os solos era o centeio, sendo que atualmente grande parte dessas áreas se encontram ocupadas com atividades pecuárias. A batata, que exige *“terrenos ricos em potassa e nitratos, terras fortes irrigáveis ou húmidas”*, é de cultivo frequente em toda a bacia do Côa, com maior predominância e qualidade nas zonas do Sabugal, Soito e Vale de Espinho. Outras plantas alimentícias se vão cultivando, grande parte com carácter de subsistência, como são o feijão, o grão-de-bico, a fava, a ervilha, a couve, a alface, a cebola, o alho, o tomate, a cenoura, a beterraba e o nabo. *“O nabo é cultivado em toda a parte e constitui nos fins do outono e em todo o inverno a alimentação principal dos bovídeos e dos suínos e também de pessoas: exige terras ricas ou enriquecidas por estrumes, pouco húmidas e principalmente bem amanhadas/lavradas”* (Marques C.,1936 p. 71 a 72). A oliveira apresenta o seu maior desenvolvimento, até com carácter económico, nas zonas de menores altitudes da bacia do Côa, ou seja, mais a norte como são o caso de Figueira de Castelo Rodrigo e Vila Nova de Foz Côa, surgindo no entanto algumas destas culturas em Almeida,

Trancoso, Meda e Pinhel. Também a videira surge em toda a bacia do Côa, melhorando a qualidade das uvas de sul para norte com a diminuição da altitude e mais significativamente nas encostas “*soalheiras*”. Outras espécies de plantas e árvores existem com caráter contributivo para a economia local, como são o pinheiro, o carvalho e o freixo, para madeira e lenha. O castanheiro, esse sim de grande contributo económico para a região do alto Côa, que produz castanha para a região, para o país e também em bastante quantidade para exportação (Marques C.,1936 p. 72).

A criação de gados (Marques C.,1936 p. 74), atualmente grande parte das áreas que eram ocupadas por plantações e sementeiras, encontram-se ocupadas com povoamento de criação de gado de carne. Até há duas ou três décadas, ao invés deste gado de carne, era predominante o gado de leite, o qual veio a diminuir abruptamente com as políticas europeias de atribuição das designadas “*cotas leiteiras*”, dando assim lugar ao gado de carne, conforme foi já referido. Antes o gado mais predominante era o ovino que para além das qualidades dos seus produtos, como o leite, o queijo, a carne e a lã, o seu povoamento sobre os vales era de extrema importância dada a qualidade dos seus estrumes e consecutivamente do enriquecimento das terras para desenvolvimento agrícola. Os bois raramente são utilizados para o trabalho, havendo alguns mas destinados a cobrição e também a atividades tauromáticas das tradicionais capeias arraianas. Já as vacas ajudam na realização de diversos serviços (que antigamente passavam pela lavra de terras e transportes de produtos agrícolas e lenhas, sendo mais tarde substituídas por meios mecanizados, como foram o caso dos tratores), além da forte produção de estrumes, mas são de uma alimentação algo dispendiosa. O gado cavalar, que antes era importante para o transporte de pessoas e bens em maiores distâncias, foi progressivamente deixando de ter essa importância com o desenvolvimento da autoviação. Atualmente o gado cavalar é utilizado para atividades desportivas e de lazer, não menos importantes para o desenvolvimento económico da região nos nossos dias. O “*gado asinino*” (burros) existe de uma forma geral em todas as localidades e sítios da bacia do Côa, sendo estes os animais mais usuais do povo comum “*por via da sua sobriedade e mansidão*” (Marques C.,1936 p. 78). Este tipo de animais empregava-se e ainda se emprega atualmente em menor escala “*no transporte de pessoas, de lenhas, de cereais, de água, de utensílios da lavoura e até na própria lavoura. Há burros de diferente estatura e vária cor, e de teimosia, resistência e ligeireza desiguais*” (Marques C.,1936 p. 78). O gado suíno presente na sua maioria em regime de estábulo, onde de tudo come para engorda, como é o caso de ervas, bagaço de azeitona, nabos, abóboras, castanha, milho, centeio, farinhas e bolota, restos em forma de vianda, começa a ter nos nossos dias um modo de viver mais livre em pequenas vedações ou prédios delimitados, onde percorrem alguns passos, não estando sempre confinados aos espaço do estábulo de criação, ou seja, apesar do mesmo tipo de alimentação, o seu modo de viver apresenta-se mais livre e por consequência mais saudável e de melhor qualidade final, como que sejam animais de campo (Marques C.,1936 p. 78).

A devastação de animais (Marques C.,1936 p. 79), tal como foi estudada presumiu a existência desde “*os tempos proto-históricos de animais ferozes como o urso pardo, o javali e o lobo, encontrando-se ainda hoje o javali na serra das Mesas. É roedor do milho e da azeitona sendo abatido em ruidosas caçadas ou em esperas feitas por hábil caçador*”. O lobo ainda persiste também em maior presença na zona dos Foios, tem sido fortemente perseguido e abatido, individualmente e em montarias, pois é de presença não grata por atacar rebanhos e ser prejudicial à criação de todos os gados que em tanto contribuem para o desenvolvimento económico e subsistência da região. A raposa, ainda muito frequente, ataca animais de menor porte como são os cabritos, pequenos borregos, galináceos e todas as aves domésticas. Temos ainda a presença de outros animais selvagens e domésticos de pequeno porte, como são o coelho, a perdiz a codorniz, a lebre, a rola, a galinhola, os patos e os patos bravos, etc...

A devastação de vegetais (Marques C.,1936 p. 78), tem sido mais significativa desde há bastantes décadas pelo corte do pinheiro com as utilizações mais frequentes para combustível, madeira para a construção e marcenaria.

As explorações minerais (Marques C.,1936 p. 82), tem sido desde sempre desencadeadas em torno do granitos e dos xistos, sendo quem em tempos que lá vão eram utilizadas ferramentas de ferro e aço e recurso a explosões, sendo que atualmente temos presentes melhores e menos esforçados recursos a partir de máquinas hidráulicas com grandes capacidades de força. Destas rochas saem elementos para “*pilares ou esteios que servem para tranqueiros, soleiras e ombreiras das portas, coberturas dos poços e das casas e sobretudo para apoio das videiras*”. Em tempos houve lugar a explorações minerais, não sendo estas atividades de se destacar no alto Côa. Surgiram sim águas sulfurosas termo-minerais recentemente reaproveitadas nas Termas do Cró.

As explorações industriais (Marques C.,1936 p. 83), eram como que artesanais, destacando-se desde tempos antigos na bacia do Côa o fabrico do queijo cabreiro, de ovelha e de vaca, a industria da moagem, a apicultura e o curtume de peles. No entanto com o desenvolvimento económico e tecnológico estas atividades, designadas de industriais, foram sendo desenvolvidas e mesmo substituídas por outras nesta região, como são o caso de fabrico de móveis e outras carpintarias, certos materiais de construção, serralharias, embalagem de cogumelos, caracóis, mirtilos, novas queijarias, fábrica de laticínios e a construção civil.

O comércio (Marques C.,1936 p. 86), dos tempos antigos das terras da bacia do Côa era na sua globalidade realizado em lugares próprios, onde ainda hoje alguns persistem, designados de mercados onde se se faziam operações comerciais com produtos agrícolas, utensílios para a agricultura e tarefas domésticas, gados, calçados, tecidos, carnes, queijos e muitos outros artigos. Os grandes mercados, ou certos mercados de periodicidade anual, são designados como feiras, podendo estas terem durações com mais de um dia. No entanto os mercados foram tendo algum declínio com o desenvolvimento do automóvel e da rede viária, o que por

sua vez permite a chegada e a compra de produtos de e para vários locais, mesmo sem ser nesses dias de mercado, tal como acontecia anteriormente. Como tal foram-se desenvolvendo comércios e mercearias em quase todas as localidades, ou pelo menos nas de maior afluência por parte do povo.

O contrabandista, surge no seguimento do que foi referido anteriormente no tocante ao comércio, sendo que o contrabandista trata um tipo de comércio de modo diferente e ilegal, ou seja, o contrabando que pelas características das vias de comunicação, dos meios de transporte, dos tipos de produtos e da posição geográfica de fronteira, furtam os direitos aduaneiros. *“Este contrabandista mal tolera a pecuária, despreza a agricultura, odeia a pastorícia, desconhece a caça e a pesca, é corajoso temerário mesmo, sem formação moral ou de moral suspeita, astuto, traficante e melífluo de falas porque também é comerciante. Solidário com os companheiros e com estes repartindo o pouco que tem, teme e odeia o guarda-fiscal e o carabineiro espanhol, trabalha durante a noite e passa o dia na cama ou na taberna. Praguejador habitual, é supersticioso e conhece apenas da religião cristã o culto externo, mormente as procissões com música e foguetes e os arraiais. Vive miseravelmente, sempre cheio de trabalhos, sobressaltos e pesadelos, e morre novo. Cioso da sua liberdade de noctívago, não se sujeita a ninguém, não se adoma ao trabalho agrícola. Usa faca ou pistola para defender o corpo e o fardo, calça alpercatas para ser mais ágil e não fazer barulho, veste bombazina ou pana por ser barata e de muita duração, cobre a cabeça com gorra vasca, por economia, cinge, segura ou ampara o carregado, o contrabando a dorso, com uma manta de lã de papa na qual se embrulha para dormir e para se resguardar da chuva e do frio. O contrabandista de Riba Côa gasta de dia tudo quanto ganhou de noite e quando não ganha nada ou quando os fiscais lhe apreendem o contrabando manda os filhos mais novos ou a mulher esmolar de porta em porta para prover o sustento da família enquanto ele, o chefe, joga a bisca ou o truque, a meios litros, na taberna. Nos dias de sorte, isto é, quando consegue fazer lucros notáveis, compra um cabrito, galinhas, bacalhau, arroz, batatas e pão, umas chitas para cobrir a nudez dos filhos e da esposa e corre alegremente para a taberna a vangloriar-se do feito e do amor pela família que ficou no tugúrio de incompleto lar a agasalhar-se e a banquetear-se”* (Marques C., 1936 p. 143 a 144).

A propriedade (Marques C., 1936 p. 87), tem titularidades públicas e particulares, sendo as de titularidade pública os logradouros públicos ou comuns, como são as eiras públicas e as pastagens, fornos comunitários, lavadouros, pontes, açudes, etc... e baldios que existiam somente no concelho do Sabugal, os quais eram divididos por famílias para seu proveito, apesar das maquias ou outro tipos de contribuição. Atualmente esses logradouros públicos e os baldios são administrados pelas Juntas de Freguesia, as quais obtêm baixas rendas, relativamente aos baldios, sendo apenas a intenção de que tais terrenos não terem caráter de abandono. Os restantes terrenos encontram-se divididos por vários proprietários num regime de minifúndio. Grandes propriedades não existem se não em Pinhel, Figueira de Castelo Rodrigo e Almeida, inerentes aos grandes proprietários/agricultores, mas que mesmo assim ao

longo dos tempos se foram partilhando entre herdeiros e até mesmo com outros proprietários. Atualmente tem surgido um retorno à grande propriedade com as novas políticas agrárias e pecuárias, as quais defendem explorações sustentáveis, o que só poderá ser possível com a mecanização dos trabalhos.

A valorização da propriedade e mais designadamente das terras sempre teve em consideração diversos fatores como o são a disponibilidade de água, os acessos, as dimensões, a qualidade da terra, a arborização existente, a exposição solar, etc... Quanto à disponibilidade de água, têm-se tomado medidas há já muito tempo como são os açudes, as levadas, as noras e as represas, sendo que em tempos mais recentes se têm realizado captações novas por poços e furos artesianos, sendo também de destacar as barragens que têm sido realizadas nesta bacia (barragens do Sabugal, de Alfaiates, das Batocas, de Vascoveiro,...).

### **1.3.2 Aspetos históricos da zona de Riba-Côa e do concelho do Sabugal**

Este subcapítulo tem como finalidade o estudo do concelho do Sabugal, em torno da sua localização estratégica que conduziu a uma forte fixação de fortificações e de construções de caráter religioso.

Tal estudo teve como principal base de apoio a obra literária “*TERRAS DO CÔA / DA MALCATA AO REBOREDO - OS VALORES DO CÔA*”. Ficha Técnica: Promotor e Editor, Estrela-Côa Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda; Conceção e Coordenação, Parque Arqueológico do Vale do Côa; Fotografia e Secretariado, Centro Nacional de Arte Rupestre; Edição cofinanciada, Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA) e Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR); Design Gráfico, José Luís Madeira; Execução, SerSilito Empresa Gráfica Lda. / Maia.

“Nota Introdutória do promotor e editor - «A Estrela-Côa no âmbito do seu projeto “Promover um modelo consolidado de Desenvolvimento Integrado, autossustentado e fomentador da coesão socioeconómica do território, no respeito pelas especificidades dinâmicas zonais e locais», entendeu promover e realizar a edição deste livro... A riqueza, em parte descrita por esta obra, é o resultado dos esforços do «Homem» ao longo de milénios e representa hoje uma das maiores riquezas do Vale do Côa que importa aproveitar a favor do desenvolvimento de gerações futuras. Deste modo, presta-se uma singela homenagem a quem nos legou esta nobre herança, que permite promover um melhor futuro em benefício da humanidade, no respeito pelo seu passado e no reforço da Identidade do Vale do Côa” (Estrela-Côa, 1998 p.5).

Tendo em linha de conta o tema e o programa de desenvolvimento da presente tese, bem como a área geográfica da sua abrangência, apenas se representarão estudados alguns extratos desta obra.

“Construção e espaço sagrado: um percurso pela arquitetura religiosa” (Estrela-Côa, 1998 p.101);

Com o evoluir dos tempos, vão também evoluindo os modos de análise sobre os temas de interesse e a investigar. Deste modo, mais especificamente no vale do Côa, com a descoberta, investigação e consequentes estudos de núcleos de arte rupestre, toda a envolvente passa a ter um outro ponto de vista como é por exemplo o caso do património religioso edificado e da arte sacra. Não obstante de outros locais de especial relevância de que poderei falar noutro item deste estudo, a presente obra refere mais concretamente as assimetrias da população e do desenvolvimento de uma zona geograficamente localizada na fronteira com a vizinha Espanha, o que *“implicou certamente influências e diálogos com as correntes castelhana e leonesa”* (Estrela-Côa, 1998 p.103). Esta zona foi durante alguns períodos atravessada por peregrinações que deixaram marcas, quer decorativas, quer construtivas, no edificado em geral e no edificado religioso em especial. Refere as várias igrejas de aldeias, vilas e outros locais, com *“aspeto muito simples, com fachadas em pedra nua ou caiada e praticamente desprovidas de decoração, exceção feita para a moldura de um vão ou para a marcação da entrada num tratamento mais cuidado. A historiografia dá pouco relevo a esta arquitetura provinciana que, com poucas exceções, não tem estimulado muito a investigação”* (Estrela-Côa, 1998 p.103). Continuam as dúvidas e questões entre vários autores, quanto a datas, registos, autorias, proveniências, origens, etc... relativamente a certo património edificado, em como sobre peças e arte decorativa dos mesmos. *“Predomina o sentimento de transição em relação a numerosas igrejas que mantêm a severidade românica mas insinuam já um arco típico da época posterior ou uma cobertura gótica. Edifícios de charneira, resistindo à inovação e deixando-se penetrar por novos modelos apenas muito lentamente, esta arquitetura é pouco permeável a datações imediatas e espontâneas. Não é decididamente o território das grandes realizações que movimentaram poderosos estaleiros, das grandes comunidades monásticas, das grandes encomendas. Prolifera uma construção de cariz popular a insinuar os baixos recursos e ausência de modelos de grande atualidade. Prolifera ainda uma construção muito tardia, às vezes mesmo epigonal (Pedreira J., 1998), a provar a resistência à introdução de novas linguagens. O formulário rudimentar e a presença de uma tradição que ultrapassa limites que consideraríamos razoáveis, tornam-se numa das imagens mais fortes da arquitetura religiosa desta região. Por isso, é espantoso encontrar nesta área modelos de igrejas que revelam um tratamento muito cuidado e muito acabado. E eles existem* (Estrela-Côa, 1998 p.104).

*“As edificações que espelham a Idade Média revelam um românico de traça simples e pouco ousada, de pequenas dimensões, ou um gótico em que são mais notórias as sobrevivências românicas do que as inovações estruturais ou espaciais do estilo. Neste conjunto, mesmo assim tardio, em que predominam exemplares dos séculos XIII e XIV, assinala-se o culto mariano e as pequenas igrejas junto das fortificações, quer no seu interior, quer nas suas imediações, repetidamente chamadas de Santa Maria do Castelo” (Estrela-Côa, 1998 p.104).*

*“O Barroco introduziu, em algumas, os retábulos e a pintura que, longe de serem fatais para a sua «autenticidade», como se pretendeu fazer crer, prolongaram as suas oportunidades de sobrevivência, impondo-se numa coerência muito especial” (Estrela-Côa, 1998 p.105). No concelho do Sabugal, a ruína da Igreja de Santa Maria do Castelo, em Vilar Maior (Figura 1), é um bom exemplo desta descrição.*



Figura 1 - Ruínas da Igreja de Santa Maria do Castelo, Vilar Maior (Fonte: Autor, 2015)

*“A Igreja Matriz está (Figura 2) rodeada de numerosas sepulturas que ocupam o pequeno adro. O pórtico é muito simples, ladeado por pilastras com motivos em baixo relevo. De invocação a S. Pedro, revela, no retábulo do altar-mor (ido do Convento de S. Francisco da Guarda) a colaboração e a circulação de peças entre os vários núcleos religiosos, o que dificulta a leitura imediata de certos espaços. Recebeu também a imagem de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Castelo que estava na Igreja de Santa Maria, bem como a pia batismal, peça robusta com decoração visigótica. A igreja fica numa confluência de ruas, próximo da antiga judiaria, e contribui para o carácter homogéneo e integrado das construções mais antigas e das mais recentes, que nesta aldeia se observa”, (Estrela-Côa, 1998 p.108).*



Figura 2 - Igreja Matriz, Vilar Maior (Fonte: Autor, 2015)

Mesmo na localidade do Sabugal “é do castelo que se obtém a melhor imagem para entender a implantação desta vila (agora cidade) atravessada pelo rio Côa. Mas não é junto à fortificação que se encontram as igrejas que interessa referir. Numa encruzilhada de vias, formando uma ilha envolvida pelas mais díspares construções, situa-se a igreja da Misericórdia. É um edifício de raiz românica mas já do período gótico (séculos XIII / XIV), com um pórtico de três arquivoltas simples, que conserva na fachada pedras com inscrições, classificadas, alusivas a medidas padrão - o côvado, medida de comprimento. A representação da medida está enquadrada por elementos geométricos e representações da Cruz de Malta, símbolo da Ordem a que pertencia o templo. É de traça muito austera, com friso de modilhões na fachada lateral” (Estrela-Côa, 1998 p.106 e 107).



Figura 3 - Igreja da Misericórdia, Sabugal (Fonte: Capeiaarraiana, 2013)

Mais oculta pela sua envolvente, “a Igreja de S. João, edifício de uma só nave, tem o seu padroeiro num vitral do nicho da fachada principal. É absolutamente inacreditável observar que um prédio de habitação, de fraquíssima qualidade (arquitetónica), se ergue a um escasso metro e meio da igreja, ocultando-lhe parte da fachada e retirando qualquer hipótese dele obter uma visão completa. É necessário seguir a estreitíssima via entre a igreja e a dita construção para se avançar até à torre sineira, colocada lateralmente”, (Estrela-Côa, 1998 p.107).



Figura 4 - Igreja de S. João, Sabugal (Fonte: Trabalinhosdavo.blogstop, 2011)

“Em direção à fronteira vai encontrar-se Alfaiates com idêntica dualidade de construções: a igreja da Misericórdia e a paroquial. A Igreja da Misericórdia (figura 5) é bastante tardia,

*com corpo baixo, cobertura em madeira e fraca iluminação. Se pela datação corresponderia ao gótico, a traça manifesta fortes resistências românicas. No seu interior encontra-se uma interessante peça de escultura medieval, do século XIII - uma pia batismal com motivos geométricos” (Estrela-Côa, 1998 p.107).*



Figura 5 - Igreja da Misericórdia, Alfaiates (Fonte: Autor, 2015)

*“A Igreja Paroquial é dedicada ao orago Santiago da Pedra, data do século XVII e forma com o adro e escadaria que o liga a uma das vias circundantes, um conjunto extremamente interessante, dotando-a de ampla visibilidade. A fachada principal ostenta uma composição central com porta ladeada por pilastras decoradas com finos relevos. Um janelão retangular sobrepõe-se e é enquadrado por animais fantásticos que se enrolam como volutas, misto de sereias e leões” (Estrela-Côa, 1998 p.107 e 108).*

*“Nesta igreja as uniões entre blocos de pedra também foram cheias com cimento e pintadas de branco, num ato decorativo pouco discreto mas correspondente a um gosto popular de embelezamento e animação da superfície, embora descaraterize o aspeto geral da construção” (Estrela-Côa, 1998 p.108).*



Figura 6 - Igreja Paroquial, Alfaiates (Fonte: Autor, 2015)

*“Terras duras e agrestes, pouco votadas à exposição dos seus principais valores, o fato de estarem arredadas de fortes circuitos culturais, foi propício a uma timidez que é a de não ser Espanha nem litoral português. A história ocorre aqui em sinais discretos, sem a exuberância de conjuntos monumentais esmagadores, mas felizmente o significado civilizacional não é diretamente proporcional ao aparato. Junto aos templos, ou semeados pelo caminho que leva até eles, percorrem-se os passos da via-sacra, distinguem-se cruzeiros e alpendres, elementos associados à vivência religiosa que, com as igrejas, constituem ainda hoje os equipamentos culturais dominantes” (Estrela-Côa, 1998 p.22 «Costa, 1977-87, II 241-2»).*

Ou seja, a cultura religiosa, apesar de ter tido perdido ao longo dos tempos algum impacto sobre a cultura geral da população, ainda é de um modo geral dominadora, pois continuamos a ter épocas festivas, dias inigualáveis, etc... em função dos dias específicos de comemorações religiosas, como são alguns santos e todas as romarias feitas em torno da sua dedicação. Ainda é aqui também habitual manterem-se tradições religiosas, como é o caso do casamento católico que simbolicamente oficializa o casamento civil, os batizados que simbolicamente oficializam o nascimento para a religião, a missa dominical que simbolicamente oficializa o dia de descanso e de reflexão semanal, bem como outros acontecimentos religiosos.

“Terras do Côa: dominando a paisagem” (Estrela-Côa, 1998 p.161);

Ao longo de anos longínquos, mesmo desde o Paleolítico, a bacia do Côa tem tido ocupação humana ininterruptamente, o que tem conduzido a modificações da paisagem provocadas por modificações de comportamentos e mesmo por modificações de condições naturais. Neste

local são várias as paisagens que nos deixam perplexos, quer pela sua constituição natural, pelas suas fauna e flora, assim como pela exposição geográfica que permite amplas visualizações dos espaços. Assim, são vários os locais do concelho do Sabugal e da bacia do Côa que têm estes atributos, sendo que no presente trabalho e respetiva edição são destacados, e muito bem, o “Sabugal Velho” e a “Caria Talaya” (Estrela-Côa, 1998 p.163).

“Sabugal Velho” (figura 7), localiza-se num cabeço designado como “*Nossa Senhora das Preces*” à qual corresponde uma capela existente naquele local em sua dedicação e para culto. Enquadra-se na freguesia de Aldeia Velha, mediando o percurso entre esta e a localidade de Soito. “*O topónimo Sabugal Velho evoca um lugar de grande antiguidade. É um cabeço visível à distância, mas discretamente enquadrado e dissimulado pelos elevados relevos próximos. Está porém de «caras voltadas» para a extensa superfície da meseta a norte, possuindo grande domínio visual da paisagem, o que lhe permite constituir-se como um excelente ponto estratégico de controlo da região*” (Estrela-Côa, 1998 p.174).



Figura 7 - Sabugal Velho, freguesia de Aldeia Velha (Fontes: Planetaclix, 2002, Autor, 2015; Cincoquinas, 2013)

Apresenta-se com planta de morfologia oval na zona mais alta e plana do cabeço. É local de fraca vegetação, dado o clima agreste e elevada altitude, isto é, a flora caracteriza-se por “*vegetação rasteira e mato*”. O solo local é dominado também pela presença conjunta com rocha xistosa, com a importância mineira que teve, dada a grande percentagem de presença

de “*filões de ferro*”, existindo “*testemunhos de intensa exploração mineira, em «corta», no lugar de Ferreiras, a 500m para oeste da estação arqueológica*”. Em termos de defesa do cume do cabeço, como sempre foi de hábito em locais semelhantes, temos a presença de duas muralhas ovais, concêntricas e cuja constituição se caracteriza por “*muralhas de terra batida e de paliçada*”. Entre as muralhas apresenta-se o fosso e talude com zonas intactas e com zonas cobertas por pedras e vegetação, sendo no entanto visíveis alguns dos seus alinhamentos. Conclui-se ainda pela presença que houve de edifícios de forma retangular, os quais eram construídos com pedra de xisto sobreposta. “*Entre os materiais identificados, enumeram-se mós, moedas e diversos fragmentos de cerâmica comum. A cerâmica recolhida, sem decoração, de fabrico manual ou a torno é pouco abundante. No amplo soalco a sul, entre as duas cercas, identificam-se fragmentos de cerâmica de construção romana (tegulae) e abundantes fragmentos de escória e pedra calcinada. Entre os fragmentos incaracterísticos recolhidos, de pastas grosseiras e de fabrico manual, dada a difícil tipologia e datação e utilização a análise das pastas e tratamento das superfícies, poderemos recuar o seu horizonte tecnológico até ao período pré-romano*” (Estrela-Côa, 1998 p.175). Poderá ter havido no local um acampamento militar romano, dada a sua posição estratégica de controlo da paisagem da meseta, com condições para proveito de ataques e guerras para com os lusitanos. “*A proximidade de jazidas de filões de ferro, proporcionava matéria prima necessária à produção e reparação de armas e arreios. Será sempre motivo de interesse e curiosidade para a população do concelho do Sabugal, que sempre ouviu dizer que aqui viveram os fundadores da atual Vila do Sabugal (cidade), o conhecimento da evolução histórica das suas terras*” (Estrela-Côa, 1998 p.175). Outro aspeto interessante é a existência de uma nascente de água, a qual se torna atrativa para a visita e permanência de grupos de visitantes e turistas, sendo até nos últimos tempos um local de convívio.

“Caria Talaya” (figura 8), localiza-se num cabeço junto da margem direita do rio Côa, entre as localidades de Rapoula do Côa, Ruvina e Vale das Éguas. Situa-se no seu topo a Ermida da Sr<sup>a</sup>. das Preces, sendo este lugar um ponto estratégico de uma “*antiga passagem a vau*”. Supostamente, por guarda dessa passagem é que se originou ali uma povoação a que se deu o nome de “*«Caria Talaya» - topónimo de origem muçulmana, significa «povoação fortificada*». *É possível que as iniciativas reorganizadoras do Riba Côa pelo rei de Leão D. Afonso IX, nos inícios do séc. XIII, tenham reconhecido esta a antiga comunidade autonomia como concelho e vila, não se lhe reconhecendo, no entanto, uma eventual carta de povoação ou foral*”. Contudo, conclui-se pelo seu limite com a vizinha vila de Alfaiates, a nascente, em 1231 numa carta de D. Fernando III à vila do Sabugal (“*como partem com cariatalaia per las mestas*”, Estrela-Côa, 1998 p.177). Houve lugar a mais referências, posteriormente a 1320, ou seja, ao domínio do reinado de D. Dinis, onde se fez referência a “*igreja de Santa Maria de Caria Talaya*”, inserida no “*termo do Sabugal*”.

## “CARIA TALAYA”

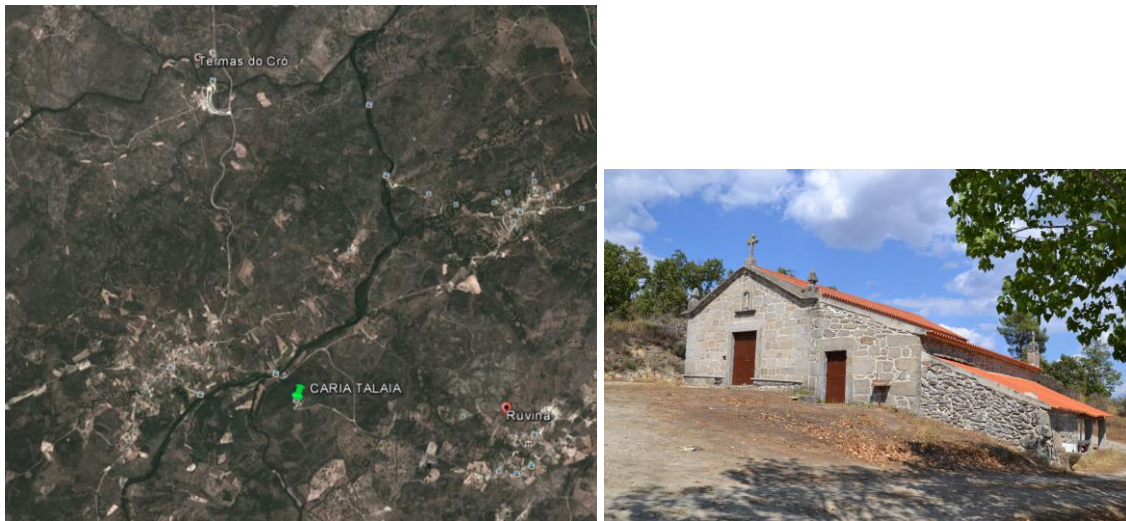


Figura 8 - Ruínas de “Caria Talaya” e Capela de Sr.ª. dos Prazeres, Ruvina (Fontes: Google Earth, 2015; Autor, 2015)

É, atualmente, local de romaria no mês de abril, sendo celebrada pela população de Ruvina, mas onde acorrem também populações das localidades vizinhas como a Rapoula do Côa, Vale das Éguas, Vila Boa, Rendo, Valongo e Ruivós. Em termos de precedente edificado, apenas persiste alguns troços de muros mais consolidados, os quais tudo indicam terem sido parte integrante de uma “antiga cintura defensiva”, (Estrela-Côa, 1998 p.177).

*“O caráter da paisagem atravessada pelo Côa é aqui substancialmente diferente do anterior. Alongando-se por uma zona planáltica, sem grandes desníveis de terreno, deparamos com um rio de águas mais calmas, aqui e além aceleradas em pequenos açudes que servem de moinhos e azenhas. Ao longo das margens, nas proximidades das populações, a área envolvente, agricultada ou usada para pastos, sobressai pelos seus verdes vivos. O rio é ladeado por uma pujante vegetação ripícola, com todas as condições para albergar um variado leque de espécies anfíbias. De salientar a presença nesta zona da toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus rufulus*), mamífero interessantíssimo, cuja distribuição geográfica se confina aos Pirinéus e norte da Península Ibérica. Até onde a vista alcança, manchas de carvalhos e pinheiros, algumas com dimensões apreciáveis, são o traço característico da paisagem, habitat de predadores como a raposa (*Vulpes vulpes*), a gineta (*Genetta genetta*) e o gato bravo (*Felis silvestris*). No horizonte, para sul, divisa-se a silhueta imprecisa da Serra da Malcata. Avistamos, não longe, dois exemplares de Milhafre negro (*Milvus migrans*)”,* (Estrela-Côa, 1998 p.177).

### **1.3.3 Outras considerações sobre os aspetos geográficos e históricos da bacia hidrográfica do Côa e do concelho do Sabugal**

Outras obras literárias sobre a região foram investigadas, concluindo-se resumidamente que de tal estudo também tais obras abordam os assuntos e temas anteriormente interpretados, sendo que se refere a:

- “JORNADAS DA BEIRA INTERIOR” (Jornal do Fundão 1984) ;
- “Terras de Riba-Côa - Memórias Sobre o Concelho do Sabugal” (Correia, M. 1946);
- “JORNADAS DO CONTRABANDO, Actas - Exposição «Memórias do Contrabando»” (Sabugal+, EM 2007);
- “Alfaiates no tempo de D. Manuel, o Foral de 1515 - Estudo, Transcrição e Fac-Simile”, João Carlos Santos Pinho, Sabugal CM. 2015;

## Capítulo 2

### Caracterização geral do Concelho do Sabugal

#### 2.1 Historial do Concelho do Sabugal

O concelho do Sabugal tal como foi já referido, encontra-se localizado numa zona designada de Beira Interior (Beira Alta), confrontando a nascente com a vizinha Espanha (**figura 9**).

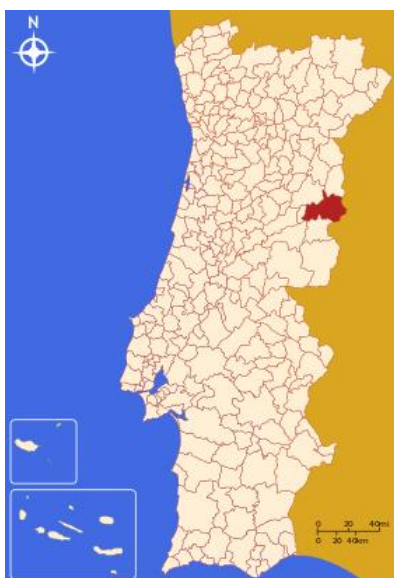


Figura 9 - Localização do Concelho do Sabugal no âmbito nacional (Fonte: Portugalfotografiaaerea, 2011)



Figura 10 - Castelo do Sabugal (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*”O Concelho do Sabugal integra-se na ampla unidade geográfica do Alto Côa, correspondente às terras irrigadas pelas linhas de água afluentes do curso superior deste rio. A região tem vindo a revelar indícios de importante ocupação humana, desde a Antiguidade, apesar das*

*suas condições naturais não serem as mais propícias ao assentamento populacional, pelo rigor do seu clima.*

*Os vestígios mais antigos identificados neste território recuam ao Neolítico e ao Calcolítico. Desde as referências às desaparecidas antas de Ruivós, Aldeia da Ribeira e Bendada, e a recentemente descoberta em Sacaparte (Alfaiates), às escavações realizadas no centro histórico do Sabugal (onde se obteve cerâmica com decoração penteada e picotada, artefactos lascados de sílex, machados e enxós, e um machado de cobre) e no habitat das Carvalheiras (Casteleiro), cujas datações provenientes de amostras aí obtidas proporcionaram uma datação rigorosa de meados do III milénio a.C., possuímos uma ampla panorâmica da presença das primeiras comunidades humanas na região.*

*A ocupação humana foi pródiga sobretudo na Idade do Bronze, à qual são atribuídos diversos povoados de altitude e inúmeros achados avulsos. Em Vilar Maior, no Sabugal, na Serra Gorda (Águas Belas), no Castelejo (Sortelha), no Cabeço das Fráguas (Pousafoles do Bispo), em Caria Talaya (Ruvina), em Vila do Touro, e em muitos outros topos de cabeços da região ocidental do Alto Côa, habitaram diversas comunidades pastoris, agrícolas e mineiras. A riqueza destas terras em mineração de estanho e cobre (matéria indispensável para a produção do bronze) consolidou a importância regional do Alto Côa. Deste período conhecem-se as mais belas peças arqueológicas, como as estelas decoradas dos Foios e do Baraçal; a espada de Vilar Maior; os machados da Quarta-Feira, Soito e Lageosa da Raia e, recentemente, as gravuras rupestres de arte esquemática de Vilar Maior.*



Figura 11 - Seteira de fortificação (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*As comunidades da Idade do Ferro também ocuparam diversos relevos, deixando-nos vestígios dos seus povoados fortificados. Para além dos mais conhecidos castros da Serra das Vinhas (Penalobo), dos Castelos de Ozendo (Quadrazais), do Cabeço de São Cornélio (Sortelha) e da Serra da Opa (Casteleiro), destacam-se o Sabugal Velho (Aldeia Velha) e o próprio Sabugal. Desde cedo aqui terão existido dois povoados centralizadores de toda a região superior do Vale do Côa, seguramente devido à sua posição estratégica no território, onde as escavações revelaram uma grande riqueza material: artefactos metálicos e líticos, cerâmicas, contas de pasta vítrea e estruturas habitacionais circulares e retangulares.*

*Os romanos ocuparam, no final do séc. I a.C., o vale superior do rio Côa de forma militarmente planificada, através da força dos seus exércitos, ocupando o território por meio de guarnições em pequenos assentamentos militares que, nesta região, poderiam ter existido na atual freguesia de Aldeia de Santo António ou em Alfaiates. Nesta última povoação foi encontrada até uma inscrição do Imperador Augusto que parece testemunhar um marco militar, dado que a sua cronologia é bastante recuada.*

*São conhecidas numerosas estações arqueológicas da Época Clássica pelo restante Alto Côa, e alguns materiais, que demonstram a potencialidade da romanização desta região: aldeias, vici, villae, granjas e casais; calçadas e miliários. Destacam-se entre estes testemunhos romanos, a enorme quantidade de epígrafes votivas e funerárias que revelam a enorme aculturação romana da população indígena local.*



Figura 12 - Torre do Relógio, Sabugal (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*Os dados históricos escasseiam com o declínio da civilização clássica e são raros os vestígios da passagem dos suevos, visigodos e árabes. Apenas alguns topónimos persistem na paisagem. Entre eles teríamos de destacar o cabeço de Caria Talaya ('pousada-vigia') e até o próprio nome de Alfaiates (possivelmente oriundo de Al-haet = 'muralha').*

*Os episódios históricos que ocorreram no Alto Côa tornam-se mais conhecidos com o início da reconquista cristã da Península Ibérica e a formação da nacionalidade por D. Afonso Henriques. Durante o seu reinado, o território foi consideravelmente alargado até ao rio Tejo, tendo o vale superior do rio Côa sido abrangido pelo seu esforço militar.*

*Mas, nos finais do séc. XI, a nova investida Almorávida voltou a criar uma desestabilização e desagregação, rompendo o equilíbrio instaurado na região. Serão as comunidades leonesas, mais tarde, que irão, pouco a pouco, retomando estas terras do Alto Côa, repovoando-as e dando-lhe o ordenamento administrativo necessário. Os primeiros burgos desta região, logo após a reocupação, eram constituídos por comunidades autóctones e gentes oriundas do norte da Península, procurando novas terras.*

*Assim, pelos finais do séc. XII, Afonso IX de Leão desanexa uma extensa área do termo de Ciudad Rodrigo e funda aí um novo concelho, escolhendo para sua sede a povoação do Sabugal. No seu termo integravam-se diversas aldeias que começavam a afirmar-se na região, como por exemplo Alfaiates, Vilar Maior, Caria Talaya e o Sabugal Velho.*

*Um testemunho vivo do urbanismo, arquitetura e quotidiano das sociedades que aqui habitavam, neste período de domínio leonês, encontra-se no Sabugal Velho, cujo primitivo nome é ainda desconhecido. Com a sua intrincada linha dupla de muralhas, o seu urbanismo ortogonal, a importância da sua economia mineira e os seus vestígios materiais (cerâmica comum doméstica, mós circulares, ferragens, moedas, contas de colar e fivelas de cinturão), seria seguramente um dos centros populacionais mais importantes da região.*



Figura 13 - Rio Côa, Sabugal (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*Do lado português, a coroa e os municípios da Guarda e da Covilhã trataram também de alargar o território para sul, retomando terras aos mouros, como repovoando as terras mais ermas e ocupando territórios de posse indefinida com Leão. D. Sancho I fomenta o povoamento do novo lugar de Sortelha (retirado do termo da Covilhã), e mais tarde, o seu neto D. Sancho II outorga-lhe carta de foral (1229), passando a ser o concelho português confinante com o Sabugal leonês.*



Figura 14 - Imagem figurativa, Sabugal (Fonte: Capeiaarraiana, 2011)

*Mais a norte, em 1215, forma-se outro município português na margem esquerda do Côa, quando o concelho da Guarda concede aos Templários as terras de Touro, de forma a defendê-las e repovoá-las. Será o mestre da Ordem do Templo, D. Pedro Alvito, a conceder-lhe o foral em 1220, criando, desta forma, uma zona tampão nas terras de fronteira com Leão.*

*Para fazer face a este castelo de Vila do Touro, o monarca leonês promoveu, do seu lado, a construção de uma fortaleza num cabeço sobranceiro à margem direita do rio Côa, denominado de “Caria Talaya” (Ruvina). Aí fundou-se uma povoação, já desde os inícios do*

*séc. XIII, que esteve para ser sede de concelho, mas que foi abandonada por volta do séc. XIV e as suas muralhas nunca foram concluídas (tal como a fortaleza de Vila do Touro), pois deixou por essa altura de ter importância estratégica e militar, com o avanço da fronteira para leste.*

*O grande termo do Sabugal começou a ser espartilhado, na 1ª metade do séc. XIII, por dois outros concelhos recém-criados: a povoação de Alfaiates terá retirado o seu alfoz do Sabugal e delimitado o seu território, já antes de 1219; e Vilar Maior terá recebido Carta de Povoamento (retirando o seu alfoz, por sua vez, de Alfaiates), por volta de 1227.*



Figura 15 - Rei “D. Diniz” (Fonte: Site.CMSabugal, 2015)

*Estes três concelhos da margem direita do rio Côa serão integrados no território português em 1296, após uma investida militar que D. Dinis efetua por estas terras, até Ciudad Rodrigo, justificando a legítima e ancestral posse destas terras, desde os tempos de Afonso Henriques. Esta desavença será sanada apenas com a assinatura do Tratado de Alcanizes entre D. Dinis e D. Fernando IV de Leão e Castela, em 1297. Com este acordo, a coroa portuguesa fica com a posse legítima e perpétua de todas as terras de Riba-Côa, sendo criado um novo limite fronteiriço que, praticamente, se manterá até aos nossos dias.*

*A partir de aqui, todo o vale superior do rio Côa e parte das terras baixas do Casteleiro e Bendada, serão divididas por cinco Vilas, sedes de concelho, guarnecidas de muralhas e castelos, cujo principal fomento de construção e reforma se deve ao rei D. Dinis e seus descendentes.*

*No final do século XIV, Riba-Côa é afetada pelas guerras fernandinas (1373-1383) e pela conseqüente luta pela restauração da nacionalidade (1383-84), sendo palco das invasões castelhanas e da tomada dos seus castelos. O Sabugal terá sido uma das últimas praças a ser devolvidas por Castela, já em 1393, depois do Tratado de Lisboa entre as duas coroas.*

*Nova e importante intervenção régia se faz sentir nesta região, mais tarde, com D. Manuel. Deve-se a este monarca, uma das maiores reformas políticas e administrativas dos cinco concelhos do Alto Côa. Em 1510, procede à concessão de novos forais a Sortelha, a Vila do Touro e a Vilar Maior e, posteriormente, em 1515, ao Sabugal e a Alfaiates. Nos seus castelos empreende reformas de melhoramento, ampliação e adaptação aos novos sistemas de artilharia militar do século XVI. Nestas localidades ainda é possível admirar os antigos Paços*

do Concelho, cadeias e respetivos pelourinhos, datados em grande parte deste período, que refletem a pujança destas Vilas.



Figura 16 - Castelo do Sabugal (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*O território estava também, todo ele, estruturado ao nível das vias de comunicação. Estes eixos ligavam a região à Guarda, a Salamanca, a Belmonte, à Covilhã e a Penamacor. A sua passagem sobre os rios e ribeiras era marcada pela construção de pontes de pedra, pontões e poldras. Algumas pontes podem ter origem romana, como a de Alfaiates (já desaparecida), a do Sabugal e a de Aldeia da Ponte. Outras serão de época medieval e moderna, como a de Vilar Maior e a de Sequeiros (única pelo seu torreão construído no séc. XVII, situada no local de passagem de uma via sobre o Côa).*

*Lembramos ainda a grande repercussão político-militar que se deu nesta região durante as Guerras de Restauração contra Espanha (1640-1668), que exigiu a reorganização do exército português e a reconstrução de fortalezas, até à assinatura do tratado de paz definitivo.*

*Este conflito causou danos e mortandades no Alto Côa durante quase três décadas. Muitas povoações ribacudanas foram até incendiadas pelos castelhanos.*

*Próximo a Alfaiates, encontram-se as ruínas do antigo Convento de Sacaparte, de fundação no século XVIII, pertencente à Congregação dos Clérigos Agonizantes da Tomina, ligados à assistência aos enfermos, dadas as propriedades curativas das suas águas. Em Aldeia da Ponte, para além de um cruzeiro setecentista, situa-se também o Colégio dos Marianos. Estes dois imóveis revelam a importância das tradições religiosas e do estabelecimento de algumas ordens monásticas em Ribacôa, seguramente associadas à passagem de algumas grandes vias pela região.*

*No âmbito da Guerra Peninsular (1807-1814), esta região foi palco da travessia das tropas francesas de Napoleão. Na derradeira invasão napoleónica ao território português, na tentativa frustrada de conquistar Lisboa, após a retirada, as tropas francesas sofreram uma pesada derrota infligida pelas tropas luso-inglesas já nas proximidades do Sabugal, na Batalha do Gravato (1811). Pelo caminho, a enorme massa de soldados esfomeados iam delapidando as aldeias dos seus bens e habitantes.*

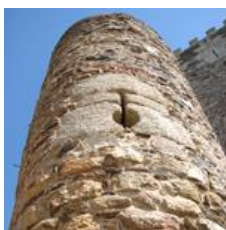


Figura 17 - Castelo do Sabugal (Fonte: SiteCMSabugal, 2015)

*Nos meados do século XIX, a reforma administrativa de Mouzinho da Silveira dividiu o território nacional em províncias, comarcas, concelhos e freguesias. Esta política provocou no Alto Côa a extinção dos concelhos de Alfaiates e Vila do Touro em 1836, e de Sortelha e Vilar Maior em 1855, sendo todos integrados no grande concelho do Sabugal. Este município passou a ter 40 freguesias, com outras numerosas pequenas povoações e quintas. Os Paços de Concelho destas antigas Vilas foram então convertidos em escolas públicas, e as prisões fechadas, como foi o caso de Vilar Maior e Sortelha, mantendo-se, porém, os monumentos representativos da sua primitiva municipalidade - património classificado da nossa região” (Sabugal CM., 2014).*

## 2.2 As “Cinco Vilas” fortificadas do Concelho do Sabugal

### Sabugal - Castelo Medieval

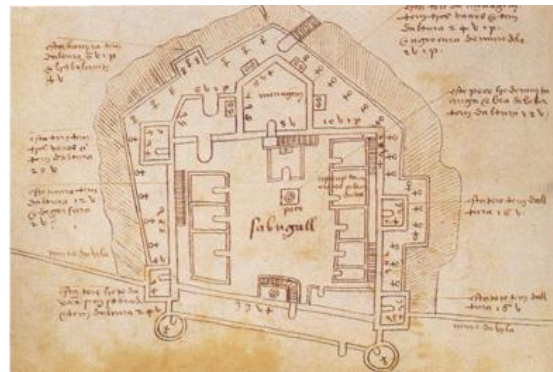


Figura 18 - Castelo e Muralha da “Vila do Sabugal” (Fontes: 360portugal, Nuno Tavares, 2005; Duarte d’Armas, 1495 1521)

*“À época da Reconquista cristã da península Ibérica, as terras do Sabugal foram inicialmente conquistadas possivelmente por D. Afonso Henriques (1112-1185) em 1160, vindo a ser perdidas logo após para o reino de Leão.*

*Em 1190, Afonso IX de Leão criou o Concelho do Sabugal, tendo a vila sido fundada por volta de 1224, época em que foi principiado um reduto defensivo.*

*Integrante do território de Ribacôa, conquistado a Leão por D. Dinis (1279-1325), recebeu Carta de Foral daquele soberano português em 1296. Entretanto, a sua posse definitiva para Portugal só foi assegurada pelo Tratado de Alcanices em 1297. O soberano, a partir de então, procurou consolidar essas fronteiras, fazendo reedificar o Castelo de Alfaiates, o Castelo de Almeida, o Castelo Bom, o Castelo Melhor, o Castelo Mendo, o Castelo Rodrigo, o Castelo de Pinhel, o Castelo do Sabugal e o Castelo de Vilar Maior.*

Iniciam-se, nesse contexto, os trabalhos de ampliação e reforma da sua defesa casteleira, desimpedindo-se o espaço intramuros onde se erguiam algumas casas da povoação e reforçando-se as muralhas que ganharam por dois grandes torreões dominados por uma alta torre de Menagem. As obras, referidas por Rui de Pina (Crónica de D. Dinis), foram concluídas em 1303, sob a direção de Frei Pedro, do Mosteiro de Alcobaça. Credita-se ainda, a este soberano, o estabelecimento, nestes domínios, de um couto de homiziados, privilégio que visava atrair povoadores. Alguns documentos confirmam que este privilégio se encontrava em vigor ainda em fins do século XV.

No reinado de D. Manuel I (1495-1521), o Castelo do Sabugal encontra-se figurado por Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, c. 1509), tendo recebido obras de beneficiação, concluídas em 1515, conforme inscrição epigráfica sobre o portão principal. Este soberano concedeu o Foral Novo à vila em 1 de Junho de 1515” (wikipedia, 2015)

### Sortelha - Castelo Medieval



Figura 19 - Castelo e Muralha da “Vila do Sortelha” (Fonte: Américo Almeida, 2006; 360portugal, 2005; )

“À época da Reconquista cristã da península Ibérica, Pena Sortelha, como então era chamada, constituiu-se em defesa da região fronteiriça, disputada entre Portugal e Castela. A partir de 1187, D. Sancho I (1185-1211) tomou medidas para repovoar o lugar, e foi o seu neto homónimo, D. Sancho II que concedeu foral à vila (1228), época provável da edificação do castelo.

A cerca da vila seria beneficiada por D. Dinis no século XIII que, a partir da assinatura do Tratado de Alcaizés (1297), fixou as fronteiras para além das terras de Riba-Côa. No século seguinte, foi erguida uma nova cerca por iniciativa de D. Fernando. No século XV sabe-se que o alcaide do castelo era Manuel Sardinha, sucedendo-lhe Pêro Zuzarte.

Em 1510, D. Manuel I (1495-1521) renovou o foral da Vila, mencionando que os seus habitantes não estavam obrigados a dar hospedaria aos grandes e pequenos do reino, se essa fosse a vontade do povo de Sortelha. Esse soberano também iniciou uma campanha de obras no castelo, dentre as quais subsiste a emblemática manuelina sobre a porta. Em 1522 Garcia Zuzarte tornou-se alcaide-mor. Nesse século ainda, o nobre D. Luís da Silveira, guarda-mor de D. Manuel I e de D. João III (1521-1557), adquiriu o castelo, tornando-se seu alcaide, conferindo-lhe D. João III o título de Conde de Sortelha” (wikipedia, 2015).

### **Alfaiates - Castelo Medieval**



Figura 20 - Castelo e Muralha da “Vila de Alfaiates” (Fonte: Teresa D. Reis “Ruta de los Castillos”, 2011; 360portugal, 2005)

“A primeira fortificação do povoado remonta à época da Reconquista Cristã da península Ibérica, quando a região foi tomada pelas forças do reino de Leão, em fins do século XII ou início do século XIII. A tradição regista que, neste período, era conhecido como Castillo de la Luna. Embora nenhum vestígio material desta estrutura tenha chegado até nós, acredita-se que se erguia na zona elevada ao centro da atual vila, junto à Igreja da Misericórdia, conforme indicado no século XVII por seu alcaide, Brás Garcia de Mascarenhas. Seria composta por uma torre defendida por uma cerca em estilo proto românico, destinada a vigilância e refúgio dos moradores.

Integrante do território de Ribacôa, disputado a Leão por D. Dinis (1279-1325), a sua posse definitiva para Portugal foi assegurada pelo Tratado de Alcanices (1297). O soberano, a partir de então, procurou consolidar-lhe as fronteiras, fazendo reedificar o Castelo de Alfaiates, o Castelo de Almeida, o Castelo Bom, o Castelo Melhor, o Castelo Mendo, o Castelo Rodrigo, o Castelo de Pinhel, o Castelo do Sabugal e o Castelo de Vilar Maior.

Embora a tradição atribua a este soberano a construção do castelo, será mais correto admitir que essa conjuntura terá determinado obras de modernização e reforço na antiga

*fortificação leonesa, na cerca defensiva ou mesmo na torre de menagem, suposições que carecem de comprovação documental.*

*Apoiada em documentos da época, é tradição local que em tempo de D. Afonso IV (1325-1357) foram aqui celebradas em 1328 as núpcias da filha deste, a princesa D. Maria de Portugal, a "fermosíssima Maria" segundo Camões, neta de Isabel de Aragão, a Rainha Santa Isabel, com Afonso XI de Castela.*

*Visando revitalizar esta povoação, D. Manuel I (1495-1521) outorgou-lhe diversos privilégios, entre os quais o direito de couto e homizio. Ao mesmo tempo reformulou-lhe as defesas, determinando a construção de uma fortaleza (1510). O novo projeto, característico do século XVI, em vez de levar em conta o antigo castelo medieval, edificado em posição dominante no centro da vila, privilegiou um local aplainado, nos limites da mesma, prevendo uma fortificação mais moderna, adaptada ao fogo da artilharia da época. As suas obras transcorreram com lentidão, uma vez que, em 1525, Diogo de Arruda ainda lhe vistoriava os trabalhos.*

*A última fase arquitetónica do monumento data do final do século XVI, quando as suas defesas seriam reforçadas por uma nova cintura de muralhas, integrando baluartes e cortinas verticais. Este amplo projeto jamais foi concluído devido à Crise de sucessão de 1580, À época da Guerra da Restauração da independência de Portugal, teve como alcaide o cavaleiro e poeta Brás Garcia de Mascarenhas” (wikipedia, 2015).*

### **Vilar Maior - Castelo Medieval**



Figura 21 - Castelo e Muralha de “Vilar Maior” (Fontes: CCDRC, 2007; António Cunha - ciencia viva, 2012)

*“À época da Reconquista cristã da península Ibérica, a posição de Vilar Maior revestiu-se de valor estratégico, na fronteira entre cristãos e muçulmanos. O castelo é pela primeira vez referido na segunda metade do século XI, imediatamente após a campanha das Beiras, promovida por Fernando Magno (1139). Segundo essa vertente, a sua construção (ou*

reconstrução) inscreve-se no quadro de expansão do reino de Leão. Outros, entretanto, atribuem a sua edificação (ou reedificação) a Afonso IX de Leão, tendo a cerca da vila sido erguida desde o final do século XIII, conforme inscrição epigráfica datada de 1280, o que atesta a sua importância regional à época.

Integrante do território de Ribacôa, disputado a Leão por D. Dinis (1279-1325), este soberano passou foral à povoação em 17 de Novembro de 1296, quando a terá conquistado. A sua posse definitiva para Portugal, entretanto, só foi assegurada pelo Tratado de Alcanices (1297), a partir de quando o soberano procurou consolidar as fronteiras na região, fazendo reedificar os castelos de Alfaiates, Almeida, Castelo Bom, Castelo Melhor, Castelo Mendo, Castelo Rodrigo, Pinhel, Sabugal e este, de Vilar Maior.

Com a paz, a fortificação perdeu importância e começaram a sentir-se dificuldades de povoamento. Visando reverter esse quadro, em meados do século XV, a vila recebeu o privilégio de couto de homiziados (1440), visando atrair moradores. Pelo mesmo motivo, D. Manuel I (1495-1521) concedeu-lhe o Foral Novo (1510). Nessa época, a povoação e seu castelo encontram-se figurados por Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, c. 1509)” (wikipedia, 2015).

#### **Vila do Touro - Castelo Medieval**



Figura 22 - Castelo e Muralha de “Vila do Touro” (Fonte: Guiadacidade, 2011)

“À época da Reconquista cristã da península Ibérica, a região foi conquistada pela Coroa de Portugal em fins do século XII. À época, os seus domínios foram doados pelo Concelho da Guarda aos cavaleiros da Ordem do Templo, a quem se atribui o estabelecimento da

povoação, que veio a constituir termo próprio. Lindeiro ao reino de Leão, sob o reinado de D. Afonso II (1211-1223), visando incentivar o seu povoamento e defesa, o Mestre da Ordem, D. Pedro Alvito, concedeu à povoação o seu foral (1 de Dezembro de 1220). Embora não haja informações complementares (acredita-se que seja contemporâneo do Castelo de Castelo Mendo), datará desse período o início da construção da sua defesa: povoação raiana, a sua fortificação era fronteira à iniciada em Caria Talaya, na margem oposta do rio Côa, em território do reino de Leão, hoje a atual freguesia de Ruvina, em território português.

A defesa casteleira, entretanto, aparentemente não passou da construção de muralhas, uma vez que se sucedeu conflito pela posse de terras na região, entre a Ordem e o Concelho da Guarda, que se opunha à criação do Concelho da Vila do Touro.

Sob o reinado de D. Dinis (1279-1325), com a assinatura do Tratado de Alcanices (1297), a Vila do Touro perdeu o seu carácter fronteiriço e, conseqüentemente, a sua importância estratégica. Esse motivo, somado à extinção da Ordem do Templo (1319), levou a que a fortificação jamais fosse concluída, resumindo-se ao circuito de muralhas. O soberano não confirmou o foral à vila e nem concedeu atenção à sua defesa, que mergulhou no esquecimento, embora se tenha mantido sede de Concelho entre o início do século XIII e o início do século XIX. A primitiva Igreja Matriz, templária, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, passou para a Ordem de Cristo.

D. Manuel I (1495-1521) concedeu-lhe o Foral Novo (1510), mas a sua fortificação continuou mergulhada no esquecimento. O conselho de Vila do Touro foi extinto durante as Reformas Liberais em 1836, juntamente com o de Alfaiates” (wikipedia, 2015).

## 2.3 População, Áreas e Distribuição

Quadro 1 - Desenvolvimento Demográfico do Concelho do Sabugal (Fonte: Censos, 2011)

População do concelho do Sabugal (1801 - 2011)									
<u>1801</u>	<u>1849</u>	<u>1900</u>	<u>1930</u>	<u>1960</u>	<u>1981</u>	<u>1991</u>	<u>2001</u>	<u>2011</u>	
7 157	11 669	33 047	33 774	38 062	18 927	16 919	14 871	12 544	

População residente no concelho do Sabugal (2011)			
<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>	<u>Total</u>	
5.884	6.660	12.544	

Freguesias do concelho do Sabugal.

Quadro 2 - O concelho de Sabugal está dividido em 30 freguesias

<u>Águas Belas</u>	<u>Pousafoles do Bispo, Pena Lobo e Lomba</u>
<u>Aldeia da Ponte</u>	<u>Quadrazais</u>
<u>Aldeia da Ribeira, Vilar Maior e Badamalos</u>	<u>Quintas de São Bartolomeu</u>
<u>Aldeia do Bispo</u>	<u>Rapoula do Côa</u>
<u>Aldeia Velha</u>	<u>Rebolosa</u>
<u>Alfaiates</u>	<u>Rendo</u>
<u>Baraçal</u>	<u>Ruvina, Ruivós e Vale das Éguas</u>
<u>Bendada</u>	<u>Sabugal e Aldeia de Santo António</u>
<u>Bismula</u>	<u>Santo Estêvão e Moita</u>
<u>Casteleiro</u>	<u>Seixo do Côa e Vale Longo</u>
<u>Cerdeira</u>	<u>Sortelha</u>
<u>Foios</u>	<u>Souto</u>
<u>Lageosa da Raia e Forcalhos</u>	<u>Vale de Espinho</u>
<u>Malcata</u>	<u>Vila Boa</u>
<u>Nave</u>	<u>Vila do Touro</u>

O concelho do Sabugal está integrado na **Região Centro** e na **sub-região da Beira Interior Norte**, da qual fazem parte os concelhos de Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Manteigas, Mêda, Pinhel e Trancoso. Os 115 325 habitantes deste conjunto de concelhos distribuem-se pelos 4069 km<sup>2</sup>, conduzindo a um valor de densidade populacional realmente baixo (28,3 hab/km<sup>2</sup> e que em vindo a baixar) quando comparado com a média



## Capítulo 3

### Caracterização física

A caracterização física passa pela monitorização do local em estudo, obtendo-se o seu conhecimento a partir da análise através da modelação digital do terreno, declives, exposição, hidrografia, geologia e caracterização climática

#### 3.1 Modelo Digital do Terreno

A hipsometria do terreno no concelho do Sabugal varia desde altitudes inferiores a 400m até altitudes de cerca de 1100m, sendo as mais elevadas na Serra do Homem de pedra com 1152m e na Serra das Mesas com 1259m. Esta variação influencia por si só o aspeto ambiental ao logo do território e consequentemente os seus aspetos paisagísticos e tipos de ocupações. Poderão assim caracterizar-se três regiões em função das referidas altitudes, ou seja, uma zona ocidental com altitudes mais baixas, mas com encostas inclinadas com declives maiores que 30%, uma zona central a que corresponde o Vale do Côa e que ocupa cerca de 70% do território, e por fim uma zona mais a nascente com algumas planícies e encostas menos íngremes, como são a zona da Serra de Malcata e a zona fronteiriça, onde as altitudes rondam, e até ultrapassam, os 1100m (Sabugal PMEPC, 2010).

A análise da orografia do terreno permite identificar as possibilidades de criação de percursos turísticos em função das extensões, inclinações, particularidades naturais, etc... (Figura24).

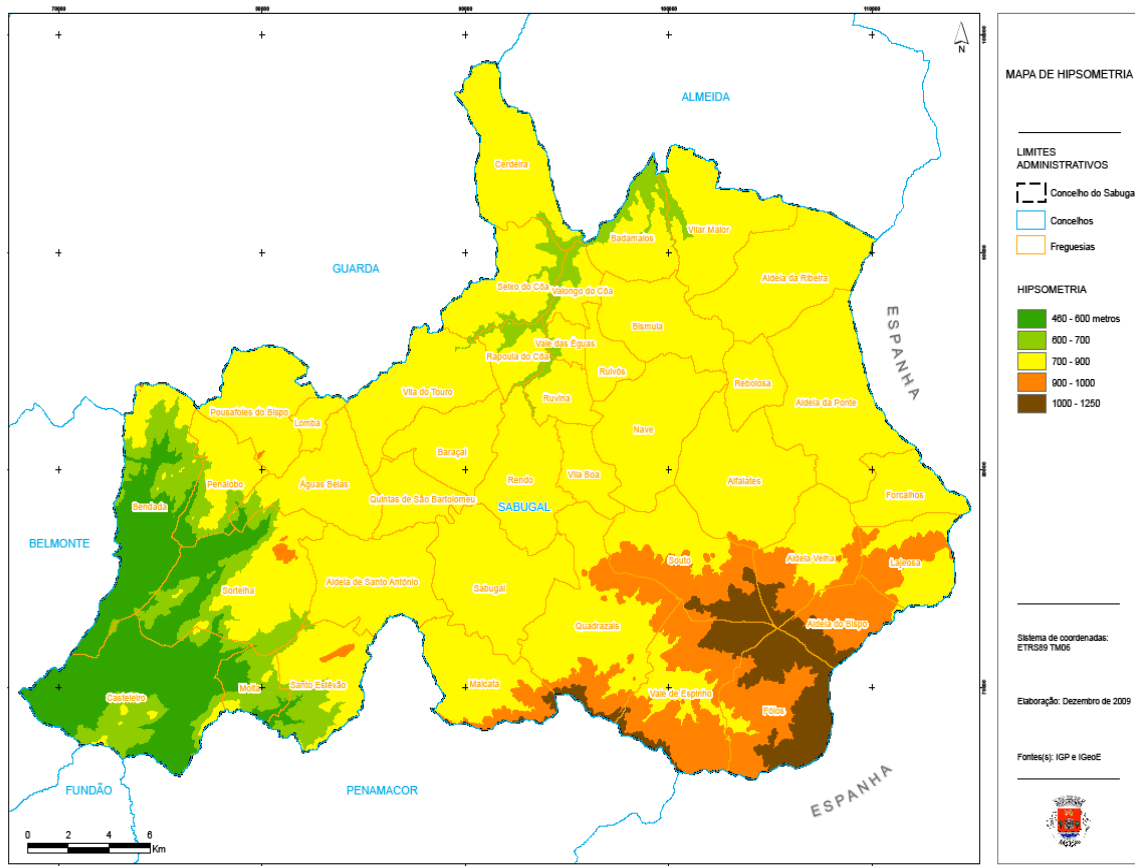


Figura 24 - Mapa Hipsométrico do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, IGeoE e CMS, 2009)

## 3.2 Declives

Nas áreas envolventes das linhas de água o risco de erosão é frequentemente muito elevado, uma vez que se trata de áreas de concentração do escoamento de águas pluviais (**Figura 25**).

Nestas faixas deve ser feita uma rigorosa prevenção dos fenómenos erosivos, pelo que é fundamental a adoção de medidas que visem a sua proteção, de entre as quais se destacam, pela sua particular conveniência, a manutenção da totalidade ou de uma parte significativa da vegetação espontânea e a não realização de quaisquer mobilizações do solo (Sabugal PMEPC, 2010).

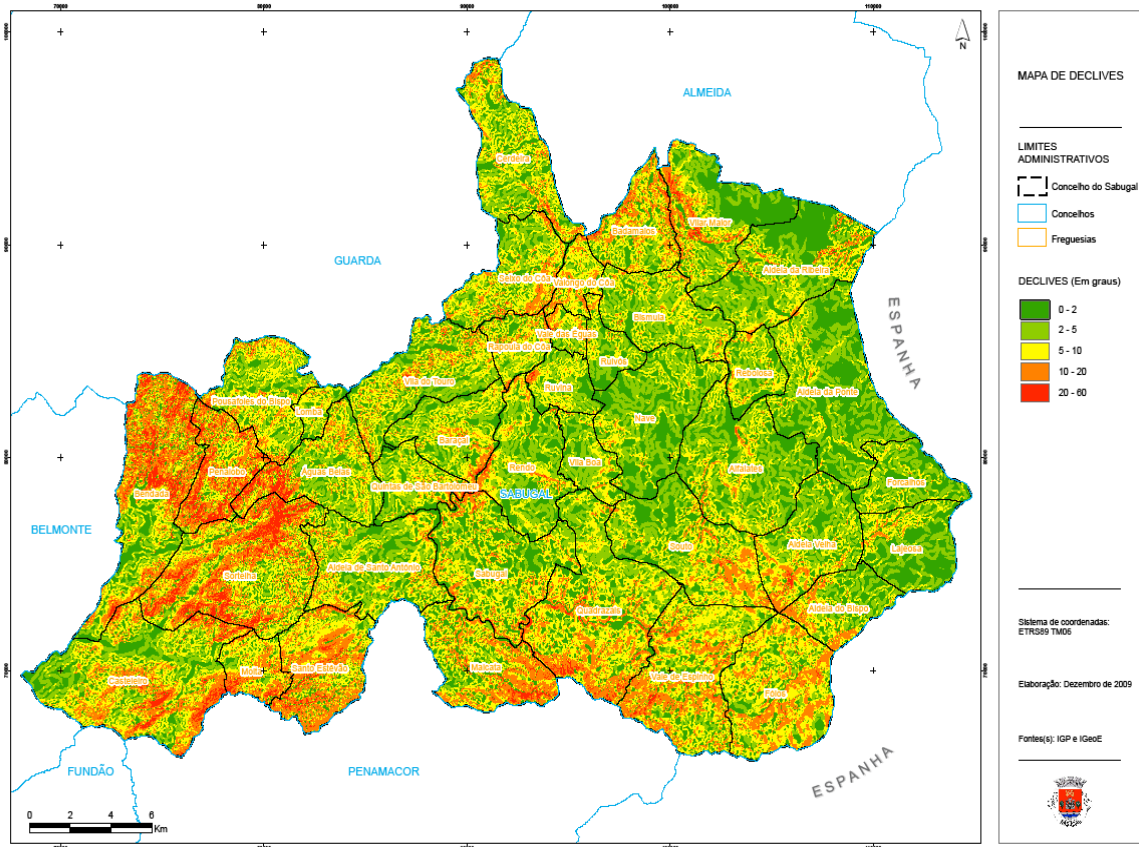


Figura 25 - Mapa dos declives do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, IGeoE e CMS, 2009)

### 3.3 Exposição

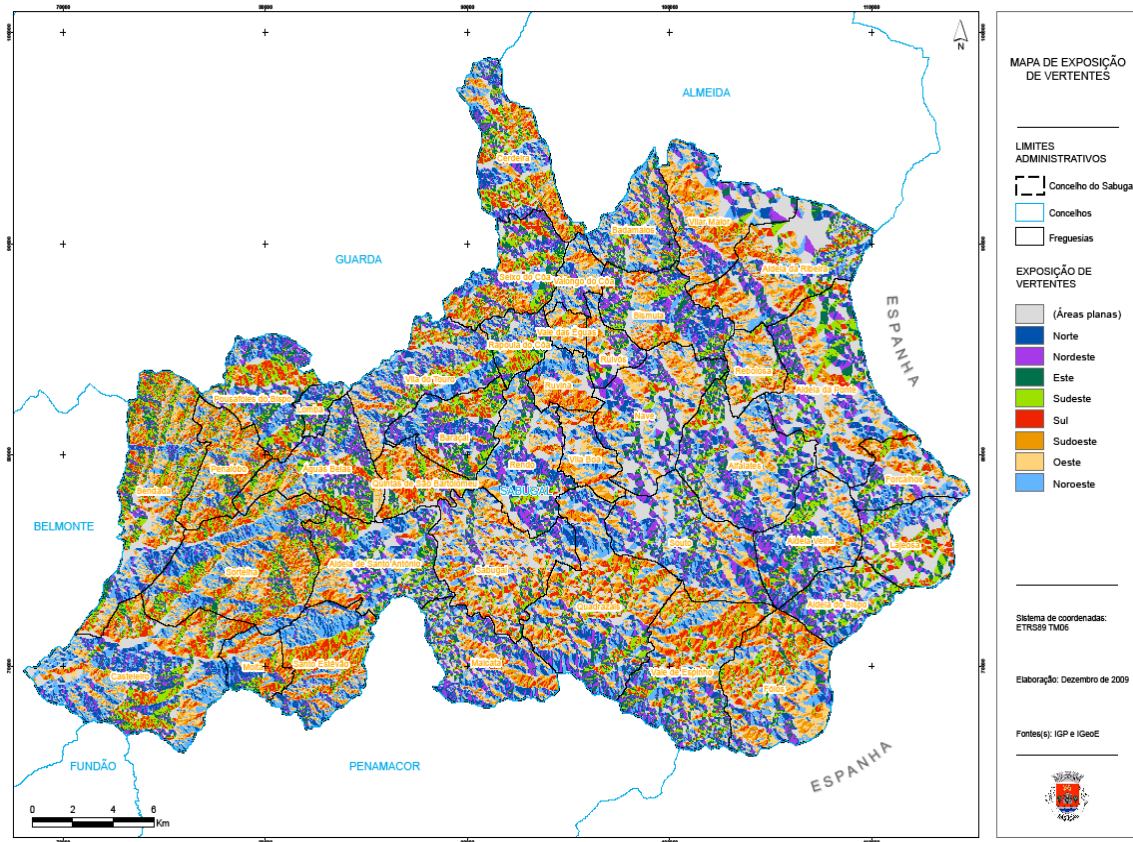


Figura 26 - Mapa de Exposições do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, IGeoE e CMS, 2009)

As principais linhas de cumeeira do maciço montanhoso do concelho do Sabugal apresentam-se na direção SW-NE, com íngremes vertentes e linhas de água que se intercalam em zonas baixas de rochedos apertados e irregulares. As diferentes altitudes, a morfologia e orientação do relevo, assim como a exposição das encostas (**figura 26**) levam a uma acentuada diversidade de microclimas que influem a vegetação de cada local, ou seja, o que também conduz a diferentes espécies animais, diferentes habitats, etc... (Sabugal PMEPC, 2010).

### 3.4 Hidrografia

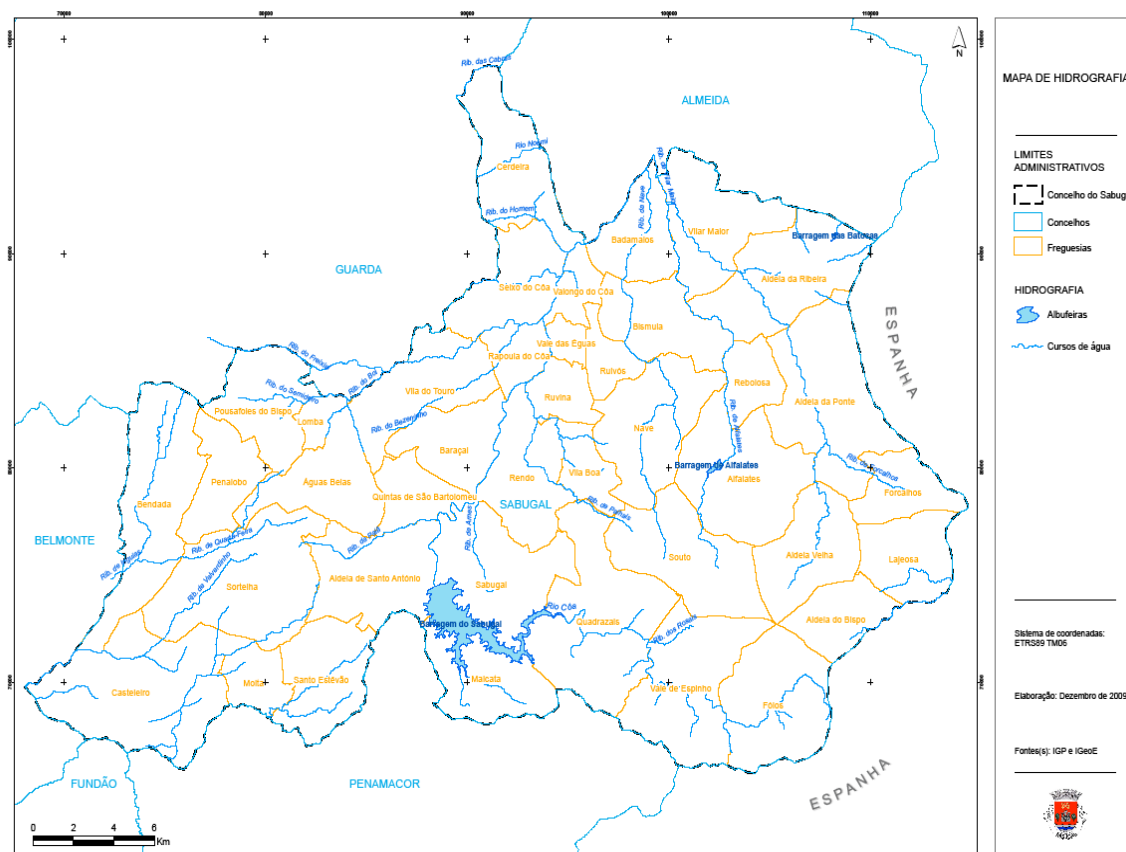


Figura 27 - Mapa Hidrográfico do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, IGeoE e CMS, 2009)

O concelho do Sabugal é repartido por uma rede hidrográfica bastante densa (Figura 27).

“Como principais linhas de água temos o Rio Côa, a albufeira do Sabugal, de Alfaiates e das Batocas. O Rio Côa nasce na Serra das Mesas na localidade de Foios, este e os seus afluentes, invadem todo o quadrante Este. A zona ocidental é percorrida por afluentes do Zêzere que correm em vales retilíneos, ao longo dos quais se encontram depósitos de aluvião” (Sabugal PMEPC, 2010 p.52).

#### Quadro 3 - Afluentes do Côa e do Zêzere

Afluentes do Rio Côa:		Afluentes do Rio Zêzere:
Rio Cesarão	Ribeira do Bezerrinho	Ribeira da Bendada
Rio Noemi	<b><u>Ribeira do Boi (Cró)</u></b>	Ribeira da Quarta-feira
Ribeira da Nave	Ribeira do Freixal	Ribeira das Inguias
Ribeira da Paiã	Ribeira do Homem	Ribeira de Valverdinho
Ribeira da Porqueira	Ribeira dos Forcalhos	Ribeira do Casteleiro
Ribeira de Aldeia		Ribeira das Amoreiras
Ribeira de Alfaiates		Ribeira do Lagar do Negro
		Ribeira dos Muros

(Sabugal PMEPC, 2010 p.52)

### 3.5 Geologia

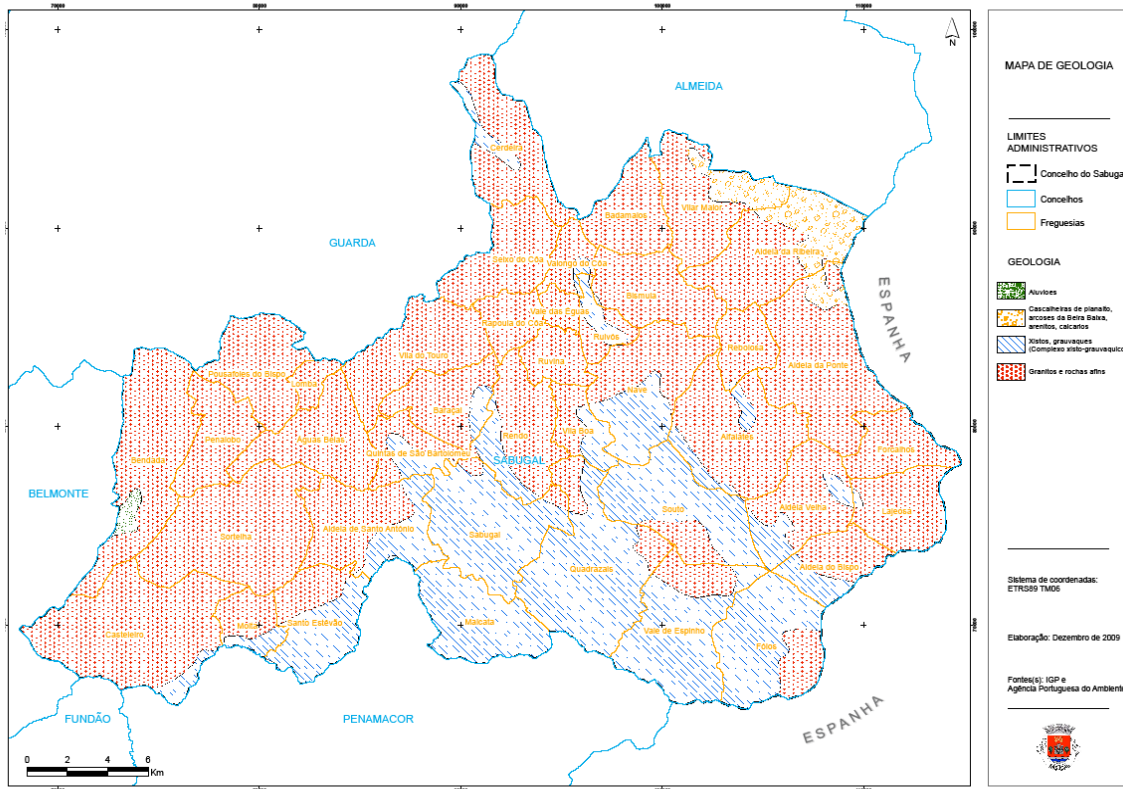


Figura 28 - Mapa da designação Litológica do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, APA e CMS, 2009)

Em termos geológicos o concelho apresenta-se genericamente com terrenos graníticos e xistosos (Figura 28).

As rochas graníticas são mais características nas zonas de maiores altitudes, formando escarpas com ângulos elevados e bem marcados nas suas bases. Os xistos, que resistem menos à erosão, têm contornos mais suaves e uma maior distribuição de transição para a planície. Conclui-se também pela presença de “filões” de quartzo, os quais se localizam nos terrenos agrícolas. As áreas que resultam em deposição de materiais provenientes da erosão são aproveitadas para fins agrícolas (Sabugal PMEPC, 2010).

## 3.6 Caracterização Climática

A caracterização climática passa pela observação de vários parâmetros constituintes do clima do concelho do sabugal, sendo estes obtidos a partir de: rede climatológica, temperatura, humidade relativa do ar, precipitação, ventos, outros hidrometeoros (geadas/granizo/neve), classificação climática, ocupação do solo (urbano/rural/espécies/cursos de água/...), povoamentos florestais e áreas protegidas. Para visualização e melhor compreensão destes temas, apresentam-se os mesmos sob formas gráficas e escritas no **“ANEXO I-b”**.

## Capítulo 4

### Caracterização socioeconómica

A caracterização socioeconómica do concelho do Sabugal refere os principais aspetos da sociedade e da economia locais através da visualização e interpretação de parâmetros que complementam um estudo abrangente em termos de identificação do local, tais como:

- População Residente por Censo e Freguesia (1981/1991/2001) e Densidade Populacional;
- População Residente por Censo e Freguesia (2011) e Densidade Populacional;
- Natalidade e Mortalidade;
- Índice de Envelhecimento;
- Índice de Envelhecimento (1981/1991/2001) e evolução (1981/1991/2001);
- População por sector de Atividade (%) 2001;
- Taxa de Analfabetismo.

No **“ANEXO I-c”** apresentam-se as tabelas e figuras explicativas do que se descreve a seguir.

## **4.1 População Residente por Censo e Freguesia (1981/1991/2001) e Densidade Populacional**

Segundo o “Recenseamento Geral da População de 2011 (INE)”, residem no Concelho do Sabugal 12544 habitantes. Assim, tendo em consideração que a população residente no concelho em 1981 era de 18 927 habitantes pode concluir-se que esta sofreu uma variação negativa. Verifica-se também que 25% da população (3167 habitantes) está concentrada na cidade do Sabugal e na vila do Soito.

Num modo geral tem-se verificado um decréscimo populacional, com uma percentagem apurada de cerca de 16% desde os censos de 2001 para os censos de 2011.

Para visualização e melhor compreensão destes temas, apresentam-se os mesmos sob formas gráficas e escritas no ”ANEXO I-c”.

## **4.2 População Residente por Censo e Freguesia (2011) e Densidade Populacional**

Também, dum modo geral tem-se verificado um decréscimo populacional, com uma percentagem apurada de cerca de 16% desde os censos de 2001 para os censos de 2011 (2327 habitantes).

Em conclusão, pode-se afirmar que a perda de população se tem estendido a quase todas as freguesias do concelho, embora seja marcadamente mais acentuada e preocupante numas que noutras. Além disso, a situação tem-se agravado nos anos mais recentes, tendo-se registado perdas mais acentuadas, ”ANEXO I-c”.

## **4.3 Natalidade e Mortalidade**

A demografia, infelizmente, aponta para uma razão inversa entre a natalidade e a mortalidade, uma vez que no concelho do Sabugal a natalidade tem vindo a diminuir, enquanto que a mortalidade tem vindo a aumentar, confirmando-se mais uma vez a condução para uma situação de despovoamento, ”ANEXO I-c”.

## 4.4 Índice de Envelhecimento

Analisando os dados do quadro do ANEXO I destaca-se o aumento do índice de envelhecimento em todos os concelhos da sub-região da Beira Interior Norte. No caso em concreto do Sabugal, este indicador situava-se, em 2011, nos 378,2%, constituindo o valor mais elevado da globalidade dos concelhos da sub-região.

## 4.5 Índice de Envelhecimento (1981/1991/2001) e evolução (1981/1991/2001)

Encontrando-se o concelho desvitalizado e despovoado, com o incremento de tal situação pelos fluxos migratórios (de maior incidência para França), não é de admirar que o índice de envelhecimento tenha atingido valores elevadíssimos, chegando atualmente a atingir cerca de 478 idosos para cada 100 jovens, "ANEXO I-c".

## 4.6 População por sector de Atividade (%) 2001

A estrutura económica do concelho assenta principalmente no sector terciário, situação que está associada ao fenómeno de generalização da terciarização da economia, extensivo a todo o país. Mas, quase na generalidade, o concelho do Sabugal carece de uma diversificação e qualificação neste sector, dado que a atividade terciária se concentra em torno de um comércio tradicional, com maior influência sobre os bens alimentares.

Associadas ao sector primário existem ações de prevenção e de funcionalidade necessárias tais como a manutenção de caminhos, a roça de matos para utilização na agricultura, o pastoreio de gados e a recolha de lenhas para combustível, "ANEXO I-c".

## 4.7 Taxa de Analfabetismo

Tendo diminuído ao longo das últimas décadas, a taxa de analfabetismo ainda continua a ser elevada, justificada principalmente pela grande quantidade de idosos no concelho, mas que, mesmo assim, não deixa de ser preocupante. A população sem nenhum grau de ensino atingia ainda cerca de 23,2% em 2001, baixando para 18% em 2011, "ANEXO I-c".

# Capítulo 5

## Caracterização das infraestruturas

### 5.1 Rede rodoviária do Município

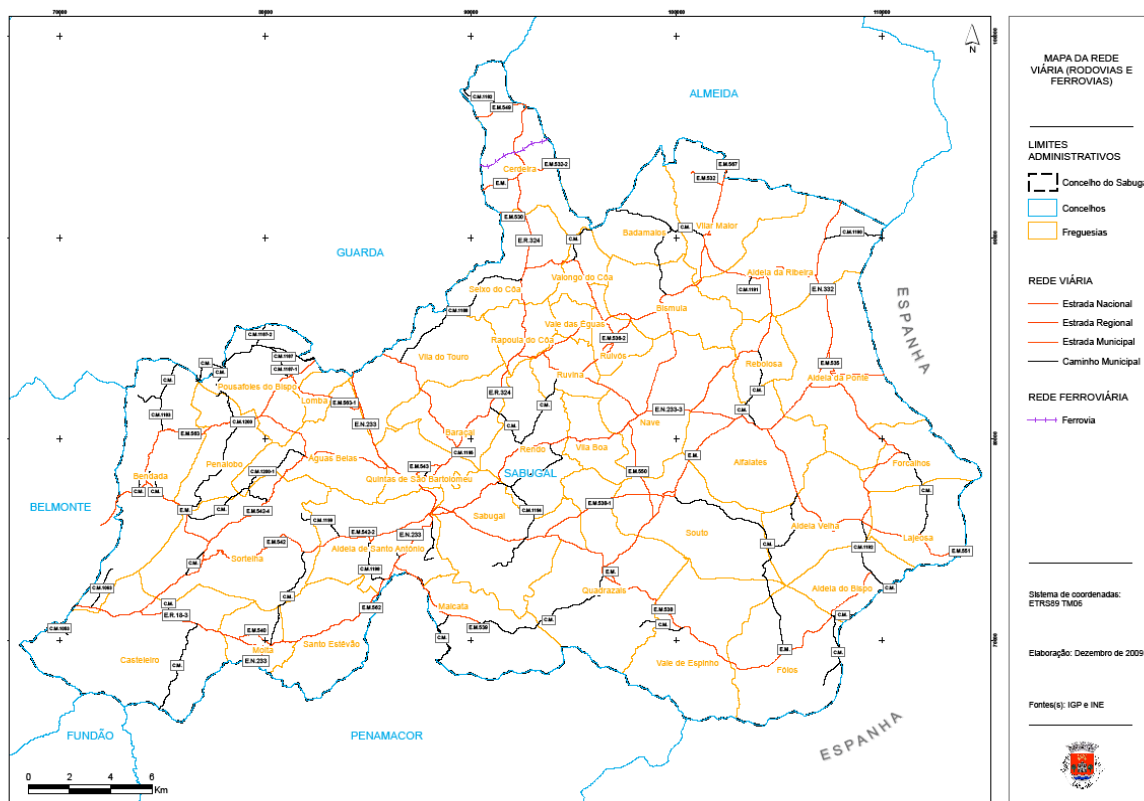


Figura 29 - Mapa da Rede Viária (Fontes: IGP, INE e CMS, 2009)

“A EN233, atravessa o Concelho longitudinalmente, estabelecendo a ligação à cidade da Guarda (Sede de Distrito), à A23 (Nó da Guarda Sul) e, conseqüentemente à Região Norte através da A25 (SCUT da Beira Litoral e Alta). Na direção Sul, esta via desempenha funções de menor relevância em termos de acessibilidades de âmbito regional e nacional, servindo essencialmente a acessibilidade local ao concelho de Penamacor, sendo apenas de salientar a ligação internacional estabelecida através da Fronteira de Termas de Monfortinho (IC31/EN239), no Concelho de Idanha-a-Nova (figura 29).

A **ER18-3** (troço Caria - Moita/EN233) constitui a principal ligação exterior na direção poente, desenvolvendo-se a partir da EN233 (Terreiro das Bruxas), servindo acessibilidades de nível local à sub-região da Cova da Beira - Belmonte, Covilhã e Fundão - e, pela sua articulação com a A23 através do Nó de Caria (via EN345), constitui, atualmente a alternativa mais favorável nas ligações de âmbito nacional e regional de maior extensão, nomeadamente às regiões do Alentejo e de Lisboa e Vale do Tejo (via IP6/A23 e IP1/A1).

Tendo por referência a localização geográfica da Sede de Concelho, saliente-se, ainda, a importância assumida pelo eixo formado pela **EN233-3** (Sabugal - Aldeia da Ponte) e pela **EN332** (Almendra - Figueira de Castelo Rodrigo - Almeida - Vilar Formoso - Aldeia da Ponte), que se desenvolve ao longo da região nascente de território (integrando, em conjunto com a EN233, a designada “Estrada da Raia”), e que estabelece a ligação ao Concelho de Almeida, constituindo a alternativa mais favorável de acesso a Espanha, através da Fronteira de Vilar Formoso”.

(Sabugal PMEPC, 2010)

Por fim, e com relevante interesse para as Termas do Cró, desenvolvendo-se na direção Norte, a partir da EN233 (nas proximidades do Sabugal), a **ER324** (Alto do Leomil /A25 - Cerdeira - Sabugal/EN233) serve a ligação mais direta a Almeida e à Região Raiana situada a Norte (Figueira de Castelo Rodrigo), constituindo igualmente uma alternativa bastante razoável de acesso à A25 através do Nó do Alto do Leomil, sobretudo no que diz respeito às deslocações com destino para nascente e como ponto intermédio de ligação às principais cidades.

Ao nível do transporte ferroviário, o Concelho é servido pela Linha da Beira Alta (Figueira da Foz / Vilar Formoso), que se desenvolve ao longo da zona Norte do território concelhio, existindo apenas uma estação em Cerdeira do Côa (a 22 km do Sabugal e a 8 Km das Termas do Cró).

Quanto às florestas, para além das vias rodoviárias e ferroviárias já mencionadas, aquelas, nalguns locais, encontram-se dotadas de vias de apoio a explorações florestais, que também servem como linhas de travamento de catástrofes, mais propriamente de incêndios florestais (figura 30).

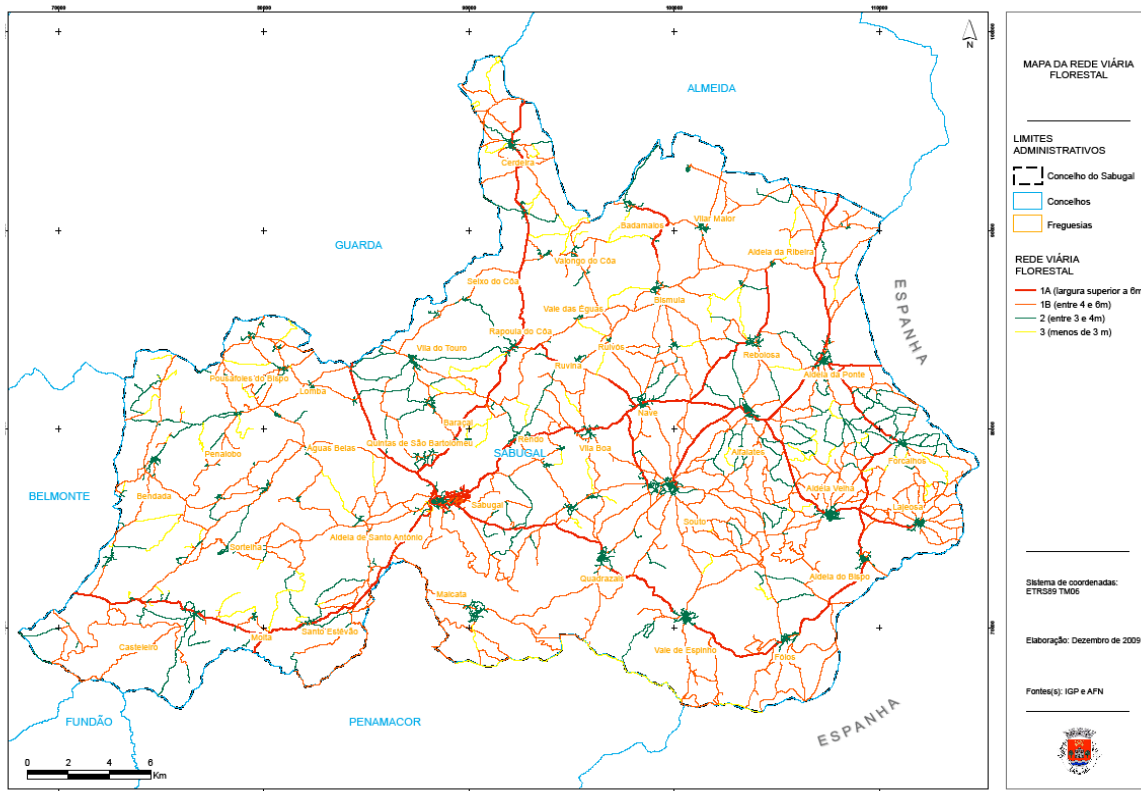


Figura 30 - Mapa da Rede Viária Florestal do Concelho do Sabugal (Fontes: IGP, AFN e CMS, 2009)



As funções dos pontos de água são as de fomentar a biodiversidade, a correção torrencial, o regadio, abeberamento de animais, o abastecimento de água potável e combate a incêndios.

### 5.3 Rede de pontos de água na totalidade da área abrangida pelo concelho

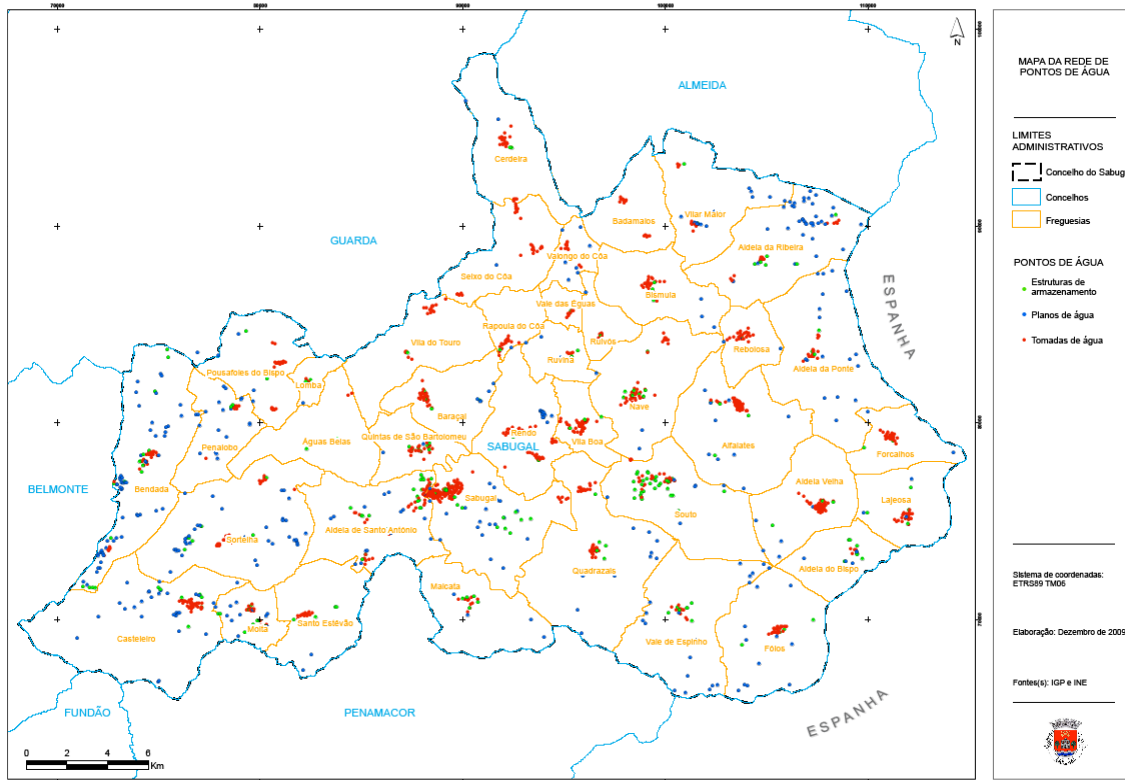


Figura 32 - Mapa da Rede de Pontos de Água (Fontes: IGP, INE e CMS, 2009)

No âmbito municipal verifica-se, ainda, a conformidade formal do PDM com as demais disposições legais e regulamentares em vigor, designadamente com as da Reserva Agrícola Nacional e Ecológica Nacional. Na aplicação prática do plano há, ainda, a observar as servidões e restrições de utilidade pública, constantes da planta de condicionantes que constitui elemento fundamental do plano (Sabugal PMEPC, 2010).

# Capítulo 6

## História e cultura local

### 6.1 Elementos de história, atividades, festas e tradições

#### 6.1.1 Os castelos

Um aspeto interessante como elemento histórico da região, são as rotas que se podem percorrer visitando castelos da Idade Média, pois só no concelho do Sabugal temos cinco pontos de interesse (Sabugal, Alfaiates, Vilar Maior, Vila do Touro e Sortelha), com as respetivas muralhas e fortalezas, cuja descrição e enquadramento históricos foram já mencionados neste trabalho:

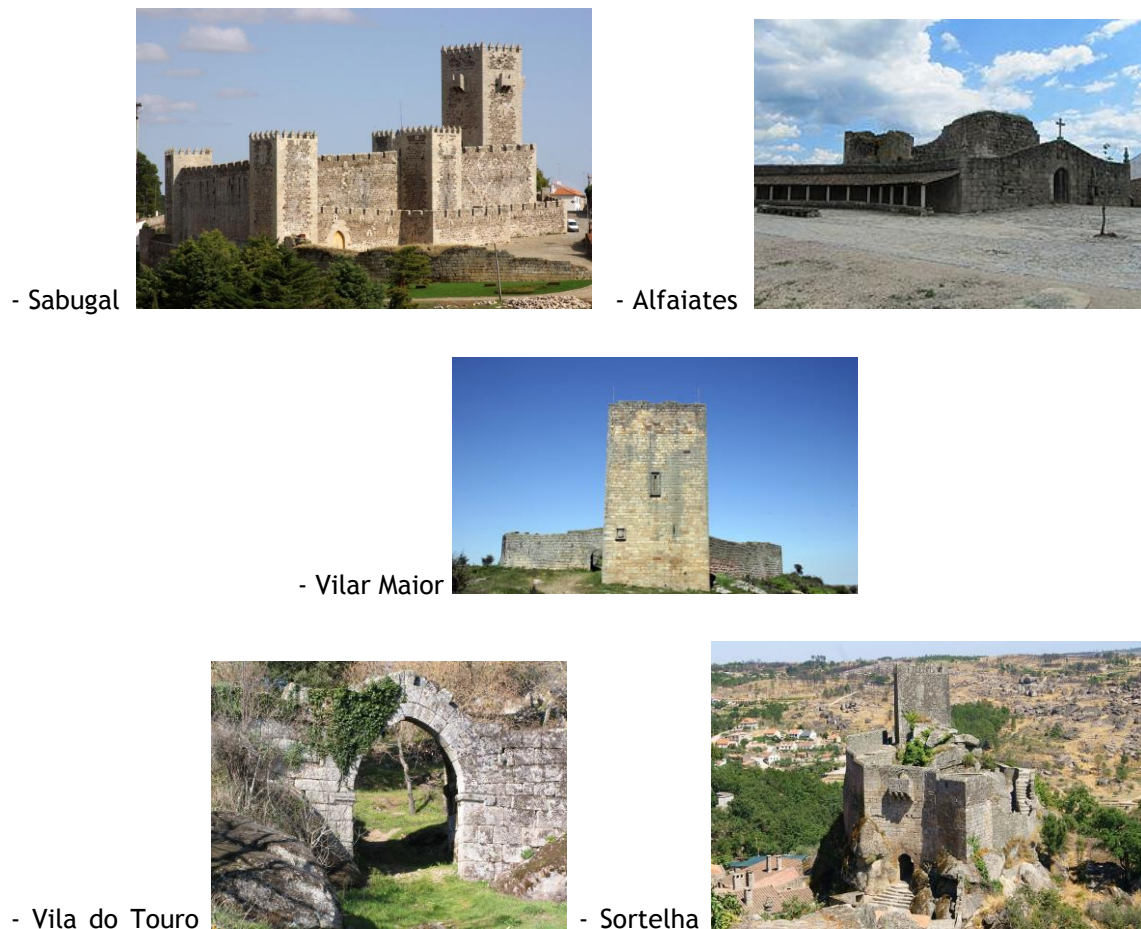


Figura 33 - Locais históricos do Concelho do Sabugal (Fonte: Guiadacidade, 2011)

## 6.1.2 Tradições

### 6.1.2.1 As Capeias (espetáculos tauromáticos)

As capeias arraianas que tanto envolvem participantes da terra como visitantes, são um forte elemento atrativo para o concelho do Sabugal, sendo também realizadas nas aldeias próximas das Termas do Cró, como é o caso do Seixo do Côa. A dedicação deste povo ao “forcão”, está até a levar que este seja classificado como património cultural concelhio.



Figura 34 - “Capeia Arraiana”, brincadeiras da garraizada e aventuras tauromáticas (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)



Figura 35 - A capeia com o tradicional forcão, à esquerda). Os principiantes, à direita. (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)



Figura 36 - A feitura do forcão. As antigas proteções para as garraizadas (Fontes: Autor, 2015 e Capeiaarraiana.plb, 2012)

*“A **capeia arraiana** é uma «corrida de touros» originária das terras de Ribacôa, aldeias da raia (fronteira com Espanha).*

*Considerada património etnográfico, a **capeia arraiana** é conhecida por ser uma tourada com características únicas no Mundo.*

*É uma tradição com raízes ancestrais, ansiosamente aguardada pelos habitantes das aldeias raianas, tendo origem em Aldeia do Bispo (sabugal).*

*A origem da Capeia Arraiana não está bem determinada no tempo, sendo conhecida pela tradição oral e pela memória coletiva das populações do concelho. A referência escrita mais antiga remonta a 1886 no conto "Uma Corrida de Toiros no Sabugal" do escritor Abel Botelho e em 1893 há já referências à Capeia com a utilização do Forcão.*

*A Capeia terá tido origem no "pagamento" que os ganadeiros da província espanhola de Salamanca faziam anualmente às aldeias de Ribacôa, cedendo por um dia algumas vacas bravas, pelos prejuízos causados pelo gado que atravessava a raia, invadindo os lameiros e hortos. A própria palavra virá do castelhano «capea», relacionada com o ato de tourear com uma capa.*

*Ir buscar os touros*



*O "Encerro"*



*"Pedir a praça"*



*A "Capeia".*



*O touro depois de já lidado com o forcão*



*O "Desencerro"*



Figura 37 - Rituais da Capeia Arraiana (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)

### ***Ir buscar os touros***

*A festa começa de manhã quando os habitantes, se apresentam no lameiro de onde serão escoltados os touros até à praça.*

*Começa um verdadeiro êxodo de motos, 4x4, tratores, camionetas, cavalos, bicicletas, ou qualquer outro meio de locomoção capaz de avançar nos campos próximos da fronteira espanhola. Objetivo: ir buscar os touros, que são alugados para o evento. Os cavaleiros experientes demonstram as suas habilidades, coragem e discernimento na arte da cavalaria e na escolta dos touros até à praça da aldeia (encerro). O tempo da escolta varia com a habilidade dos cavaleiros e a reação dos touros.*

*Empoleirados nas «cancelas» os espectadores esperam, impacientes, para ver passar o tropel, com medo e na expectativa que nenhum touro se escape.*

### ***O Encerro***

*A entrada de cavaleiros e touros na praça ou no largo do corro é acompanhada de gritos dos espectadores. Momentos de incerteza, quando todos em monte entram e as pesadas portas se fecham quando da chegada dos touros. Um coro de palmas e gritos de encorajamento soa, não só para os cavaleiros mas também para os touros.*

*Os touros, sacodem as cabeças de uma maneira provocante, em atitude de desafio. As portas dos «curros» abrem-se, alguns habituados munidos de grandes varas encimadas de agulhões, com a sua voz estridente entram na arena e forçam os touros a entrar no «curral». Isto por vezes demora mais que uma hora. Terminada esta ação, de novo um estridente bater de palmas se faz ouvir.*

*O «encerro» terminou. A emoção acalma, mas por curtos momentos, pois dentro de momentos tem lugar a «prova», onde será avaliada a valentia dos touros, através da lide de um exemplar.*

### ***O Boi da Prova***

*Logo que a porta do curro é aberta, o touro entra na arena, em fúria, e corre em todos os sentidos na expectativa de cornar alguma das muitas pessoas que tentam a sua sorte ao passarem-lhe à frente do nariz.*

*De seguida vem o momento em que o forcão lhe é apresentado. O touro revela a sua casta, poucos minutos são o suficiente para que demonstre toda a sua garra. O forcão é encostado ao muro da arena, mais alguns minutos de folia e o touro é devolvido ao curro. A multidão aplaude efusivamente pois é neste touro que se colhem as impressões para aquilo que a capeia vai ser.*

### **O almoço**

*Perto das 13 horas os habitantes regressam a casa para o almoço.*

*A capeia arraiana é uma verdadeira festa. Vendedores ambulantes instalam-se junto à praça. Ao longo da estrada, os fumos e odores das carnes assadas misturam-se com os provenientes das casas da aldeia.*

### **Pedir a Praça**

*Um tamborileiro entra na arena seguido por cinco cavaleiros, montando cavalos ornamentados para a ocasião.*

*Eis os mordomos, com o seus acessórios típicos: uma espécie de lenço bordado cai-lhes pelos ombros, empunham gloriosamente a insígnia respetiva. No seu encalce um aglomerado de pessoas em fileiras, que, acompanhando os mordomos, dá voltas de apresentação à arena.*

*Em fila indiana dirigem-se a um local da tribuna para fazer o pedido da praça a uma personalidade da aldeia. Um mordomo avança e faz um pedido oficial para que a capeia comece (pedido da praça).*

*A personalidade de honra, normalmente o presidente da junta de freguesia, ou outro habitante ilustre, levanta-se e improvisa um discurso no sentido de que o espetáculo decorra da melhor maneira, pedindo aos mordomos para que o touro seja respeitado. Antes de se sentar, autoriza que a capeia comece. A multidão manifesta o seu contentamento, são lançados foguetes e os cavaleiros em cavalgada dão várias voltas à arena em agradecimento. Terminada esta agitação abandonam a arena para a lide do primeiro touro chamado também "boi da prova".*

## **A Capeia**

*Uma trintena de homens entra na praça e pega no forcão.*

*Dois homens (habitados e com habilidade) os «rabixadores» (rabejadores) coordenam os movimentos de todo o grupo. São eles que impedem o touro de contornar o forcão e pôr em perigo os que o pegam nos flancos. Os homens de maior agilidade pegam à frente (à «galha»), no primeiro plano, fazendo frente ao touro apenas protegidos por umas quantas galhas de árvore dispostas astuciosamente em forquilha. É neste preciso momento que homens e touro rivalizam em coragem e astúcia para saírem vencedores do duelo.*

*Quando os pegadores avaliam que o touro deu o seu melhor, e num momento de desatenção do touro, retiram o «forcão» e colocam-no no seu lugar. Alguns homens (os mais corajosos) desafiam o touro, obrigando-o a correr em todos os sentidos, com o objetivo de o cansarem e confundirem para o conseguirem agarrar.*

*Das bancadas só se ouvem-se as palavras de encorajamento: «Agarrá-lo, agarrá-lo!»*

*Algumas vezes um homem atira-se à cabeça do touro. Em poucos segundos saem homens de todo o lado em ajuda ao aventureiro, imobilizando de imediato o touro pela força humana. Depois de alguns segundos nesta postura, o touro é libertado e os homens apressam-se a fugir para as barreiras, a fim de evitar ser vítimas de uma cornada. Fica apenas um homem que agarra firmemente o rabo do touro para que os outros se possam pôr a salvo, esperando o momento certo para que ele possa fazer o mesmo. Terminada esta tarefa o touro é conduzido aos currais.*

*O touro não é picado nem batido e no final sai da praça sem nenhuma ferida ou sangue visível.*

*Cinco outros touros são corridos da mesma maneira. No meio do espetáculo é introduzida uma vaquinha para que os mais pequenos possam mostrar também as suas habilidades na lide, existindo um forcão à sua medida. O efeito nos espectadores é o mesmo que para os adultos. As mães gritam para os encorajar, mas estão cheias de medo com o que possa acontecer aos seus filhos. Quando o sexto animal entra no curral, já a tarde está no seu fim.*

## **O desencerro**

*Falta o momento culminante da corrida: «o desencerro». Os touros voltam aos campos escoltados pelos mesmos cavaleiros que participaram no «encerro»” (wikipedia, 2015).*

## 6.1.2.2 Gastronomia

A gastronomia do concelho do sabugal é variada entre carnes de porco com os respetivos enchidos, bovinos, ovinos e caprinos, e por peixes do rio, estendendo-se ainda a pratos de caça, sopas variadas, cogumelos, queijos, entre outros. Conduzem então a convívios e intercâmbios culturais, dando lugar a grupos organizados como é o caso da “Confraria do Bucho”.

### Roteiros gastronómicos



Figura 38 - Atividades Gastronómicas e Intercâmbios com Espanha (Fontes: Cincoquinas, 2011; Capeiaarraiana, 2012)



Figura 39 - Trutas, peixe típico do Rio Côa (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)

### O “porco” e seus produtos derivados



Figura 40 - O matar e o “amanhar” os porcos (Fontes: fotos.sapo, 2012; J. M. Campos, 2013)



Figura 41 - Os bons enchidos (Fonte: Capeiaarraiana, 2013)



Figura 42 - As provas e a economia associada aos queijos e enchidos (Capeiaarraiana, 2013)



Figura 43 - Feitura artesanal de pão - Sr. Serafim Pires e familiares - Vale de Espinho (Fonte: Autor, 2015)

## Os queijos locais



Figura 44 - Elaboram-se vários tipos de queijos de ovelha, cabra, vaca e diversas misturas destes leites (Fonte: beira.pt, 2014)



Figura 45 - Cogumelos silvestres, legumes e frutas (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)

Os mercados e feiras



Figura 46 - Mercados e feiras locais para troca e divulgação de produtos (Fonte: Capeiaarraiana, 2014)



Figura 47 - Feiras medievais para promoção histórica e cultural do concelho (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)

### 6.1.2.3 A cultura da Etnografia, da Música, Jogos Tradicionais e Atividades

No concelho do Sabugal são de se destacar dois ranchos folclóricos e uma banda de música:



Figura 48 - Ranchos folclóricos do Sabugal e de Sortelha (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)



Figura 49 - Banda Filarmónica de Bendada e Grupo de Teatro “Os Guardiões da Lua” (Fonte: Capeiaarraiana, 2010; Espelhodainterioridade - Lina Nunes, 2012)



Figura 50 - As danças dos vizinhos espanhóis, por nossas terras (Fonte: J. M. Campos, 2011)



A corrida do saco



A corrida do cântaro



O jogo da malha



Jogos de “paintball”

Figura 51 - Os jogos que normalmente complementam as festas de verão (Fonte: Capeiaarraiana, 2012; J. M. Campos, 2013)

Passeios a cavalo, BTT e caminhadas pedestres



**28ª CAMINHADA**  
**PELO INTERIOR**  
**15 de Novembro 2009**

**9h00** - Concentração na Sede da Associação Cultural e Desportiva do Soito  
**9h30** - Início da Caminhada  
**10h30** - Pequeno-almoço  
**13h00** - Almoço na Sede da Associação Cultural e Desportiva do Soito

**CAMINHE CONNOSCO!**

**e BTT da Castanha...**  
 Modalidades: BTT, Equestre e Pedestre

CONTACTO: 271 751 040  
 963 358 633

© Município de Sabugal promove caminhadas mensais

Uma organização da Câmara Municipal de Sabugal e da Associação Cultural e Desportiva do Soito.

**42ª Caminhada**  
**PELO INTERIOR**  
**30 de Janeiro**  
**SORTELHA**

INSCRIÇÕES PARA ALMOÇO:  
 ATÉ AO DIA 28 DE JANEIRO  
 CONTACTO: 271 751 040  
 VALOR: 3,50 EUROS POR PESSOA  
 PAGAMENTO: NO LOCAL DA CAMINHADA

**9h00** CONCENTRAÇÃO NO LARGO DE SÃO GENÉSIO  
**9h15** INÍCIO DA CAMINHADA  
**10h15** PEQUENO-ALMOÇO NA QUINTA-FEIRA  
**13h00** ALMOÇO NA CASA DO RANCHO DE SORTELHA

**2011**

O Município de Sabugal promove caminhadas mensais **PARTICIPE!**

Figura 52 - Passeios a cavalo, BTT e caminhadas pedestres (Fonte: Capeiaarraiana, 2012; Pedestrianismo, 2009/2011)



Figura 53 - Associativismo de caça e pesca em torno do Rio Côa (Fonte: Zona de Caça Municipal, 2011)

#### 6.1.2.4 Nascente do Côa, Turismo e Rotas de Contrabando



Figura 54 - Imagem de curso de água e algumas das ofertas turísticas em torno do Rio Côa (Fontes: Fronteiras, 2012; J. M. Campos, 2014; Booking.com, 2014)

## O Contrabando

*“Se perguntas onde eu moro  
Vivo ao fundo da serra  
Sou de ao pé de Vale de Espinho  
Quadrazais é a minha terra” (Freire L.,1969)*

*“E aí começam ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro grávida a valer ou prenha de mercadoria”.  
(Torga M., 1966 p.15)*

*“Todas as aldeias raianas sentem orgulho na vida do contrabando, mas nenhuma o sente tão fortemente como Quadrazais. As aldeias disputam entre si o título de bastião do contrabando. Algumas arvoram-se de terem possuído as maiores sociedades de contrabando e de terem sido palco das maiores transações das últimas décadas. Penha Garcia no concelho de Idanha-a-Nova e o Soito no concelho do Sabugal, foram talvez aquelas onde a atividade atingiu maiores dimensões nos últimos tempos, mas foi Quadrazais, também no concelho do Sabugal, que mais fama granjeou ao longo dos anos.” (Cabanas A., 2006)*

*“Ó lua que vais tão alta  
Diz a quem tu alumias  
Alumia os contrabandistas  
Que não podem andar de dia  
A vida de um contrabandista  
É uma vida amargurada  
Passa os dias a trabalhar  
Chega o dia ai sem nada  
Ao passar a ribeira  
Os guardas saltam ao caminho  
Coitado do contrabandista  
Fica sem o carreguinho  
Corre corre sem parar  
Com os sapatos na mão  
Os guardas disparam a arma  
Atira o carrego ao chão*

*Os filhos á sua espera  
Pela madrugada  
Todos lhe pedem pão  
Vira os bolsos não tem nada”  
(Rosinha B., 2009)*

*(Capeiaarraiana, 2015)*





Figura 55 - Imagem de reconstituição de uma apreensão de “carregos” de contrabando

... à esquerda o Guarda Português, ao centro os Contrabandistas e à Direita o Guarda Espanhol, o designado de “carabineiro” (Fonte: Capeiaarraiana, 2012)

## 6.2 Fauna e flora

A fauna e a flora, ligadas pelas suas características de qualidade à gastronomia, paisagens e culturas locais, funcionam como matéria-prima destas, sendo de destacar para efeitos de ecoturismo:

- na fauna, destacam-se o cabrito, o borrego, o porco, a vaca, o burro, o cavalo, o cão de caça, o cão pastor, o coelho bravo, a lebre, a perdiz, o javali, o veado, a raposa, o lobo, a truta, o lince (extinto?) e o abutre.



Figura 56 - Gado caprino em pastagens naturais e o regresso das ovelhas ao estábulo



Figura 57 - Vacas de campo para produção de carne com elevada qualidade e a ajuda do burro nalgumas tarefas domésticas (Fontes: Malcata.net, 2012, A Guarda, 2012, Pecuária.pt, 2013; Museu do burro.Pedro Rego, 2006)



Figura 58 - O cão pastor e os cães de caça “rafeiros” (Fontes: Osamigosderebelhos, 2011; Caçaeasdecaça.blogspot, 2011)



O coelho bravo



A lebre



Javali



Veados



Abutres



Perdiz



Truta do Rio Côa



Lince de Malcata



Raposa

Figura 59 - Animais de Caça, Pesca, Abutres e Outros (Fontes: SRRN, Jorge M. Gonçalves, 2013; Jvitorino, 2014, Capeiaarraiana, 2015; DN, 2010; Canalextramadura.es, 2015; trutas.com, 2014; Aldeiademalcata.net, 2006; Paisagensnaturais, J. C. Faria, 2012)

- na flora, destacam-se o rosmaninho, a giesta, o tojo, a erva, os arbustos de azinho e de carvalho, os castanheiros, os pinheiros bravos, os marmeleiros, nalguns locais as oliveiras e as videiras, as frutas, os cogumelos, os vegetais, cereais, e as ervas aromáticas.



Figura 60 - Rosmaninho e Giesta, alimento natural de gado bovino, caprino e ovino (Fontes: Ecosanto.com, 2008; Pomares, Armando Marques, 2009)



Figura 61 - Cogumelos e algumas frutas e vegetais de origem do concelho do Sabugal e da envolvente às linhas de água efluentes do Côa (Fontes: Petiscos.com, Ccaraujo, 2012; J. M. Campos, 2012)

## 6.2.1 Principais Atividades Agrícolas produtivas e de subsistência



Figura 62 - Arranque e apanha de batata (Fonte:Travancasdaraia.com, 2014)



Figura 63 - Malha de cereais - centeio e/ou trigo, mas mais imponente o centeio (Fonte: Serenata-a-vilafior.RaulCoelho, 2013)



Figura 64 - A Vindima (Fonte: rapouladocoa.com, 2009)

Apesar de não ser um forte componente da região, as vindimas ainda fazem parte de agricultura de subsistência para consumo próprio e para os visitantes.



Figura 65 - O fabrico artesanal de água ardente em alquitarra (Fonte: J. M. Campos, 2011)



Figura 66 - Comercialização da castanha como meio económico local (Fonte: Capeiaarraiana.J. M. Campos, 2011)



Figura 67 - Magustos onde se come a castanha e se bebe a tradicional jeropiga da região (Fonte: Capeiaarraiana.J. M. Campos, 2011)

## 6.3 Elementos Físicos: Geomorfológicos e Geológicos

A globalidade das freguesias situam-se numa zona de morfologia granítica arredondada, com algumas áreas constituídas por linhas de água íngremes e estreitas, constituindo por vezes áreas adequadas à pastorícia e a pequenas explorações agrícolas. Temos como referências as linhas de água sendo umas de caráter secundário, como a já mencionada Ribeira do Boi que atravessa a zona termal do Cró, o Rio Cesarão, o Rio Janadão, o Rio Noème, indo depois desaguar no Rio Côa, fazendo portanto parte integrante da Bacia do Douro. A altitude do local, no concelho, é variável e ronda os 925m na nascente localizada na Serra das Mesas e desaguardo no concelho de Almeida intermediando a Serra das Cabeças e a Serra do Cabeço à cota de 600m, integrando a já mencionada Área CORINE - Rede Natura 2000 (Reserva Natural da Serra da Malcata).

### Segundo a Carta Geológica

O local do Parque Termal do Cró, e espaços e localidades envolventes, é caracterizado por apresentar na totalidade um substrato de rochas graníticas, sendo também de se considerar alguma presença de seixos com a componente de sílica que lhe é inerente. Surgem por vezes elementos de granito, que pelas suas particularidades dimensionais e formais, bem como as suas localizações, começaram já por ser incluídos em rotas de trilhos pedestres e btt, como de interesse turístico para os amantes da natureza.



Figura 68 - “Barroco do Leão” em Aldeia de Santo António e “Cabeça da Velha” em Sortelha (Fonte: Capeiaarraiana.J. M. Campos, 2011)



Figura 69 - “Barroco Redondo” na Serra das Mesas e “Forno de pedra” na Nascente do Côa (Fonte: Capeiaarraiana.J. M. Campos, 2011)

## **6.4 Recursos hídricos do concelho do Sabugal**

Os recursos hídricos do concelho do Sabugal têm como “espinha dorsal” o Rio Côa ao longo do qual são visíveis vários aproveitamentos, como são os casos dos moinhos, lavadas de rega, açudes, zonas de lazer, zonas de desporto e principalmente a barragem do Sabugal. Esta com transvase de algum caudal para a barragem da Meimosa e respetivamente para o regadio da Cova da Beira, contribui assim também, artificialmente, para o caudal da Bacia Hidrográfica do Tejo. Contudo, ainda assim, temos algumas linhas de água que desaguam para o Rio Zêzere, como são as que se encontram nas encostas ocidentais do território, mais designadamente as das freguesias de Sortelha, Águas Belas, Pousafoles do Bispo, Penalobo, Bendada, Santo Estêvão e Casteleiro.

Contudo, o presente estudo, de agora em diante, irá ser direcionado para as condições e inter-relações do concelho para com o Parque Termal do Cró.

### **6.4.1 Principais relações dos recursos hídricos com o Parque Termal do Cró**

Tal como referido no Ponto 3.4 do presente estudo, temos como principal curso de água o Rio Côa sobre o qual se vincula a Bacia Hidrográfica em questão, ou seja, a Bacia hidrográfica do Côa que faz parte da bacia hidrográfica do Douro.

Neste estudo temos então a destacar como pontos de interesse a Barragem do Sabugal, no próprio Rio Côa, a Barragem de Alfaiates inserida na Ribeira de Alfaiates, afluente do Rio Côa, o próprio Rio Côa que atravessa terras de Rapoula do Côa, Valongo do Côa e Seixo do Côa onde temos as Termas do Cró, e a Ribeira do Boi que atravessa a área do Parque termal do Cró, sendo esta também afluente do Rio Côa.

### **6.4.2 As águas do Cró, do concelho e relações com estâncias envolventes**

#### **O PARQUE TERMAL DO CRÓ**

Este trabalho, nesta fase, caracteriza-se por um estudo relativo a um espaço em área rural constituindo-se nele um espaço termal, o qual faz parte integrante da bacia hidrográfica do Rio Côa, designado como Parque Termal do Cró, localizado junto da linha de água que atravessa o Cró, designada como Ribeira do Boi, na área geográfica da Freguesia de Rapoula

do Côa e da União de Freguesias de Seixo do Côa e Vale Longo, concelho de Sabugal e distrito da Guarda, confrontando este concelho e este distrito com a vizinha Espanha a nascente.

**ESTÂNCIA DE <sup>de águas</sup> CIMA E REPOUÇO**  
**CALDAS DO CRÓ**  
CONCELHO DO SABUGAL — DISTRITO DA GUARDA

A verdadeira Estância Hidrológica para tratamento das doenças de

**ESTOMAGO  
INTESTINOS  
PELE  
REUMATISMO  
BRONQUITES  
E RENITES**

ABERTA DE  
15 DE JULHO  
A  
30 DE SETEMBRO

**PENSÃO DOS MILAGRES**  
Diárias desde 35\$00

**ANTIGA CASA DO CAMEJO**  
em comunicação directa com o Balneário  
SÓ QUARTOS, mobilados e com electricidade  
Diárias desde 6\$00 a 10\$00

**"LAR DOS POBRES,"**  
Para admissão de Pobres e Porcionistas mediante inquérito social, e atestados da Junta de Freguesia e respectivos Párocos  
É indispensável a inscrição prévia

**COZINHA ECONÓMICA**  
Fornecer refeições avulsas e pensão completa

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO**  
As CALDAS DO CRÓ são servidas pela Estação do a-minho de Ferro de CERDEIRA DO CÔA, pelos Comboios RÁPIDOS e COMÉDIO da Beira Alta, com serviço combinado de camionagem passando pelas **TERNAS**

Figura 70 - Imagem publicitária das “Caldas do Cró” (Fonte: Portugalnotavel.com, img. 1957)

#### Particularidades:

O Parque Termal do Cró, localiza-se na região interior centro de Portugal, no distrito da Guarda, concelho de Sabugal, num espaço confinante com a Estrada Nacional nº.324, a qual se inicia na sede de concelho indo até ao seu limite na freguesia de Cerdeira, onde se cruza com a linha de caminho-de-ferro da Beira Alta (Figueira da Foz - Vilar Formoso), com ligação a Almeida, onde se cruza com a Autoestrada A25 (Aveiro - Vilar Formoso) e Pinhel.

Ou seja, estamos perante um complexo cuja localização é privilegiada por ligações com acessos nacionais e internacionais.

O complexo do Cró, ainda que concentrado pelo seu espaço funcional na margem direita da Ribeira do Boi, ou seja, na área geográfica da freguesia de Rapoula do Côa, tem algum desenvolvimento do edificado e de acessibilidades para a margem esquerda, sendo esta área geográfica da União de Freguesias de Seixo do Côa e Vale Longo.

A referida Ribeira do Boi nasce numa bacia hidrográfica da área geográfica da Freguesia de Vila do Touro, também no concelho do Sabugal, com confrontação a norte para com o concelho da Guarda, intersetando os limites das freguesias de Rapoula do Côa e Seixo do Côa, local onde a jusante desagua no Rio Côa.

## Localização

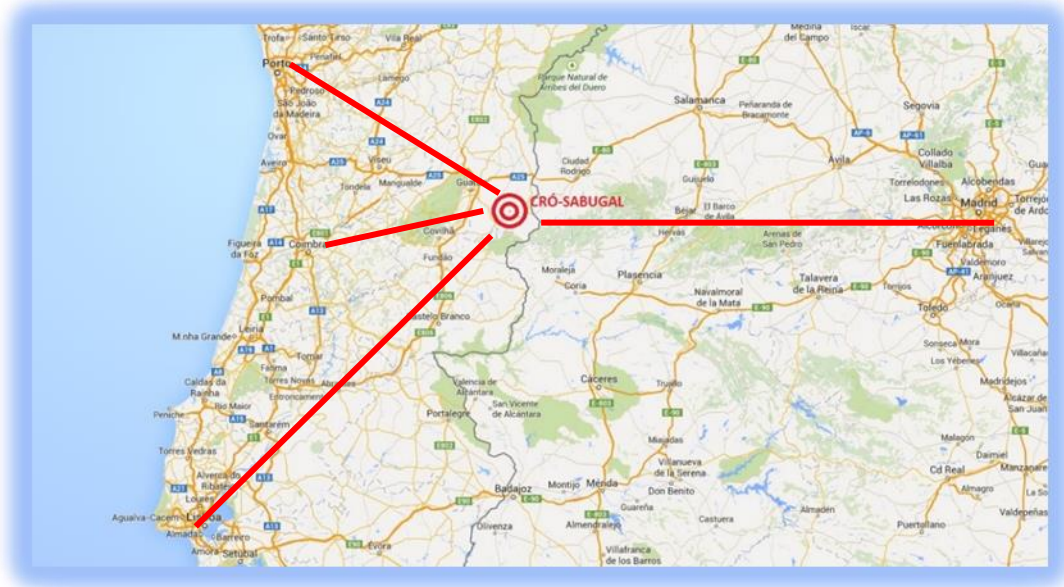


Figura 71 - Localização do Cró-Sabugal em relação a Lisboa, Porto, Coimbra e Madrid (Fonte: Joaoleitao.com, 2005)



Figura 72 - Localização do Cró, Concelho do Sabugal (Fonte: C.M.Sabugal, 2010)



Figura 73 - Vista área do Parque Termal do Cró (Fonte: Google Earth, 2011)

Quadro 5 - Freguesias que envolvem e onde se localiza o Parque Termal do Cró

<u>Áreas</u>	
Rapoula do Côa	787 ha
Seixo do Côa	1821 ha
Valongo do Côa	799 ha

(Sabugal, CM. 2015)

A água com que as aldeias são abastecidas, assim com as águas de consumo da estância termal do Cró provêm diretamente da Barragem do Sabugal, localizada no Rio Côa, a partir de uma ETA (estação de tratamento de águas) através de condutas principais distribuídas pelo concelho, tendo a particularidade da conduta que abastece este local ser intermunicipal seguindo também para os concelhos vizinhos de Almeida e Pinhel. A gestão destas águas é controlada pela empresa intermunicipal designada de Águas do Zêzere e Côa.

O Parque Termal do Cró, localiza-se na região interior centro de Portugal, no distrito da Guarda, concelho de Sabugal, num espaço confinante com a Estrada Nacional nº.324, a qual se inicia na sede de concelho indo até ao seu limite na freguesia de Cerdeira, onde se cruza com a linha de caminho-de-ferro da Beira Alta (Figueira da Foz - Vilar Formoso), com ligação

a Almeida, onde se cruza com a Autoestrada A25 (Aveiro - Vilar Formoso) e Pinhel. Ou seja, estamos perante um complexo cuja localização é privilegiada por ligações com acessos nacionais e internacionais.

O complexo do Cró, ainda que concentrado pelo seu espaço funcional na margem direita da Ribeira do Boi, ou seja, na área geográfica da freguesia de Rapoula do Côa, tem algum desenvolvimento do edificado e de acessibilidades para a margem esquerda, sendo esta área geográfica da União de Freguesias de Seixo do Côa e Vale Longo.

A referida Ribeira do Boi nasce numa bacia hidrográfica da área geográfica da Freguesia de Vila do Touro, também no concelho do Sabugal, com confrontação a norte para com o concelho da Guarda, intersetando os limites das freguesias de Rapoula do Côa e Seixo do Côa, local onde a jusante desagua no Rio Côa.

# Capítulo 7

## Aldeias contíguas ao Parque Termal

### Caracterização geral

As freguesias de Rapoula do Côa e Seixo do Côa têm uma superfície de 26,08 Km<sup>2</sup>, sendo parte delas ocupadas com elementos construtivos e outros com carácter histórico e de ruralidade.

Têm neste momento pouco desenvolvimento agrícola, havendo a tendência de ocupação dos solos rurais e das funções dos seus habitantes, mais com a atividade de pecuária para criação de carne de bovinos, ovinos e caprinos.

Partes das suas áreas apresentam-se condicionadas por regras que abrangem características de edificações, permissão de construção, utilização dos solos, etc..., como são os casos de:

- REN, Reserva Ecológica Nacional;
- RAN, Reserva Agrícola Nacional;
- Área de biótipos, CORINE 2000;
- Plano Diretor Municipal;
- Plano de Pormenor da Área Termal do Cró;

A ocupação das freguesias em referência, bem como na generalidade das freguesias do concelho do Sabugal, e com maior incidência na área de maior ligação com a fronteira para com a vizinha Espanha, apresentam números altamente variados de habitantes e visitantes, ao longo do ano, sendo que na época de verão e por altura do Natal, os números duplicam e por vezes até triplicam comparativamente aos que permanecem durante todo o ano. Tal facto deve-se a uma forte componente de emigração que se iniciou por volta de 1960, com grande continuidade até 1980, sendo que depois esse ritmo abrandou até cerca de 2005, tendo-se verificado ultimamente um retorno ao recurso à emigração por parte das pessoas naturais

daquelas terras. Como é óbvio, tal deve-se à conjuntura económica que todos conhecemos acerca do nosso país, mas com maior relevância nesta zona pela falta de iniciativas, quer do estado, quer privadas, o que conduz a uma fraca comercialização e indústria e consequentemente à não fixação de pessoas e falta de emprego.

## 7.1 Caracterização das Freguesias envolventes

Rapoula do Côa (a sul do Cró):



Quadro 6 - População da Freguesia de Rapoula do Côa

Total de Habitantes	Homens	Mulheres
194	98	96

### História

Com uma área de 7,87Km<sup>2</sup>, em tempos remotos, Rapoula do Côa pertenceu à comarca de Castelo Branco. Segundo os populares, crê-se que terão sido os Templários os fundadores desta freguesia, contudo, não existem documentos a atestá-lo.

Aqui estão localizadas as **Termas do Cró**, que no século passado foram célebres e muito utilizadas, principalmente por quem sofria de doenças do sistema nervoso.

### Festas e Romarias

- Festa de Santa Madalena, 22 de Julho
- Festa de São Sebastião, segundo Domingo de Agosto
- Festa de São Domingos, segunda-feira após a festa de São Sebastião
- Festa de São Martinho, 11 de Novembro
- Festa da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro

## **Festa de São Sebastião**

A festa principal é a de São Sebastião. Esta tem a duração de 4 dias, sendo três dos solteiros e um dos casados. No primeiro dia, a festa é essencialmente religiosa, com missa e procissão do Santíssimo, acompanhada com uma banda filarmónica. Mais tarde, segue-se o terço que também tem procissão de todos os santos. À noite, assim como nos restantes dias, há baile. O quarto dia é o “dia dos casados”. Há atividades logo pela manhã, tais como corrida a pé e de bicicleta para as várias idades, e corrida de burros. Ao longo do dia vão decorrendo os torneios de sueca, de pesca e jogo do galo. À noite, entregam-se as taças durante o baile, e, para quem gosta, há sardinha e vitela assadas acompanhadas de vinho tinto.

## **Património**

---

### **Igreja Matriz**

A Igreja Matriz foi construída na primeira metade do século XX e reconstruída mais tarde por volta de 1984.

### **Capela de São Domingos**

### **Chafarizes**

Na freguesia existem nove chafarizes, cujos nomes coincidem com o nome da rua onde se encontram:

- Chafariz do Largo da Irinha
- Chafariz do Largo do Toirol
- Chafariz da Rua do Chafariz
- Chafariz do Forno
- Chafariz do Beco
- Chafariz do Cruzeiro
- Chafariz do Largo da Igreja
- Chafariz do Fundo Lugar

### **Outros locais**

- Fonte da Rua da Procissão
- Forno Comunitário na Rua da Procissão, sem atividade.
- Cruzeiro na Rua do Cruzeiro
- Cruzeiro no Largo da Irinha
- Praia Fluvial
-

## Associações

- Associação Cultural e Recreativa de Rapoula do Côa,
- Associação de Caça e Pesca dos Amigos do Cró,
- Associação Recreativa e Cultural do Núcleo Sportinguista de Rapoula do Côa

### Seixo do Côa e Vale Longo (a norte do Cró)



### Quadro 7 - População da União das Freguesias de Seixo do Côa e Vale Longo

União de freguesias Seixo do Côa e Vale Longo	Total de Habitantes	Homens	Mulheres
(A=26,20Km <sup>2</sup> )	223	106	117

A Freguesia de Seixo do Côa constituída ainda pelas anexas de Martim Pega e Peroficós, tendo-lhe sido integrada a ex-freguesia de Vale Longo do Côa é parte integrante do concelho do Sabugal.

Situando-se no extremo Norte a 17 km de distância da sede de concelho, na margem esquerda do Rio Côa, confina com o concelho da Guarda através das freguesias de Monte Margarida e Marmeleiro e com o concelho de Almeida pela freguesia de Miuzela do Côa.

As acessibilidades tanto a Norte como a Sul, são feitas através da E.N.324 ligando esta à sua sede de concelho para Sul e a Norte até à IP5 numa distância de 18 Km.

Os seus habitantes continuam a dedicar-se, à produção agrícola e pecuária, tal como os seus antepassados o fizeram ao longo dos tempos. À semelhança do que aconteceu em muitas localidades do interior, na segunda metade do Séc. XX, também o Seixo do Côa ficou marcado pelo fenómeno da emigração. De tal forma que atualmente se encontram recenseados 296

eleitores e cerca de 233 habitantes na freguesia. A população residente é muito envelhecida, pois, só cerca de 30 % da população são adultos em idade produtiva, 55% idosos e 15% crianças e jovens.

Esta freguesia do concelho do Sabugal, convida à sua visita não só pelo espírito hospitaleiro das suas gentes, mas, também pela riqueza patrimonial que é bem visível

- Igreja Matriz,
- Capela de Santa Barbara,
- Capela de S. Sebastião, em Seixo do Côa,
- Capela da Senhora dos Milagres, nas Termas do Cró,
- Igreja de Santo Ildefonso em Peroficós,
- Igreja de Santo Amaro em Martim-Pega,
- Cruzeiros e na Ponte de Arrabalde.

Esta freguesia também tem a Associação do Seixo do Côa.

#### Meios de transporte

Os meios de locomoção de vindouros como banhistas às termas do cró, ao restante concelho do Sabugal e até a terras vizinhas do concelho de Almeida, bem como transporte de mercadorias e correios, foram durante muitos anos com recurso aos comboios da Beira Alta através da Estação de Caminho de Ferro de Cerdeira, com serviço combinado por carreira que seguia também para o Sabugal.

(Wikipedia, 2015)



Figura 74 - Cerdeira, Estação Ferroviária próxima das Termas do Cró (...a 10 min de automóvel) e do Sabugal (...a 30 min de automóvel). Passagem inferior ao Caminho de Ferro/ER324 (Fonte: Apeadeirodasvirtudes.com, João Silvério, 2011)



Figura 75 - CARREIRAS DO SABUGAL - serviço combinado com a C.P. (Fonte: capeiaarraiana.J.C.Mendes, 2011)

## Festas e Romarias



Figura 76 - Festa da Nossa Senhora dos Milagres, que se realiza na capela do Cró no primeiro domingo de agosto (Fontes: Capeiaarraiana, 2007; Autor, 2014)



Figura 77 - Festa de Santo Amaro, em Martim-Pega nas proximidades do Cró (Fonte: Cincoquinas.net, 2012)

## 7.2 As termas e relação com a envolvente e população



Figura 78 - Grupo empresarial “Natura Empreendimento SA”, que tutela as Termas do Cró no Sabugal e as Termas de Longroiva na Meda, juntamente com a “CivilCasa Group” (Fontes: C.M.Sabugal, Civilcasa, 2012)

Dedicados à construção de empreendimentos de elevada qualidade em lugares de exceção, esta empresa trabalha na construção com o intuito de promover a qualidade de vida. Fundada em 2004, a CivilCasa tornou-se uma empresa sólida e uma referência do mercado imobiliário da região de Aveiro.

Segundo a empresa:

*“a vontade de crescer, suportada por um investimento continuado na competência, dedicação e capacidade técnica, levou a um crescimento sustentado desde o primeiro momento. Agora, o mercado reconhece o seu trabalho, e os melhores testemunhos são os seus clientes, e os projetos realizados”.*

## **NATURA EMPREENDIMENTO S.A.**

A Natura Empreendimento S.A. tem como objetivo a instalação e gestão de empreendimentos turísticos de excelência, procurando potenciar as valências e particularidades locais.

Assim adquiriu as concessões das Termas do Cró no Sabugal e das Termas de Longroiva na Mêda, estando neste momento igualmente a construir duas unidades hoteleiras de excelência com o objetivo de dar todo o apoio logístico às estâncias termais, assumindo projetos âncora para ambos os concelhos.



## **TERMAS DO CRÓ**

As Termas do Cró situam-se entre as freguesias da Rapoula do Côa e do Seixo do Côa, a 15 km do Sabugal.

Moderno balneário termal vocacionado para o tratamento de problemas músculo-esqueléticos, reumáticos, respiratórios e dermatológicos, que utiliza na realização dos seus tratamentos a água mineral do Cró, reconhecida pelas suas vocações terapêuticas. Para além do espaço termal é também constituído por um espaço lúdico (Cró Ludic) de puro relaxamento composto por piscina aquecida hidrodinâmica e animada e climatizada com uma profundidade de 1,30m, com um espelho de água com 160 m<sup>2</sup> e com várias animações que a tornam única no país, uma área de wellness (Cró Corpus) com uma oferta completa integrando ginásio Cardio + Kinesis, tratamentos de rosto e corpo, 3 cabines de massagens, 1 sauna e 1 banho turco, e um espaço centrado em técnicas de reabilitação e fisioterapia (Cró Fisio), possibilitando reabilitações cuidadas e personalizadas, com elevada qualidade de recursos humanos e equipamentos.

Em 2001, a Câmara Municipal construiu um balneário provisório onde foi realizado um estudo médico - hidrológico a fim de comprovar o efeito benéfico da água para a saúde. As Caldas começaram a funcionar numa fase experimental, com 500 aquistas, situação que se repetiu no ano seguinte e em 2003.

Mais tarde, iniciou-se a construção do tão ambicionado balneário, que está atualmente concluído, resultado de um concurso público de conceção e construção cujo custo é de cerca de 5 milhões de euros.

O resultado assume-se em 2011 com a abertura de um moderno Balneário. Em 2012 avançou-se com o “Plano de Pormenor da Área Termal do Cró”, “ANEXO AI-d”.

## Características Físico - Químicas da água:

Água fracamente mineralizada, com reação muito alcalina e sob o ponto de vista iónico designa-se por ser bicarbonatada sódica, carbonatada, fluoretada, sulfidratada, sendo uma água sulfúrea.

Apresenta uma mineralização total de 381 mg/l, condutividade de 437  $\mu\text{Scm}^{-1}$  aproximadamente e pH 8.14, com temperatura de emergência na ordem dos 22°C.

## Infraestruturas turísticas e de animação:

Dispõe de amplas e modernas instalações, com uma capacidade para atender cerca de 800 pessoas por dia e com uma área de construção de cerca de 4314 m<sup>2</sup> distribuída por 4 pisos, sendo um espaço integrado 100% Wellness que alia a Saúde à prevenção e ao Bem-estar.

Cró Termas - Moderno balneário termal vocacionado para o tratamento de problemas músculo-esqueléticos, reumáticos, respiratórios e dermatológicos, que utiliza na realização dos seus tratamentos a água mineral do Cró, reconhecida pelas suas vocações terapêuticas. Dispõe de sala de vias respiratórias (adultos e crianças), piscina termal + corredor de marcha osteoarticular e corredor de marcha vascular, banheiras de hidromassagem, duches de massagem Vichy, duche circular, duche de jacto, duche pedidaix, hidropressoterapia, e estufas de vapor (coluna, membros e costas), etc.

Cró Ludic - Espaço lúdico composto por piscina aquecida hidrodinâmica de puro relaxamento, com varias animações que a tornam única no país.

Cró Corpus - Área de wellness com uma oferta completa integrando ginásio Cardio + Kinesis, tratamentos de rosto e corpo, massagens, sauna e banho turco.

Cró Fisio - Área centrada em técnicas de reabilitação e fisioterapia, possibilitando reabilitações cuidadas e personalizadas, com elevada qualidade de recursos humanos e equipamentos.

Assim pretende-se com este Balneário de excelência e na Vanguarda do termalismo, potenciar o Termalismo Clássico e o Bem-estar, alavancando a economia local e tornando-se num projeto ancora para o concelho.

Atualmente encontra-se em construção o Hotel Rural do Cró, de 4 estrelas, que dispõe de 30 quartos.



Fisioterapia - Crófisio

### **Termas do Cró - Sabugal**

Recentemente a Natura Empreendimento SA, através das Termas do Cró no Sabugal, assinou um protocolo de colaboração na área da prestação de serviços de fisioterapia aos atletas da Associação de Futebol da Guarda que necessitem de reabilitação.

### **Cró Fisio**

Área centrada em técnicas de reabilitação e fisioterapia, possibilitando reabilitações cuidadas e personalizadas, com elevada qualidade de recursos humanos e equipamentos.

Dispõe de Sala de Agentes Físicos (Eletroterapia) e Ginásio de Mecanoterapia.



### **TERMAS DE LONGROIVA**

As Termas de Longroiva, situam-se na freguesia de Longroiva no concelho da Meda.

As águas termais de Longroiva devem ser conhecidas desde os tempos pré-históricos. Os arqueólogos, desde há muito, vêm reconhecendo em estâncias aquíferas medicinais vestígios do seu aproveitamento pelo homem pré-histórico. O povoamento desta região feito desde o Paleolítico leva-nos a pensar que estas águas não terão passado despercebidas a esses remotos habitantes.

As mais remotas referências históricas ao valor medicinal das águas de Longroiva parecem datar do séc. XVII.

No séc. XVIII há algumas citações, entre elas, uma referida no Aquilégio Medicinal de Fonseca Henriques (Primeiro Inventário das águas Minerais Naturais de Portugal Continental, editado pela primeira vez em 1726)

Vocacionadas para o tratamento de problemas músculo-esqueléticos, reumáticos e respiratórios, o novo balneário é constituído por salas de tratamento para problemas das vias respiratórias, piscina termal e todos os tratamentos convencionais termais.

Para além da sua vertente terapêutica, as Termas de Longroiva, dispõem de uma área wellness, com uma oferta completa integrando 3 cabines de massagens, 1 sauna e 1 banho turco. Com a diversificação da oferta, pretende-se que aumente a frequência de termalistas e atingir mercados com maior poder de compra e mais jovens, sem no entanto desprezar o termalista tradicional, que é e sempre será o grande mercado das termas.

Atualmente está em construção o Hotel Rural Termas de Longroiva.

#### **Contactos - Sites**

Civil Casa [www.civilcasa.com](http://www.civilcasa.com)

Natura Empreendimento SA [www.naturaempreendimento.com](http://www.naturaempreendimento.com)

#### **Termas do Cró**

[www.termasdocro.com](http://www.termasdocro.com); [www.facebook.com/termasdocro](https://www.facebook.com/termasdocro)

#### **Termas de Longroiva**

[www.termasdelongroiva.com](http://www.termasdelongroiva.com); [www.facebook.com/longroivatermas](https://www.facebook.com/longroivatermas)

## **7.3 Outros recursos hídricos, naturais e históricos de interesse**

Uns dos mais importantes e imponentes recursos importantes para o turismo local, regional e de interligação de e para com as Termas do Cró, encontram-se a sul e nascente do concelho do Sabugal, estando eles interligados funcional e naturalmente, e envolvendo o Rio Côa perto da sua zona nascente, ou seja, estamos a falar da Barragem do Sabugal e da Reserva Natural da Serra da Malcata.



Figura 79 - Potencial aproveitamento turístico e geriátrico para a envolvente à Barragem do Sabugal (“Ofélia Packs”) (Fonte: capeiaarraiana.P.L.B, 2014)

Existem também nas proximidades outros recursos hídricos algo interessantes e que demonstram uma atratividade e carinho da população em tempo de férias pelas suas origens, passando estes por zonas fluviais de lazer, açudes para pesca, monumentos, etc...



Figura 80 - Praia Fluvial do Sabugal (Fonte: JoséGuilherme, 2004; fragasepragas.com, J.C.Callixto, 2010)



Figura 81 - Zona Fluvial de Rapoula do Côa (Fonte: Panoramio.com, 2013)



Figura 82 - Zona Fluvial de Vale Longo do Côa e Ponte de Sequeiros (Fonte: Capeiaarraiana, Noctulachannel, 2014)

Rio Côa (Antiga Fronteira entre Portugal e Castella)

## Capítulo 8

### Proposta de Intervenção na Zona do Parque Termal do Cró - “A CASA DAS TERMAS”

#### 8.1 Nota introdutória

A ideia de finalização desta tese de mestrado passa pela convergência do estudo elaborado numa proposta de intervenção e recuperação do edificado existente junto às atuais termas do Cró, pretendendo-se devolver ao lugar a “vida” que no passado ali existiu acrescentando ao edifício das antigas termas e edifícios dirigidos à habitação, serviços e turismo com a dignidade merecida, recuperando-as no sentido de criar um conjunto de valências que possam potenciar o existente e fortalecer a atual ideologia turística, assim como um desenvolvimento económico sustentável.

A recuperação do antigo balneário termal passa por criar naquele edifício uma nova função que nos remeta para o passado histórico dos tempos áureos de funcionamento, sendo

proposto a criação de uma valência museológica e de exposição do lugar onde esta inserido com especial referencia as termas, à água e ao património cultural local e toda a sua história dando ainda a possibilidade à criação de um espaço para exposições temporárias e de um pequeno anfiteatro que criem dinamismo cultural e social, com o descanso e lazer que lhe possam ser inerentes.

Além da reabilitação do edifício do antigo balneário, que de acordo com a proposta do Plano de Pormenor do Cró, por questões de homogeneidade de nomenclatura se designa como, “A CASA DAS TERMAS”, outros edifícios e zonas envolventes terão de ser reabilitados no sentido de se oferecer a qualidade devida ao espaço em geral pretendido.

Assim, estrategicamente necessitam-se de diversas atividades, as quais se complementarão entre si, como são designadamente:

Habitação / Repouso / Saúde

Espaço Social / Cultural / Religioso

Museu / Exposições / Lazer

Turismo rural / Fauna / Flora

Atividades ao ar-livre (campismo, caravanismo, etc...)

Percursos pedestres / Zonas fluviais

Esta infraestrutura irá, com grandes probabilidades, dar todo o apoio logístico e desenvolvimento económico ao novo balneário e ao hotel, bem como, impulsionar o turismo de saúde e bem-estar na Beira Interior da Zona Centro, assim como as relações para com o litoral do país e com a vizinha Espanha.

## 8.2 Reabilitação Arquitetónica - proposta de intervenção, preservação e revitalização

O edifício, pelas suas características, envolvente em que se insere e relações para com o local e deste para com as localidades de Rapoula do Côa e de Seixo do Côa, bem como com as restantes localidades do concelho do Sabugal, solicita que se pense sobre ele num sentido de revitalização e de preservação da memória do local como sendo o primeiro edifício criado para as atividades termais. Trata-se então de um “marco” de génese social, cultural e até histórico que merece a devida atenção pelo seu enquadramento no Parque Termal do Cró, bem como na região onde se insere.

Assim, e numa intenção de reviver o passado, atrair a curiosidade do público, dignificar o espaço e desenvolver a economia local, propõe-se a reabilitação do edifício para que tenha duas modalidades principais, ou seja:

- recriação de elementos figurativos do passado;
- dinamização sociocultural e económica autossustentável.

Mais detalhadamente e conforme se mostra em desenhos explicativos, dentro de um quadro geral previsto para o local, mais especificamente para o edifício em estudo pretendem-se novas potencialidades, quer no piso inferior (**figura 83**), quer no piso superior (**figura 84**).

O que aqui se apresenta sucintamente, é mais detalhadamente demonstrado num estudo prévio que se afigura como anteprojecto onde constam peças escritas e desenhadas esclarecedoras da ideia tida para o local (**ANEXO II**).

## 8.2.1 O piso inferior

Para o **Piso Inferior**, propõem-se espaços recuperados com recriações e exposição permanente tendo como tema “ANTIGAS TERMAS E BALNEÁRIO”, onde se prevê à entrada a receção, o balneário de submersão, o consultório médico e a enfermaria, seguindo-se espaços de exposições recreativas aa época de funcionamento.

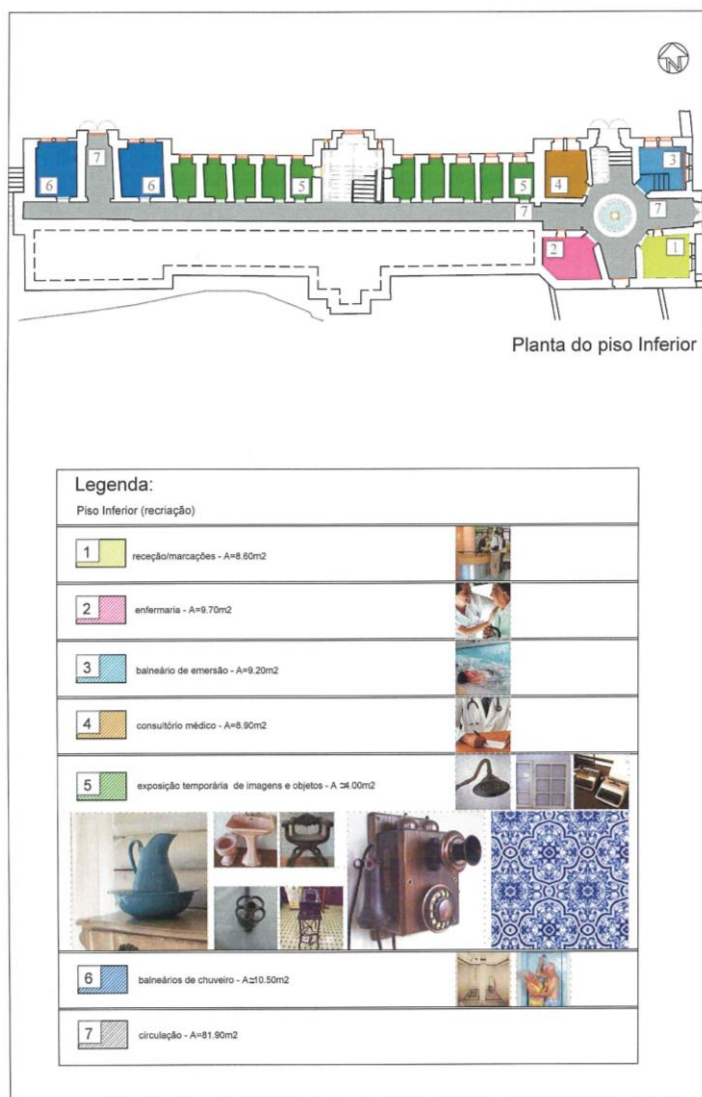


Figura 83 - Proposta de Intervenção para o Piso Inferior “Casa das Termas”, Cró (Fonte: Autor, SIG - CMSabugal, 2015)

## 8.2.2 O piso superior

Para o **Piso Superior**, que servirá de entrada principal para todo o edifício, é proposta uma intervenção com um carácter mais futurista e de utilização e dinamização do edifício e do local em si, bem como a flexibilização e relação para com o restante parque termal e infraestruturas já existentes.

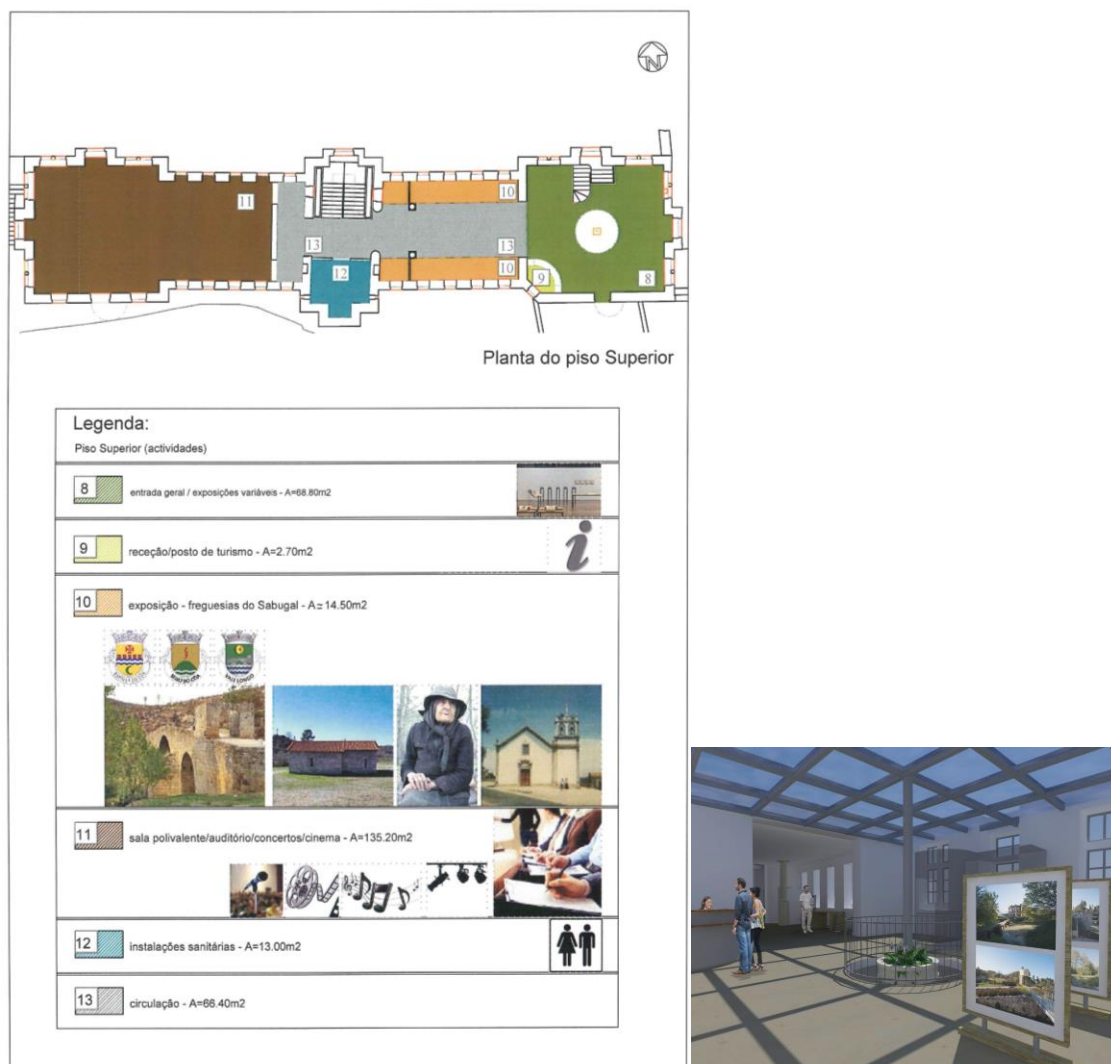


Figura 84 - Proposta de Intervenção para o Piso Superior “Casa das Termas”, Cró (Fonte: Autor, SIG - CMSabugal, 2015)

## Conclusão

Com este trabalho é apresentada uma panorâmica convergente a partir de uma área mais abrangente, que é o concelho do Sabugal, passando pela Bacia Hidrográfica do Côa e orientando-se para o Parque Termal do Cró, sendo que deste se elabora um estudo mais aprofundado do edifício do antigo balneário, ou seja, “A CASA DAS TERMAS”, que por si só reúne as condições de simbolismo emblemático da lembrança e da história do que naquele sítio se passou ao longo de décadas.

Pelo presente, obtém-se o conhecimento necessário e essencial para uma perceção do estudo e do local estudado, sendo que é claro que muito mais se poderia demonstrar, quer pela riqueza cultural, natural e histórica do concelho, quer pela diversa e volumosa informação de que se dispõe, uma vez que se consegue demonstrar a ocupação humana de tal território desde tempos longínquos que ascendem ao “Paleolítico”.

Conclui-se também por um potencial turístico e consequente desenvolvimento económico da região, não só por movimentos monetários que possam surgir num futuro mais próximo, mas também pelo combate ao tão carente povoamento da zona através da fixação de pessoas com postos de trabalho dignos e seguros, bem como pela atratividade de turistas e visitantes de todas as faixas etárias, assim como o incentivo ao investimento.

O Município do Sabugal adquiriu o local em 1980, tendo iniciado uma nova era de reabilitação e dinamização. Cabe-lhe, se assim o entender, aproveitar esta e outras ideias para ir de encontro às necessidades de desenvolvimento e contrariar a tendência de desertificação que se tem vindo a sofrer.

O Parque Termal do Cró associado à cidade do Sabugal, a outros pontos de interesse cultural como são os Castelos, as condições naturais da Reserva Natural da Serra de Malcata, a Barragem do Sabugal, a Barragem de Alfaiates, a zonas agrícolas e pecuárias, e a infraestruturas disponíveis, tem as necessárias condições para mediante uma coordenação conjunta a partir de uma política adequada conduzir a um desenvolvimento sustentável do território do “Alto Côa”.

- “DEUS QUER, O HOMEM SONHA E A OBRA NASCE”  
(FERNADO PESSOA);

- “PARA FAZER UMA OBRA DE ARTE NÃO BASTA TER TALENTO, NÃO BASTA TER FORÇA, É PRECISO TAMBÉM VIVER UM GRANDE AMOR”  
(Wolfgang Amadeus Mozart).

## Referências Bibliográficas e Outras

1. Alexandre, C. (2003), “*Estudo Historiográfico das Termas do Cró*”, Sabugal;
2. Boavida, L. (1981), “*Proposta para elaboração do estudo do conjunto da área de intervenção e projetos do núcleo termal da recuperação e desenvolvimento das termas do Cró*”, Ínsula - Estudos e Projetos, Lisboa;
3. Cabanas, A. (2006), “*Carregos - Contrabando na Raia Central*”, Penamacor;
4. Capeiaarraiana (2015), “<https://www.google.pt/#q=capeiaarraiana>”, [acedido a 16/07/2015];
5. Cavaleiro et al. (2006), “*Aspectos geoambientais e cartografia de vulnerabilidade das termas, Caldas do Cró com recurso aos sistemas de informação geográfica*”, Lisboa;
6. Cavaleiro, V. (2002), “*Plano de exploração das Termas do Cró*”, Concessionário - Câmara Municipal do Sabugal, UBI, Covilhã;
7. Censos (1960), “*Recenseamento geral da população*”, INE;
8. Censos (2011), “*População Residente, População Presente, Famílias, Alojamentos e Edifícios*”, Quadros III, P.56, file:///C:/Users/Miguel/Downloads/Censos2011\_ResultadosProvisorios.pdf [acedido a 20/07/2015];
9. Civil Casa “[www.civilcasa.com](http://www.civilcasa.com)”; Natura Empreendimento SA “[www.naturaempreendimento.com](http://www.naturaempreendimento.com)”; Termas do Cró “[www.termasdocro.com](http://www.termasdocro.com) / [www.facebook.com/termasdocro](https://www.facebook.com/termasdocro)”; Termas de Longroiva “[www.termasdelongroiva.com](http://www.termasdelongroiva.com) / [www.facebook.com/longroivatermas](https://www.facebook.com/longroivatermas)”;
10. Cofetis (2015), “*Plano de Pormenor do Parque Termal do Cró - Sabugal*”, Porto;
11. Correia, J. (1946), “*Memórias sobre o concelho do Sabugal*”, Lisboa; Paginação Fim142
12. Estrela-Côa (1998), “*Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo - Os Valores do Côa*”, Conceção e Coordenação: Parque Arqueológico Vale do Côa, por Marcos Osório, Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal), Jorge Fortuna, Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos), Paulo Dordio, Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto) e por por Laura Castro, Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto) e Ana Margarida Carvalheira, Mestre em História de Arte; Sabugal;

13. Freire, L. (1969). “POR TERRAS DO SABUGAL - Quadros Etnográficos”, Composto e Impresso na Empresa de Publicidade do Norte, Porto;
14. Guerra T. (1997), “Dicionário Geológico-Geomorfológico. IBGE”, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orogenese> [acedido a 18/07/2015];
15. Iberotermas (2000), “*Peça desenhada, distribuição de água termal no balneário provisório*”;
16. Jornal do Fundão (1984), “*Jornadas da Beira Interior*”, Fundão; PaginaçãoFim22
17. Léxico (2015), “Dicionário Online de Português...”, [http://www.lexico.pt/...](http://www.lexico.pt/) [acedido a 18/07/2015];
18. Marques, C. (1936), “*A Bacia Hidrográfica do Côa*”, Sabugal. Edição 394, Agosto 1995, Maria da Graça Manta, Guide - Artes Gráficas, Lda. / Textos originais publicados na revista “*BIBLOS*”, Volume 11 (1935) e Volume 12 (1936);
19. Pinheiro, JC. (2013) - «*As Termas do Cró: Tanto História quanto Saúde*». In *Iberografias*, 24, 2013. *Wikipédia* [acedido a 19/07/2015];
20. Porto Editora (2015), “*Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]*”. Porto. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>;
21. Rosinha, B. (2009), “*Puema dos Contrabandistas*”, Vale de Espinho;
22. Sabugal CM. (2014), “<http://www.cm-sabugal.pt/index.php/concelho/14-historia>” [acedido a 18/07/2015];
23. Sabugal PMEPC (2010), “Plano Municipal de Emergência de Proteção Civil do Sabugal”;
24. Sabugal, CM. (2012), “<http://www.cm-sabugal.pt/index.php/noticias/159-elaboracao-do-plano-de-pormenor-do-parque-termal-do-cro-participacao-preventiva>”, [acedido a 20/07/2015];
25. Sabugal, CM. 2015, “Alfaiates no tempo de D. Manuel, o Foral de 1515 - Estudo, Transcrição e Fac-Simile”, João Carlos Santos Pinho;
26. Sabugal+, EM (2007), “*Jornadas do Contrabando*”, Sabugal;
27. Saussure H. (1779), “Geologia, a palavra introduzida de forma definitiva, por Horace-Bénédict de Saussure”, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Geologia> [acedido a 18/07/2015];
28. Torga, M. (1966), “*Novos Contos da Montanha*”, 12ª Edição, Coimbra;
29. Wikipedia (2015), “[https://pt.wikipedia.org/wiki/Art\\_déco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Art_déco)”;

30. Wikipedia (2015), “[https://pt.wikipedia.org/wiki/Capeia\\_arraiana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capeia_arraiana)”, Património Etnográfico. Câmara Municipal do Sabugal; Web.cm-sabugal.pt. Ficha de património imaterial Instituto dos Museus e da Conservação (visitado em 3 de setembro de 2012); XXX Capeia Arraiana da Casa do Concelho do Sabugal Web.cm-sabugal.pt.; Festas, Romarias, Feiras, Mercados, Touradas, Capeias e Garraçadas Câmara Municipal do Sabugal cm-sabugal.pt; Cf. Anúncio n.º 16895/2011 (2.ª série), de 16 de novembro e a respetiva ficha; Rota das Capeias, Câmara Municipal do Sabugal (2012).
31. Wikipedia (2015), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Alfaiates](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Alfaiates) [acedido a 16/07/2015];
32. Wikipedia (2015), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Sortelha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Sortelha) [acedido a 16/07/2015];
33. Wikipedia (2015), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Vila\\_do\\_Touro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Vila_do_Touro) [acedido a 16/07/2015];
34. Wikipedia (2015), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_de\\_Vilar\\_Maior](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Vilar_Maior) [acedido a 16/07/2015];
35. Wikipedia (2015), [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo\\_do\\_Sabugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_do_Sabugal) [acedido a 16/07/2015];

## Outras Referências

- Flyer das Caldas do Cró, 1957;
- Livro da atas das sessões de câmara de 1871 a 1927;
- Sabugal+ (2008), “*Sabugal: roteiro turístico / textos Jorge Torres*”, Pró-Raia - Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte - Município do Sabugal, Sabugal;

## Legislação

- “*RAN, Reserva Agrícola Nacional*”, Regime Jurídico da RAN, D.L.nº73/2009 de 31/03;
- “Aprovação da carta da RAN para o concelho do Sabugal”, Portaria nº154/93 de 10/02;
- “*REN, Reserva Ecológica Nacional*”, Regime Jurídico da REN, D.L.nº166/2008 de 22/08, alterado e republicado pelo D.L.nº.239/2012 de 02/11, com a redação do artº.20º dada pelo artº.21º do D.L.nº96/2013 de 19/07;
- “Aprovação da carta da REN para o concelho do Sabugal”, Portaria nº1045/93 de 18/10;
- “*Área de biótipos, CORINE 2000, Rede Natura 2000*”, Diretiva 79/409/CEE de 02/04, Diretiva das Aves, e a Diretiva 92/43/CEE de 21/05 alterada pela Diretiva 97/62/CE de 27/10, relativa à preservação dos habitats naturais SIC (Sítios de Importância Comunitária), da fauna e da flora selvagens- ZEC (Zonas Especiais de Conservação) e ZPE (Zonas de Proteção Especial)
- Diretiva Habitats. Sítio de Importância Comunitária: Malcata (79079ha) - Sítio n.º PTCON0004
- “*Plano Diretor Municipal do Sabugal*”, Resolução do Conselho de Ministros nº.114/94 de 13/10;
- “*Regulamento da Urbanização e Edificação para o Concelho do Sabugal*”, Aviso nº.22836/2010 de 09/11;
- “*Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios*”, Município do Sabugal 2008, D.L.nº124/2006 de 28/06, entretanto já alterado e republicado pelo D.L.nº17/2009 de 14/01;
- “*Plano Setorial da Bacia Hidrográfica do Douro*”, Diretiva 2000/60/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23/10, Diretiva Quadro da Água (DQA). Lei da Água (LA - Lei nº58/2005 de 29/12, alterada e republicada pelo D.L nº130/2012 de 22/06);
- “*Regime Jurídico da Atividade Termal*”, D.L.nº142/2004 de 11/06;
- “*Regime da Utilização dos Recursos Hídricos*”, D.L.nº226-A/2007 de 31/05;
- “*Plano de Pormenor da Área Termal do Cró*”, Município do Sabugal 05/2012 (ANEXO I-d);